

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JUSSARA MARQUES HÜBNER

CULTURA DE PAZ: UM CAMINHO DE ESPERANÇA PARA A EDUCAÇÃO

São Leopoldo

2014

JUSSARA MARQUES HÜBNER

CULTURA DE PAZ: UM CAMINHO DE ESPERANÇA PARA A EDUCAÇÃO

Trabalho final
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de concentração: Religião e
Educação

Orientador: Rudolf von Sinner

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H879c Hübner, Jussara Marques
Cultura de paz, um caminho de esperança para a educação /
Jussara Marques Hübner ; orientador Rudolf Von Sinner. – São
Leopoldo : EST/PPG, 2014.
122 p. : 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-
Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Paz. 2. Paz – Estudo e ensino. 3. Bioética. 4. Paz –
Aspectos religiosos – Cristianismo. 5. Sermão da montanha. 6.
Educação – Finalidade e objetivos. I. Sinner, Rudolf Eduard von.
II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha filha Ana Paula que dia após dia reúne seus alunos em volta da mesa e com paciência e dedicação auxilia-os a encontrarem seu caminho como estudantes autônomos e responsáveis. Pela sua incansável dedicação nem sempre reconhecida.

Ao Arno Hübner, meu esposo, psicanalista, que tem descoberto a apaixonante carreira da educação dedicando sua experiência em apoiar e orientar meninos e meninas, do ensino fundamental e médio, resgatando muitos deles a se encontrarem consigo mesmos mudando a sua história.

Deus os abençoe ricamente.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a DEUS, o autor e consumidor da fé. Fé que me fez acreditar que esse tempo chegaria para minha vida.

Aos queridos familiares, principalmente meu amado esposo Arno Hübner, que apoia de forma incondicional o meu momento mesmo em detrimento de momentos com a família.

Aos meus filhos, noras e genro que vibram comigo na conquista dessa etapa de estudos.

Aos meus netos Saulo e Pedro Henrique pela alegria que trazem ao meu dia a dia.

Ao meu pai, *in memoriam*, que sempre foi um promotor da paz com o seu amor, sua misericórdia, sua compreensão para com o próximo, e, por meio de suas ações aprendi que amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a mim mesma resume toda a lei de Deus.

A minha mãe, que aos noventa anos de idade teima ainda em ser autônoma e protagonista de sua vida, para a nossa constante preocupação. Obrigada mãe por sua garra e determinação.

A Faculdade Batista Brasileira por ter possibilitado ingressar-me no mestrado fazendo essa parceria com a EST, instituição de alto conceito acadêmico.

Aos ilustres professores da EST, Prof. Wilhelm Wachholz, Profa. Gisela Streck, Profa. Laude Brandenburg, Prof. Remi Klein, que com total dedicação e carinho se despuseram ir à outra cidade tão longe para ajudar-nos a ver de forma diferente e ampliada as coisas simples e complexas da vida.

Ao professor Rudolf von Sinner, por sua dedicação, elegância ao orientar-me com sua paciência e sabedoria corrigindo-me sempre com respeito e firmeza.

Aos meus queridos colegas de turma, pelo incentivo e companhia cada final de semana. Em especial a Profa. Marilene Ferreira, amiga de longa jornada na educação.

A todos, o meu, muito obrigada.

“Quando se sonha sozinho é apenas sonho. Quando sonhamos juntos, é o começo da realidade”.

Cervantes.

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo geral apresentar a importância da Cultura da Paz examinando o sermão do Monte em harmonia com os Pilares da Bioética e suas contribuições para a promoção da Cultura da Paz. A Educação como um instrumento próprio na divulgação e promoção da Cultura da Paz e a religião como forte aliada da ciência na propagação da paz. Os objetivos específicos são: Apresentar o Movimento Mundial da Cultura da paz; Contribuir com o estudo sobre o Sermão do Monte e os pilares da Bioética na promoção da Cultura da Paz; Refletir sobre função da escola como um local propício para a implantação da cultura da Paz sem esquecer de seus desafios mantendo a esperança e a fé em dias melhores. Apresentar alguns desafios da escola de hoje e as possíveis saídas para as crises da contemporaneidade sobre a escola. A dissertação é dividida em três capítulos. O primeiro versa sobre a Cultura da paz. O segundo sobre a contribuição da religião especificamente cristã através do Sermão do Monte proferido por Jesus Cristo e os Pilares da Bioética. Por último, A escola como espaço propício a implantação da cultura da paz. Dialogamos dentre outros com: Boff, Dreyfus, Nascimento, Engelmann, Milani, Dias, Noletto, Rodrigues, Sinner, Waiselfisz, Barchifontaine, Beauchamp, Brakemeier, Comte-Sponville Cescon e Nodari, Delors, Sales, Gadoti, Estáquio, Martin Lutero, Boock, D'Ambrósio, Lück, Aranha, Almeida, Chalita, Paulo Freire. A metodologia empregada é a bibliográfica, pesquisando em toda literatura pertinente, abrangendo várias áreas do conhecimento como também, outros meios de informação a respeito do tema que abarque toda bibliografia já tornada pública, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, etc. Utilizei, onde apropriado, meios de comunicação orais: rádio, gravação em cd e áudio visual: filmes e televisão. Portanto, essa pesquisa busca, em um primeiro momento, verificar por meio de pesquisa bibliográfica e da interlocução entre religião e educação fundamentar teoricamente a possibilidade de mudança de comportamento entre os agentes escolares, desde a direção até o porteiro, Certamente, essa paz que desejamos é um reflexo da construção de valores como bondade, justiça, equidade, humildade. O espaço escolar pode tornar-se um local propício para a promoção de Cultura de Paz tendo como meta Educar para a Paz.

Palavras-chave: Cultura da Paz. Sermão do Monte. Pilares da Bioética. Escola Participativa e Cidadã. Educar para a Paz.

ABSTRACT

This thesis has as its general goal to present the importance of the Culture of Peace examining the Sermon on the Mount in harmony with the Pillars of Bioethics and their contributions to the promotion of a Culture of Peace. And Education as an appropriate instrument in divulging and promoting a Culture of Peace with religion as a strong ally of science in the propagation of peace. The specific goals are: to present the World Movement of a Culture of Peace; contribute to the study of the Sermon on the Mount and the pillars of Bioethics in the promotion of the Culture of Peace; reflect on the role of the school as a propitious space for the implantation of a Culture of Peace without forgetting its challenges while maintaining hope and faith in better days; to present some of the challenges of the school today and possible ways out of the crises of contemporaneity within the schools. The thesis is divided into three chapters. The first deals with the Culture of Peace. The second is about the contribution of religion, specifically the Christian religion, through the Sermon on the Mount proffered by Jesus Christ, and the Pillars of Bioethics. And the last deals with the school as a propitious space for the implantation of a culture of peace. We dialogued with: Boff, Dreyfus, Nascimento, Engelmann, Milani, Dias, Noletto, Rodrigues, Sinner, Waiselfisz, Barchifontaine, Beauchamp, Brakemeier, Comte-Sponville, Cescon and Nodari, Delors, Sales, Gadoti, Estáquio, Martin Lutero, Boock, D'Ambrósio, Lück, Aranha, Almeida, Chalita, Paulo Freire. The methodology used was bibliographic, researching in all the pertinent literature, ranging over various areas of knowledge, as well as in other means of information regarding the theme which covers all the bibliography already made public, from sporadic publications, bulletins, newspapers, journals, books, to other research, monographs, theses, etc. Where appropriate I used oral means of communication: radio, CDs and audio visuals: films and television. Therefore this research seeks to, in the first moment, theoretically substantiate, through bibliographic research and through the interlocution between religion and education, the possibility of behavioral change among school agents, from the head staff to the door keeper. Certainly, this peace which we desire is a reflection of the construction of values such as kindness, justice, equity, humility. The school space can become a propitious space for promoting a Culture of Peace as the goal of Educating for Peace.

Keywords: Culture of Peace. Sermon on the Mount. Pillars of Bioethics. Participative and Citizen School. Educate for Peace.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Mortes em conflitos armados no mundo e por armas de fogo no Brasil	39
QUADRO 2 – Retrato do período entre 1980 a 2010.....	39
QUADRO 3 – Mortalidade por arma de fogo	40
QUADRO 4 – Óbitos por arma de fogo.....	40
QUADRO 5 – Crianças, idosos e mulheres	41
QUADRO 6 – Violência contra idosos	42
QUADRO 7 – Violência contra mulheres	43
QUADRO 8 – Sociedade Contemporânea X Bem-aventuranças de Jesus.....	71
QUADRO 9 – A gestão escolar participativa é fundamental para:.....	81
QUADRO 10 – Ações necessárias	82
QUADRO 11 – Taxa de aprovação, reprovação e abandono	87
QUADRO 12 – Perigos que afetam as escolas	89
QUADRO 13 – Estados da Federação.....	104
QUADRO 14 – Resultados dos avaliadores	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 CULTURA DE PAZ	25
1.1 O que é Cultura de Paz?	26
1.2 Confiança e convivência	31
1.3 Convivência e justiça.....	33
1.4 Cultura da Paz e o respeito à diversidade	35
1.5 A questão da violência	38
1.6 Promoção da cultura da paz	44
2 HARMONIA E PAZ NA CONVIVÊNCIA HUMANA A PARTIR DA BIOÉTICA E DO SERMÃO DO MONTE	49
2.1 Surgimento da Bioética, a ética da vida.....	52
2.1.1 Conceito e abrangência da Bioética	54
2.1.2 Os Pilares Da Bioética	56
2.2 O Sermão do Monte: as Bem-Aventuranças, contribuições para a promoção da paz.....	61
2.2.1 O Caráter do Cristão: as Bem-Aventuranças.....	63
2.2.2 O Sermão do Monte é para os dias de hoje	65
2.3. Humildade e paz em destaque.....	66
3 ESCOLA, DESAFIOS E ESPERANÇAS: LOCAL PROPÍCIO PARA A EDUCAÇÃO PARA A PAZ	73
3.1 A Escola e sua história através dos tempos	75
3.2 A Escola atual.....	78
3.3 Escola: gestão participativa e cidadã	80
3.4 Escola, desafios e esperanças	86
3.4.1 O desafio da evasão escolar	86
3.4.2 O desafio da Formação Continuada de Professores	87
3.5 Educação para a paz, esperança permanente.....	89
3.5.1 A escola como espaço de oportunidades de aprendizado para a resolução de conflitos.....	94
3.6 O desafio da Não-Violência	96
CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS	117

INTRODUÇÃO

A paz é um fenômeno complexo que exige uma perspectiva transversal envolvendo várias ciências, como teologia, antropologia e sociologia, por exemplo. Este diálogo irá contribuir para o conhecimento das possíveis origens da violência, como também promover discussões com os atores educacionais que levem a ações pró-ativas para a implantação de uma Cultura de Paz a partir do / no espaço escolar.

O relatório da reunião internacional sobre Educação para o Século XXI, da UNESCO, apresenta quatro grandes necessidades de aprendizagem dos cidadãos do próximo milênio às quais a educação deve responder, são eles: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser”.¹ Desejamos destacar que o aprender a conviver é uma consequência do aprender a ser. Por isso a importância da formação de valores éticos e de cidadania, para garantirmos uma convivência solidária e conciliadora entre as pessoas, buscando construir uma sociedade cidadã planetária, humana e fraterna.

Nosso objetivo foi verificar por meio de pesquisa bibliográfica, a possível contribuição da educação e da religião para fundamentar uma Cultura de Paz, visando obtenção de prováveis mudanças de comportamento entre os agentes escolares, buscando a adoção de uma nova postura, em favor da não- violência.

Para tanto, dirigimos a nossa pesquisa com alguns objetivos que nos nortearam nessa caminhada, quais sejam: apresentar o conceito do movimento da Cultura da Paz e ações já praticadas no Brasil. Historiar a função da escola através dos tempos, sua função e importância para a sociedade. Apresentar o sermão do monte e os pilares da bioética como uns dos caminhos da propagação dos valores éticos, da justiça e da misericórdia na busca pela paz na escola de educação básica. Buscando também apresentar a escola como um local propício à implantação de uma Cultura de Paz para tanto requer-se dela nova postura quanto ao lidar com as dimensões humanas, pedagógicas e administrativas. Um novo modelo de escola: uma escola participativa e cidadã, como possibilidade de desenvolver a Cultura da Paz. Importa analisar os vários tipos de violência nas escolas de ensino básico e possíveis soluções.

¹ DELORS, Jacques. *Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI*. Brasília: UNESCO, 1998.

Entendemos que para melhor compreensão da dissertação devemos iniciar respondendo às seguintes questões: Como se dá o movimento da Cultura da Paz? Quais as características e desafios que a sociedade contemporânea tem apresentado para a escola de educação básica? A violência é uma realidade? Como o diálogo entre a bioética e o sermão do monte proferido por Jesus Cristo podem contribuir para a promoção da Cultura da Paz nas famílias, nas escolas de educação básica? Como alcançaremos resultados positivos na promoção da paz e na coibição da violência por meio do diálogo entre os agentes escolares e a religião?

Certamente o movimento da Cultura da Paz se bem propagado trará resultados positivos nas relações interpessoais e coletivas. Jesus Cristo, ao proferir o sermão do monte, as bem-aventuranças, apresenta um viver ético, justo, digno e misericordioso para com o próximo. Se tais valores forem bem trabalhados a partir família, na escola, poderemos obter uma mudança de comportamento entre as pessoas que nelas convivem.

A bioética muito pode contribuir com a promoção da paz. Ao estudarmos seus principais conceitos de justiça, beneficência, não maleficência e autonomia, certamente obteremos uma convivência mais humana e digna. Vale ressaltar que a bioética tem seu foco nas questões de saúde tais como: a questão do aborto, se deve ou não realizar, das células-tronco, da fertilização e suas mais diferentes formas, da eutanásia, o morrer assistido, levando-nos a refletirmos sobre o tratamento digno do ser humano, como gente e não uma doença ou um problema a mais a ser tratado e considerado. A bioética, em seu desenvolvimento, foi abrangendo outras áreas como as questões ecológicas, o cuidado com todos os seres vivos e sua preservação, um pensar mais profundo sobre a sobrevivência humana a partir das reflexões sobre o ambiente. Ambiente que é base para a sustentação da vida.

Vem à mente a partir da pesquisa uma indagação constante, como ter paz num mundo tão conturbado? Hoje em nosso país há tanta desigualdade, tanta injustiça social. Se bem que a questão de conflitos, guerras, desavenças e injustiças, não são atributos apenas da contemporaneidade e nem só do Brasil.

A Bíblia, o livro sagrado para os Cristãos, é uma bússola que mostra um caminho para um viver harmonioso com o próximo, e no Novo Testamento ensina como pode-se ter paz no viver a contemporaneidade, quando retoma o problema da retribuição “olho por olho, dente por dente” (Ex 21.24/Lv 24.20/Dt 19.21)

apresentando um novo paradigma: perdoa “setenta vezes sete” (Mt 18.22) a aquele que o ofendeu. Dá a capa a quem pediu como empréstimo e caminha a segunda milha com o outro como uma demonstração de serviço ao próximo (Mt 5.40s.). Uma proposta inusitada combatendo qualquer tipo de violência como resposta a uma ofensa recebida. Como pode-se observar no tempo de Cristo ou nos dias atuais, o ser humano precisou e precisa reorientar suas ações a favor da convivência pacífica e harmoniosa. Enfrentando os conflitos e contrapartida combatendo à violência.

Algumas pessoas já desde tempos passados e dos dias atuais, pensaram e escreveram sobre a paz. *Platão* diz que, “A paz do coração é o paraíso dos homens”. *Cícero*, “Prefiro a paz mais injusta a mais justa das guerras”. Segundo *Santo Agostinho*, “Se queres ser pacificador entre dois de teus amigos que estão em discórdia, começa por ti mesmo a ser pacífico: deves meter paz em ti mesmo interiormente, onde talvez estejas em luta quotidiana contigo mesmo”. Conforme *Abraham Lincoln* “O primeiro dos bens, depois da saúde, é a paz interior”. *Archibald McLeish*, poeta americano, diz que “Uma vez que as guerras nascem no espírito dos homens, é no espírito dos homens que se devem erguer as defesas da paz”. *Augusto Cury* afirma: “Se você passar por uma guerra no trabalho, mas tiver paz quando chegar em casa, será um ser humano feliz. Mas, se você tiver alegria fora de casa e viver uma guerra na sua família, a infelicidade será sua amiga”. *Kossuth* diz: “Sou um homem pacífico; Deus sabe o quanto amo a paz. Porém espero jamais ser tão covarde que confunda opressão com paz.”²

Não desmerecendo os grandes escritores em seus pensamentos sobre paz desejo apresentar o maior dos pensadores que não somente escreveu sobre a paz, mas viveu essa paz em sua totalidade. Ele começa assim em João 14:1-27: “Não se abalem! Continuem confiando em Deus e continuem confiando em mim... Eu lhes deixo a paz. A minha própria paz eu dou a vocês. Eu não dou a paz como o mundo a dá. Portanto os seus corações não devem ficar nem perturbados nem com medo”.³ Daí surgem as seguintes indagações que se tornam o problema a ser respondido: qual a função da escola como espaço significativo de transmissão do conhecimento e quais os desafios na formação do ser humano autônomo e responsável? E ainda é possível o espaço escolar contribuir para implantação da Cultura da Paz?

² FRASES Sobre a Paz. Disponível em: <<http://www.amigodecristo.com/>>. Acesso em: 10 set. 2013.

³ BÍBLIA de Almeida. Revisada e Atualizada. São Paulo, Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. 2006.

A Comissão Internacional sobre Educação da UNESCO considera as políticas educativas um processo permanente de enriquecimento dos conhecimentos, do saber-fazer e, ainda, talvez de forma mais fundamental, como uma via privilegiada de construção da própria pessoa, das relações entre indivíduos, grupos e nações.⁴

A riqueza dos temas pode contribuir para a conscientização das pessoas que atuam em diversas funções na sociedade, de modo que se tornem instrumentos na propagação da harmonia, da paz e da boa convivência em todo e qualquer ambiente, seja familiar ou profissional.

Essa dissertação apresenta a importância de uma Cultura da Paz examinando o sermão do monte, as bem-aventuranças e os pilares da bioética e suas contribuições para a promoção da paz, e, a educação como um instrumento próprio na divulgação da paz. Aponta o Movimento Mundial da Cultura da Paz fazendo uma ponte com o estudo sobre o Sermão do Monte e os pilares da bioética na promoção da Cultura da Paz, refletindo sobre a função da escola como um local propício para a implantação da Cultura da Paz, que tem recebido da UNESCO em parceria com os Estados da Federação guias, orientações para o uso das escolas além dos dias normais, abrindo aos finais de semana, para receber os jovens, comunidades e famílias em projetos de cultura, lazer convergindo e transformando as energias direcionadas para atos de violência em energias criativas em favor da paz e da boa convivência.

Em seu primeiro capítulo o presente trabalho versa sobre uma cultura da paz. Deseja-se abordar algumas questões que servirão de pontos norteadores no desenvolvimento do tema proposto. O que é cultura de paz? O que é violência? A compreensão da diversidade é um dos caminhos importantes para o viver em paz? O que significa ser promotor/a da paz?

No segundo capítulo é apresentado o entrelaçamento entre o sermão do monte de Jesus Cristo - especificamente as bem-aventuranças - com os fundamentos da bioética e sua contribuição para a convivência humana mais respeitosa, solidária e justa.

Entendemos que a religião tem muito a contribuir para a paz ainda que, infelizmente, pode contribuir também para a guerra. Em prol da paz a religião age na medida em que abre espaço para o diálogo e o respeito ao outro quanto à sua

⁴ NOLETO, Marlova Jovchelovitch et al. *Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz*. 3 ed. Brasília: UNESCO, 2004. p. 28-29.

opção religiosa e para a guerra quando promove um fechamento diante da compreensão e aceitação do outro como um ser que, apesar de ter pensamentos diferentes, não impossibilita a convivência respeitosa e fraterna.

Von Sinner afirma, em seu artigo “Religião e paz: teses a partir de uma visão cristã em perspectiva evangélico-luterana”: “Quem quer falar da paz em perspectiva cristã precisa falar do testemunho de Jesus. Quem quer falar da paz precisa falar do bem-estar integral. Quem quer falar da paz precisa falar de uma ordem de direito, justa e democrática”.⁵ As teses apresentadas nesse artigo, levam-nos a revermos o papel da religião num contexto para implantação da paz. Jesus como modelo é o primeiro passo para revermos nossas ações e atitudes quanto ao próximo.

A religião pode, sim, participar na implantação de uma cultura de paz a medida que trabalha e se envolve com a pessoa como um ser “biopsicossocial”.⁶ O homem é um todo integral e indivisível, embora muitas vezes, para fins de estudo mais aprofundado surgem as especialidades. Mas precisamos retomar a visão do ser composto de diversas dimensões interligadas e inseparáveis. O ser humano é um ser espiritual, físico, psicológico, e social. Busca-se entender esse ser como um todo, ouvindo-o, envolvendo-se com os seus problemas reais e ultrapassando os portões das instituições religiosas, indo para o meio do povo.

No terceiro capítulo apresentamos a escola como um local propício às informações e transformações que desejamos ver em nossa sociedade. A escola é um espaço importantíssimo na sociedade, um espaço de convivência, de troca de saberes e de aprimoramento nas relações sociais. Mas o que vemos é que para muitos a escola se tornou depositária de crianças e jovens cheios das mais diversas dificuldades que, ultrapassando a capacidade dos pais em solucioná-los, estes transferem para as instituições escolares o papel de “dar um jeito” no problema.

O ser humano tem por direito inalienável a educação, obter uma formação que o capacite de viver com dignidade para a formação de um mundo em que a justiça social é uma realidade e uma prática diária. A educação tem papel motriz, é uma força vital para a transformação. Como diria o célebre Paulo Freire, “se a

⁵ SINNER, Rudolf von. Religião e paz: teses a partir de uma visão cristã em perspectiva evangélico-luterana. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 17-30, jun. 2006.

⁶ BIOPSIKOSSOCIAL. *Modelo seguido pela área de saúde*. Uma visão integral do ser e do adoecer que compreende as dimensões física, psicológica e social. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/biopsicossocial>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda”.⁷

Dialogamos com vários autores que muito nos inspiraram e nos embasaram sobre o tema proposto para essa pesquisa, dentre eles destacamos: Feizi Milani, Rita de Cassia Dias de Jesus, Inês Pozzagnolo, Philippe Perrenoud, Leo Pessini, Christian De Paul Barchifontaine, Carlos Queiroz, Rudolf von Sinner, Wilhelm Wachholz.

A metodologia empregada é a bibliográfica, pesquisando em toda literatura pertinente, abrangendo várias áreas do conhecimento como também, outros meios de informação a respeito do tema que abarque toda bibliografia já tornada pública, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, etc. Utiliza-se, onde apropriado, meios de comunicação orais: rádio, gravação em CD e áudio-visual: filmes e televisão.

⁷ FREIRE, Paulo. *Frases sobre Educação*. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/paulo_freire_frases_educacao/>. Acesso em: 20 jun. 2014.

1 CULTURA DE PAZ

Neste capítulo, são apresentados o conceito Cultura de Paz e outros elementos como a questão da violência em suas mais diversas formas, verbal, física, contra mulheres, jovens, crianças e idosos. Observa-se aspectos importantes para a promoção da Paz, como *a confiança, a convivência e a justiça*; o respeito com a natureza no sentido do cuidado com o todo que nos cerca, animais, plantas, ar, água, etc.; a observância na aceitação da diversidade: cultural, étnica e de gênero. Cita-se, ainda, alguns dados da UNESCO a favor do movimento da Cultura da Paz.

Quando se pensa em paz, vem à mente a prática da não-violência. Para agir em favor da paz, é preciso caminhar em direção da aceitação do outro em todos os seus aspectos, tais como a sua crença, a sua característica física, seus costumes e pensamentos. Pode-se até não concordar com o que o outro pensa, mas deve-se pelo menos ouvi-lo e respeitá-lo.

Dialogar com o outro pode ser o primeiro passo para ações contra a violência. Resistir à violência não significa algo simples e acomodado. Pelo contrário, requer ações onde eu luto para alcançar um objetivo sem dar espaço a qualquer atitude violenta.

Ao se falar sobre paz, outros temas se integram, como por exemplo: a violência, a criminalidade, os abusos de todas as formas (físicos, psicológicos, políticos, entre gêneros, preconceitos raciais e culturais), etc. Também devemos considerar aspectos bem pessoais, como os impulsos que, em fração de segundos, mudam a história de vida do ser humano, tal como um ímpeto de raiva que culmina em um tiro para matar alguém, por exemplo.

Assim, existem problemas macro e micro, mas todos eles, sejam particulares ou sociais, afetam profundamente a humanidade como também, em muitos casos, toda a natureza, que sofre com as ações impensadas ou às vezes descompromissadas com o futuro do planeta.

Estudar, pesquisar, se debruçar sobre esse tema é desafiador e ao mesmo tempo instigante. Quanto mais se busca compreender o que leva à violência, mais compreende-se o quanto a Cultura de Paz precisa ser uma missão de vida que deve ser implantada lá na gênese do indivíduo, em sua tenra idade, na formação de sua

personalidade. Ela deve fazer parte do cotidiano de cada pessoa, na família, nas instituições de ensino, na vivência em geral.

Sem dúvida, o empenho na promoção da Cultura de Paz requer esforço, um trabalhar em conjunto, em parcerias, questões que desenvolveremos mais adiante.

1.1 O que é Cultura de Paz?

Cultura de paz é processual, como plantar, regar, cultivar e colher paz. Qual é então o significado dessa semente chamada paz.

A paz, em sua etimologia, significa mais do que ausência de conflito, um bem-estar abrangente, tranquilidade. Isso não se alcança sem um esforço, sem um caminho de construção da paz por meio de ações conscientes. Os conflitos sempre estarão presentes, pois fazem parte das relações humanas. Pensar diferente uns dos outros, almejar coisas diferentes, a formação de cada um foi particular e, em uma mesma sociedade, isso tudo pode levar a conflitos.

No dicionário Aurélio temos a seguinte explicação para “conflito”:

Substantivo masculino. Oposição de interesses, sentimentos, ideias. Luta, disputa, desentendimento. Briga, confusão, tumulto, desordem. Desentendimento entre países. Conflito armado, guerra. Conflito de jurisdição, situação em que dois órgãos judiciais pretendem conhecer de uma mesma questão ou a isso se recusam, por atribuir cada qual ao outro tal competência. Psicanálise: Situação em que, no indivíduo, se opõem os impulsos primários e as solicitações ou interdições sociais e morais.⁸

Na *Cartilha da Paz*, produzida pelo Grupo Paranaense de Comunicação, encontramos que “violência é tudo aquilo que fere, destrói, agride ou machuca as pessoas, ações que não preservam a vida ou prejudicam o bem estar tanto individual quanto coletivo”.⁹

Somos seres humanos com sentimentos, frustrações, ambições, que produzem conflitos. Ter conflito faz parte da nossa humanidade. Entretanto, a forma como lidamos com ele é que faz toda a diferença. Os conflitos não resolvidos, dialogados, levam muitas vezes à violência, violência de vários formatos, vários tipos: física ou psicológica; intencional ou não intencional; entre indivíduos, grupos, nações, etc.

⁸ DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.dicionarioaurelio.com>>. Acesso em: 18 out. 2013.

⁹ CARTILHA DA PAZ. Associação Projeto não Violência Brasil. Curitiba: Grupo Paranaense de Comunicação, 2002. p. 3.

Célia Silva Guimarães Barros em seu livro, *Pontos de Psicologia do Desenvolvimento*, citando Ângela M.B. Baggio diz que: “O comportamento agressivo é geralmente difícil de ser reduzido, pois, na vida diária, ele é reforçado inconsistentemente (a agressão às vezes traz recompensas, às vezes traz punição e, outras vezes, não tem consequência alguma)”.¹⁰

Barros exemplifica que: “as pessoas que recorrem à agressão física para resolver seus conflitos interpessoais geralmente tem baixa habilidade verbal; por isso é que há maior incidência de agressão física nas classes sociais mais baixas”.¹¹ Portanto pode-se dizer que quando desenvolve-se a capacidade em dialogar, um passo importantíssimo é dado para a solução do conflito.

O que se observa na sociedade é que a violência está em um nível muito elevado. Os meios de comunicação tanto falados como escritos apresentam dados alarmantes diariamente. Dados da pesquisa de Waiselfisz nos mostram que:

Dividindo a população em dois grandes grupos: os jovens – 15 a 24 anos – e os não jovens – 0 a 14 e 25 e mais anos [...] Na população não jovem, só 9,9% do total de óbitos são atribuíveis a causas externas. Já entre os jovens, as causas externas são responsáveis por 73,6% das mortes. Se na população não jovem só 1,8% dos óbitos são causados por homicídios, entre os jovens, os homicídios são responsáveis por 39,7% das mortes. Mas essas são as médias nacionais. Em alguns estados, como Alagoas, Bahia, Pernambuco, Espírito Santo e Distrito Federal, mais da metade das mortes de jovens foi provocada por homicídio. Além dessas mortes, acidentes de transporte são responsáveis por mais 19,3% dos óbitos juvenis, e suicídios adicionam ainda 3,9%. Em conjunto, essas três causas são responsáveis por quase 2/3 (62,8%) das mortes dos jovens brasileiros.¹²

Alguns fatores explicativos podem ajudar a compreendermos sobre os motivos para tal violência. Waiselfisz busca sintetizar diversas abordagens já realizadas em mapas anteriores, principalmente no mapa de 2012, que focaliza esses novos padrões da violência no país.

Em primeiro lugar, a reestruturação do modelo de desenvolvimento.

A emergência desses novos polos de crescimento, atraindo investimentos e gerando emprego e renda, tornam-se também atrativos para a criminalidade, por serem áreas onde os mecanismos da segurança são

¹⁰ BAGGIO, Ângela M. B. apud BARROS, Célia Silva Guimarães. *Pontos de Psicologia do Desenvolvimento*. 9 ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 158.

¹¹ BARROS, 1995, p. 158.

¹² WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência no Brasil, Jovens do Brasil*. Instituto Sangrali e Ministério da Justiça, 2011. p. 18. Disponível em: <<http://www.observatorioseguranca.org/estatisticas>>. Acesso em: 18 out. 2013.

ainda precários ou incipientes, sem experiência histórica e aparelhamento para o enfretamento das novas configurações da violência.¹³

E continua:

Em segundo lugar, investimentos em segurança nas capitais e nas grandes regiões metropolitanas [...] prioritárias a partir do novo Plano Nacional de Segurança Pública, de 1999, e do Fundo Nacional de Segurança instituído em fins de 2000. Nesse sentido, foram canalizados recursos federais para diversos níveis da esfera estadual, principalmente para aparelhamento dos sistemas de segurança pública nos grandes conglomerados que lideravam o mapa da violência do período. Isso dificultou a ação da criminalidade organizada, que migra para áreas de menor risco e/ou estrutura (interior/outros estados).¹⁴

E por último,

[...] melhoria na cobertura dos sistemas de captação de dados de mortalidade, principalmente no interior do país ou em estados com cobertura deficiente, com o que diminui a subnotificação existente. Assim, fatos que antes não eram registrados começam a aparecer nas recentes estatísticas de mortalidade”.¹⁵

Em reação a esta situação preocupante, o movimento denominado “Cultura de Paz” tem como proposta a promoção da não-violência:

Por iniciativa do Diretor Geral da UNESCO, Federico Mayor, a *Cultura de Paz* tornou-se a principal vertente da Organização, aumentando a promoção da não-violência, da tolerância e da solidariedade, e influenciando pessoas de todas as partes do mundo no sentido de engajarem-se em ações inspiradas por esses valores. Na **alvorada** do novo milênio a *Cultura de Paz* está mais ativa do que nunca em seu esforço em fazer do "espírito da paz" uma realidade na vida das pessoas.¹⁶

O esforço pela paz já vem de algum tempo. Algumas datas marcantes são trazidas pelo documento da UNESCO sobre a Cultura da paz:

[...] datas chave no esforço pela paz e pela não violência: 1899, a Conferência de Haia para a Paz; 1919, a Liga das Nações; 1945, a criação da Organização das Nações Unidas e sua agência especializada para a educação, a ciência, a cultura e as comunicações, UNESCO. [...] No entanto, foi em 1989, alguns meses antes da queda do muro de Berlim, durante o *Congresso Internacional para a Paz na Mente dos Homens*, em Yamassoukro (Costa do Marfim), que, pela primeira vez, a noção de uma

¹³ WAISELFISZ, 2011, p. 94.

¹⁴ WAISELFISZ, 2011, p. 94.

¹⁵ WAISELFISZ, 2011, p. 94.

¹⁶ UNESCO. *A Unesco e a Cultura de Paz*. Comitê Paulista para a década da Cultura da Paz. 2001-2010. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br/a_unesco_e_a_c.htm>. Acesso em: 29 out. 2013.

"Cultura de Paz" foi expressa. Desde então, essa ideia tornou-se um movimento mundial.¹⁷

Esse Movimento Mundial a favor da paz tem na UNESCO a sua principal promotora na propagação da tolerância, da democracia e do respeito ao próximo. A entidade tem promovido e sustentado esses valores sem perder de vista a especificidade histórica de cada sociedade.

Ao proclamar o ano 2000 o Ano Internacional da Cultura de Paz, e o período de 2001 a 2010 a "*Década Internacional por uma Cultura de Paz e Não-Violência para as Crianças do Mundo*", a Assembléia Geral das Nações Unidas demonstrou total conformidade com essa prioridade da UNESCO. Na preparação do Ano Internacional da Cultura de Paz, foi lançado em 04 de março de 1999, em Paris, o *Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência*, elaborado por personalidades laureadas com o Prêmio Nobel da Paz conjuntamente com as Nações Unidas e a UNESCO.¹⁸

Na Jamaica também, em maio de 2011, aconteceu a Convenção Ecumênica Internacional pela Paz, CIEP, marcando o decênio para superar a violência.

De 17 a 25 de mayo de 2011, Kingston, Jamaica. La convocatória Ecuménica Internacional por la paz, CIEP, es una "fiesta de la cosecha" que celebra las realizaciones del Decenio para superar la Violencia que comenzó em 2001. Al mismo tiempo estimula a las personas y las iglesias a renovar su compromiso en favor de la noviolencia, la paz y la justicia.¹⁹

O encontro abordou temas pertinentes como: Paz com as comunidades; Paz com a terra; Paz no mercado; Paz entre os povos.

Finalmente, temos a definição da Cultura de Paz:

A Cultura de Paz está intrinsecamente relacionada à prevenção e à resolução não-violenta dos conflitos. É uma cultura baseada em tolerância, solidariedade e compartilhamento em base cotidiana, uma cultura que respeita todos os direitos individuais - o princípio do pluralismo, que assegura e sustenta a liberdade de opinião - e que se empenha em prevenir conflitos resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças não militares para a paz e para a segurança como exclusão, pobreza extrema e degradação ambiental. A Cultura de Paz procura resolver os problemas por meio do diálogo, da negociação e da mediação, de forma a tornar a guerra e a violência inviáveis.²⁰

¹⁷ UNESCO, 2001-2010.

¹⁸ UNESCO, 2001-2010.

¹⁹ CEIP. *Convenção Ecumênica Internacional pela Paz*. Disponível em: <<http://www.overcomingviolence.org>>. Acesso em: 24 jun.2014. Realizada de 17 a 25 de maio de 2011 em Kingston, Jamaica, a Convocatória Ecumênica Internacional Pela Paz, CIEP, foi uma "festa da colheita" que celebrou as realizações da Década para Superar a Violência que começou em 2001. Ao mesmo tempo estimulou as pessoas e as igrejas a renovar o seu compromisso em favor da não violência, a paz e a justiça.

²⁰ UNESCO, 2001-2010.

O ser humano é a única espécie que cria a violência e que pode estabelecer a paz sobre a terra. É um verdadeiro paradoxo, ser capaz de fazer coisas tão sublimes, altruístas, nobres, como também de fazer coisas tão baixas e destrutivas. Feizi Milani e Rita de Cássia Dias de Jesus, na introdução do livro *Cultura de Paz, Estratégias, Mapas e Bússolas*, dizem-nos o seguinte:

Esse paradoxo - a capacidade de fazer escolhas de naturezas e efeitos radicalmente diferentes - define o ser humano e resume a história das civilizações. Ressalta também o maior poder à disposição de cada um de nós. Somos seres que fazem escolhas, das simples e sem grandes consequências às complexas que podem ter impactos profundos na vida de uma ou mais pessoas. Algumas escolhas são feitas conscientemente e outras, não. Algumas são individuais e outras coletivas.²¹

Como pode-se perceber, tanto a paz como a violência são ações exclusivamente humanas. Os animais a própria natureza apresentam-se em harmonia. As leis da natureza seguem seu rumo de forma simples. O que presenciamos como resposta da natureza às interferências humanas destrutivas é assustador. O desmatamento desenfreado faz com que o equilíbrio que existia se transforme em luta pela sobrevivência por parte dos animais e a resposta climática, como que dizendo “por que fazem isso comigo”? Temos visto chuvas, alagamentos, deslizamentos, trazendo danos à população.

O cuidado com a natureza tem ligação com a paz? A falta de cuidado com a natureza muitas vezes representa a ganância de uns em explorar em benefício próprio e obter lucro imediato dos recursos da natureza sem sequer pensar no outro. E com isso traz destruição como, por exemplo: os desastres ocorridos em diversas partes no Brasil e no mundo, provenientes muitas vezes de construções irregulares em lugares impróprios, não respeitando as leis naturais. Famílias que perderam tudo que conquistaram e muitos deles entes queridos.

Fazemos parte de um conjunto, os seres humanos precisam procurar andar em e manter a harmonia com a natureza, pois, dependem dela para a sobrevivência. A paz precisa ser vivenciada comigo mesmo(a), com o outro e também com a natureza.

Para compreender e realizar ações a favor do movimento da Cultura da Paz se faz necessário abordar o tema sob alguns aspectos que se agregam e que ajudam a entender que a Cultura da Paz envolve várias facetas, sem as quais não

²¹ MILANI, Feizi Masrouf; JESUS, Rita de Cássia Dias P. (Orgs.). *Cultura de Paz: Estratégias, Mapas e Bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003. p. 17.

se pode atuar ou mesmo construir a paz. Também cabe pensar que, “compete a cada um de fazer escolhas certas e conscientes para a construção de uma Cultura de Paz”.²² Para tanto, faz-se necessário observar alguns aspectos que estão intrinsecamente relacionados com a promoção da paz, como *a confiança, a convivência e a justiça*.

1.2 Confiança e convivência

Confiança é a ação, postura, atitude, básica para relações sociais saudáveis. Onde a desconfiança impera a paz caminha distante. As relações humanas são dinâmicas e por isso necessitam de uma liga de afetividade que faz crescer a amizade. Do contrário, a relação é enfraquecida e não há confiança e, sem confiança, por sua vez, não há afetividade, promovendo, muitas vezes, ações violentas entre as pessoas.

Rudolf von Sinner, em seu livro *Confiança e Convivência: Reflexões Éticas e Ecumênicas*, nos diz que: “Onde não há confiança, falta o fio para costurar a sociedade e dar coesão a ela”.²³ O que significa, então, confiança?

Como diz von Sinner, não é fácil definir confiança: “[...] sugiro definir confiança como uma expectativa em relação ao comportamento do outro que espero estar em meu ou em nosso interesse”.²⁴ Resumindo o que o autor propõe pode-se dizer que: (1) confiar significa apostar, (2) é um investimento prévio, (3) a regra áurea dos evangelhos em Mateus 7.12: Tudo quanto pois, quereis que os homens vos façam, assim também fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei e os profetas”, (4) A confiança é uma dádiva, não pode ser obrigação, (5) Não confiar de forma ingênua. A confiança procura ser informada.²⁵

Esses aspectos demonstram a maturidade pessoal de quem confia. Não é se entregar às cegas, mas uma condição elaborada e construída. E tem mais, onde há confiança, o amor cresce, onde existe o amor, a confiança se torna parte na convivência com o outro. Por isso, sem confiança e sem fé não será difícil construir a boa convivência.

²² MILANI; JESUS, 2003, p. 17.

²³ SINNER, Rudolf von. *Confiança e Convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 12.

²⁴ SINNER, 2007, p. 13.

²⁵ SINNER, 2007, p. 13.

Mas o que significa convivência? Segundo o Dicionário Aurélio, é o “ato ou efeito de conviver (viver em comunidade); relações íntimas, familiaridade, convívio. Trato diário”. Jerri Almeida traz uma definição do que seja convivência:

O homem é um ser gregário, criado para viver em sociedade. Conviver significa vencer o isolamento existencial numa proposta interativa com o outro. Nesse sentido, a vida social é valiosa conquista do processo de aprimoramento da criatura humana na sucessão dos tempos.²⁶

A convivência precisa ser desenvolvida a partir da prática de confiar não só em “meus familiares, amigos e irmãos da igreja”²⁷, mas ir além disso, de desenvolver confiança nos contextos em que está inserido/a visando à convivência.

Na verdade não é tão simples confiar. Dependendo da história e formação pessoal, aprende-se a confiar ou não no outro. Essa busca requer um estudo, um autoexame mais detalhado de cada um, remetendo às experiências passadas em que ocorreram decepções por ter confiado em alguém. O perigo é o da generalização, em que não se vê confiando em ninguém ou quando a confiança é restrita e frágil, perdendo a capacidade de desenvolver boas convivências, tornando o viver pobre. Somos um ser social e há necessidade de conviver um com o outro, sob pena de construir uma vida sem graça chegando a adoecer.

Fazendo um parêntese, reportando ao doutor Dráuzio Varela quando, em seu texto “Adoecer Nunca Mais”, nos diz: “Se não quiser adoecer... *CONFIE*,” [...] Quem não confia não se comunica, não se abre, não se relaciona, não cria liames profundos. Não sabe fazer amizades verdadeiras. Sem confiança não há relacionamento. A desconfiança é a falta de fé em si mesmo, nos outros e em DEUS”.²⁸

Para uma convivência saudável faz-se necessário confiar. A Bíblia nos inspira a viver em fé e confiança, trazendo exemplos de homens e mulheres que tiveram fé e foram considerados justos:

A fé como a confiança é baseada na promessa de Deus. [...] Abrão ao receber a promessa de Deus “teve fé no Senhor, e por isso o Senhor o considerou justo”, como diz em Gênesis 15.6. Pela fé somos inseridos na

²⁶ ALMEIDA Jerri Roberto. *Filosofia da Convivência*. 2 ed. Porto Alegre: AGE, 2006. p. 20-21.

²⁷ SINNER, 2007, p. 17.

²⁸ VARELA, Dráuzio. *Adoecer Nunca Mais*. Disponível em: <<http://www.sitedopastor.com.br/artigos/naoadoecer.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

comunhão com o Senhor. Ela ultrapassa fronteiras religiosas, sociais e de gênero.²⁹

Deus convoca a uma vida de convivência com o nosso próximo, em que se acredita que todos somos imagens e semelhança Dele. Por isso, é necessário nas relações interpessoais e grupais que haja respeito a todos como iguais, apostando no outro e em si mesmo(a).

1.3 Convivência e justiça

Conviver é relacionar-se. Da mesma forma que confiar amplia a possibilidade de convivência saudável, se não houver justiça, não há como conviver harmoniosamente. Sem justiça não há paz.

Quando se pensa em um mundo melhor, logo vem à mente a questão da justiça, e, principalmente, da justiça social. No ano de 2013, em especial, presenciou-se por todo Brasil uma movimentação popular que clamava por justiça, justiça econômica, justiça na aplicação da punição aos infratores, justiça nas verbas destinadas à educação, saúde, transporte e segurança do povo.

Qual o significado de justiça? Justiça é “o que está em conformidade com o direito”.³⁰ As leis são normas para a prática da justiça. Mas, e se as leis forem elaboradas para beneficiar grupos, entidades ou pessoas, elas são de fato justas?

Nelson Kilpp fala o seguinte:

Se por um lado, há um relativo consenso em torno da necessidade de justiça em todos os âmbitos da vida humana, há, por outro lado, controvérsias do que realmente é a justiça. [...] Cada Estado democrático tem um aparato jurídico para garantir o cumprimento das leis e punir aqueles que não as cumprem. Mas poderíamos, por exemplo, perguntar se todas as leis do Estado são, de fato, justas.³¹

Quando se fala em “Estado” lembra-se de organização, organização esta que oferece as condições mínimas para um viver digno. Vale ressaltar as palavras de Wilson Engelmann: “[...] quando se fala em Estado, é preciso ter presente que se

²⁹ SINNER, 2007, p. 19.

³⁰ DICIONÁRIO Houaiss. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/houaiss>>. Acesso em: 29 out. 2013.

³¹ KILPP, Nelson. *Espiritualidade e compromisso*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 24.

trata da organização política, econômica e social que possibilita a criação de condições mínimas para que as pessoas possam viver com dignidade”.³²

Na verdade justiça vai mais além. Ela é maior e mais abrangente que o cumprimento de leis. É um princípio moral, é “a virtude de dar a cada um, o que é seu”.³³ Nelson Kilpp, em seu livro *Espiritualidade e Compromisso*, apresenta dez razões para orar, praticar a justiça, cuidar da criação, acolher o outro e compartilhar. Destaco as dez razões para praticar a justiça. São elas:

A Justiça restabelece as relações entre as pessoas; O bem da comunidade beneficia a todos; A injustiça leva o povo à ruína; Confessamos que Deus é justo; Cremos em um Deus misericordioso; Jesus ensinou e praticou a justiça; Praticar a justiça é um ato de amor; Praticar a justiça é um exercício de liberdade; Praticar a justiça é um gesto de esperança; Em busca de uma espiritualidade da justiça.³⁴

Em resumo, poder-se-ia dizer que praticar a justiça coopera para uma convivência harmoniosa entre as pessoas, tanto na família ou entre pessoas em posições diferentes, como por exemplo, o rei e seus súditos, ou entre o patrão e seus empregados. Quem promove o bem da comunidade realizando aquilo que espera dele, por exemplo, dizendo a verdade em juízo ou não usurpando o que lhe é devido, fortalece a rede de relações sociais harmoniosas e assim beneficia indiretamente a si mesmo.³⁵

Há exemplos bíblicos que mostram essa verdade de que a injustiça leva o povo à ruína. Um exemplo é do próprio rei Davi, em segundo Samuel 15.1-6 lê-se que, quando Davi descuidou da administração de Jerusalém, Absalão, seu filho, revoltou-se contra ele e ganhou apoio da população que estava indignada com a falta de justiça.

Ao crer que Deus é justo e misericordioso, a prática de justiça e de misericórdia deve, de certa forma, corresponder à de Deus. Ele não trata o ser humano com impiedade, Ele não desprezará um coração contrito. Ele age conosco com misericórdia, pois conhece a nossa origem; seres humanos limitados e falhos.

Assim, o proceder em relação ao próximo deve ser em busca da semelhança do exemplo divino. E ainda mais, Jesus praticou e ensinou a justiça. Em

³² ENGELMANN, Wilson. *Para entender o princípio de igualdade*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 38.

³³ DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.dicionarioaurelio.com>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

³⁴ KILPP, 2008, p. 25.

³⁵ KILPP, 2008, p. 25-31.

Mateus 6.33, Jesus dá um conselho a respeito da justiça: “Buscai, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça”.³⁶ A justiça dos seguidores de Cristo deverá ser diferente da dos fariseus. No texto a seguir Jesus esclarece o comportamento dos fariseus quando se expressa em Mateus 23.23: “Ai de vós, fariseus e escribas, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé”.

É importante ressaltar que:

Para a UNESCO paz não é meramente ausência de guerra. A Organização, por essa razão, promove esforços em favor da paz, complementando e enfatizando os valores do que já existe. Para atingir seu objetivo organiza fóruns, seminários e conferências para mobilizar mais parceiros.³⁷

A Paz precisa entrar em ação por meio de cada pessoa que almeja um mundo mais justo e digno. Para isso, deve-se somar aos parceiros que já integram o Movimento da Cultura da Paz; mais vozes na luta de sua implantação nos mais diferentes ambientes onde cada um transita, seja em casa, no trabalho, nas relações pessoais e sociais de grupos diversos em que se relaciona.

1.4 Cultura da Paz e o respeito à diversidade

Fala-se muito em diversidade. Diversidade cultural, de gênero, de etnias, religiosa. Mas realmente compreende-se o que significa diversidade?

O termo diversidade diz respeito à variedade de convivência de ideias variáveis em torno de um assunto concreto de faculdade, características ou elementos diferentes entre si, em determinado assunto, situação ou ambiente. A ideia de diversidade está ligada aos conceitos de pluralidade, multiplicidade, diferentes ângulos de visão ou de abordagem, heterogeneidade e variedade. E, muitas vezes, também, pode ser encontrada na comunhão de contrários, na intersecção de diferenças, ou ainda, na tolerância mútua. Diversidade significa variedade, pluralidade, diferença. É um substantivo feminino que caracteriza tudo que é diverso, que tem multiplicidade. Diversidade é a reunião de tudo aquilo que apresenta múltiplos aspectos e que se diferenciam entre si. ex.: diversidade cultural, diversidade biológica, diversidade étnica, linguística, religiosa etc.³⁸

A diversidade é um conceito amplo, com aplicação em diferentes campos do conhecimento humano. Em relação à cultura da paz, a aceitação da diversidade é inerente às relações sociais harmoniosas e respeitadas. A questão da diversidade,

³⁷ UNESCO, 2001-2010.

³⁸ DICIONÁRIO Houaiss. Disponível: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/houaiss>>. Acesso em: 29 out. 2013.

independentemente da especificidade a que se refira, requer aceitação, tolerância, consideração ao pensar do outro.

A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, em sua 33ª reunião, celebrada em Paris no período de 03 a 21 de outubro de 2005, especifica a questão cultural como fator importante para a construção da paz, afirmando que a diversidade cultural é uma característica essencial da humanidade:

A UNESCO faz da busca por essa meta – que se baseia não apenas no reconhecimento da diversidade, mas também nas oportunidades de um maior diálogo que ela oferece – o cerne de sua missão, renovando constantemente as suas abordagens e atividades. Essa atitude se consolida no reconhecimento da igual dignidade de todas as culturas, no respeito pelos direitos culturais, na formulação de políticas culturais pela promoção da diversidade, na promoção de um pluralismo construtivo, na preservação do patrimônio cultural etc.³⁹

O respeito à diversidade não é somente no campo do saber humano, da cultura, vai muito mais longe. Quando se fala em diversidade e sua aceitação para a promoção das relações saudáveis entre as pessoas, vem à mente a questão da inclusão.

O professor David Rodrigues em seu artigo *A escola face à diversidade* apresenta o seguinte problema:

[...] Hoje, é sabido que as escolas têm de lidar com uma grande heterogeneidade e isso configura-se como um problema. Problema porque os alunos que teriam um acesso muito restrito à escola se mantêm nela por muito mais tempo. Assim as diferenças entre cada um dos alunos são agora muito mais presentes e permanentes na escola e isso cria problemas inéditos e que frequentemente a escola tem dificuldade em resolver.⁴⁰

A questão da inclusão tanto na educação, como nos campos social e cultural é um impasse que precisa ser trabalhado e construído com muito empenho, pois muitas das dificuldades de relacionamento dentro das escolas são decorrentes da não aceitação do mais limitado, daqueles que não tiveram oportunidades para se expandir e entram na escola com muita defasagem de conhecimento, muitas vezes sendo ridicularizados pelos próprios colegas.

³⁹ UNESCO. *Declaração Universal de Diversidade Cultural*. Brasília: EDITORA?, 2001. p. 20.

⁴⁰ RODRIGUES, David. *A escola face à diversidade*. Disponível em: <<http://www.piblico.pt/sociedade/noticia/a-escola-face-a-diversidade-1610537>>. Acesso em: 28 out. 2013.

Essa questão da defasagem de conhecimento cria uma barreira entre colegas na sala de aula e muitas vezes desestimula o professor em sua caminhada na educação. Há relatos de professores, enquanto educandos do curso de Pedagogia, em minha experiência docente como professora do referido curso, em que eles expõem de como é difícil a aula fluir com tanta disparidade de conhecimento dentro de uma sala em um mesmo ano escolar. Realmente isso traz muita dificuldade e discriminação, que pode se transformar em ações agressivas, gerando violência verbal e às vezes física.

Nesse particular, cabe ao professor, como líder de seu grupo, apresentar propostas de envolvimento e de desenvolvimento de uma autoconsciência por parte do educando de seus limites e de suas potencialidades levando-os a uma constante reflexão de que o outro/a sempre pode nos ensinar algo e eu posso aprender com ele/a, da mesma forma que ele/a pode aprender comigo.

Paulo Freire diz que “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”.⁴¹ Ivone Boechat diz que, “é maravilhoso a convivência com pessoas que sabem respeitar o espaço, a inteligência, as virtudes do companheiro, do colega de trabalho, do vizinho e não esperam crescer, massacrando seu próximo”.⁴²

A escola tem o dever de auxiliar na construção de homens e mulheres que promovam a paz. Por meio de recursos pedagógicos que possam orientar as pessoas a se relacionar de forma pacífica com o próximo. Ensinar a respeitar as diferenças a partir de si mesmo e, assim, compreender que é possível conviver em grupo de forma agradável.

Quando se pensa na cultura de paz nas escolas, a questão da inclusão e como fazê-la dependerá da conscientização de que, pode-se cooperar com o outro dividindo o nosso saber “mais” em uma determinada área para receber do outro o que tem para oferecer, em contrapartida. Certamente ao professor cabe conduzir esse momento de forma criativa em que todos, embora em diferentes níveis de conhecimento, caminhem juntos em espírito de cooperação e não de rivalidade.

⁴¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 36.

⁴² OLIVEIRA, Ivone Boechat. *Uma Escola que Ensina a Amar*. Brasília: CNEC Edições, 1997. p. 39.

1.5 A questão da violência

Ao se pensar em Cultura de Paz e sua aplicação nas várias esferas da sociedade faz-se necessário apresentarmos o quadro caótico da sociedade atual quanto à violência em seus aspectos interpessoais no âmbito micro, entre familiares, amigos, e no macro, nas questões mais amplas que envolvem governos, instituições, interesses de poder e de ganância financeira.

Leonardo Boff em seu texto *Cultura de Paz* apresenta-nos a violência em três tempos:

Sem detalhar a questão, diríamos que por detrás da violência funcionam poderosas estruturas. A primeira delas é o caos sempre presente no processo cosmogênico. Viemos de uma imensa explosão, o big bang. E a evolução comporta violência em todas as suas fases. São conhecidas cerca de 5 grandes dizimações em massa, ocorridas há milhões de anos atrás. Na última, há cerca de 65 milhões de anos, pereceram todos os dinossauros após reinarem, soberanos, 133 milhões de anos. A expansão do universo possui também o significado de ordenar o caos através de ordens cada vez mais complexas e, por isso também, mais harmônicas e menos violentas. Possivelmente a própria inteligência nos foi dada para pormos limites à violência e conferir-lhe um sentido construtivo. Em segundo lugar, somos herdeiros da cultura patriarcal que instaurou a dominação do homem sobre a mulher e criou as instituições do patriarcado assentadas sobre mecanismos de violência como o Estado, as classes, o projeto da tecnociência, os processos de produção como objetivação da natureza e sua sistemática depredação. Em terceiro lugar, essa cultura patriarcal gestou a guerra como forma de resolução dos conflitos. Sobre esta vasta base se formou a cultura do capital, hoje globalizada; sua lógica é a competição e não a cooperação, por isso, gera guerras econômicas e políticas e com isso desigualdades, injustiças e violências. Todas estas forças se articulam estruturalmente para consolidar a cultura da violência que nos desumaniza a todos.⁴³

Boff aponta os três aspectos de violência através dos tempos. A própria formação do mundo, o domínio do homem sobre a mulher e sentindo-se dono de todas as situações levando com essa visão machista a guerrear como forma de resolução de conflitos. Entretanto, o ser humano, homem e mulher, é o único capaz de refazer a história. Como um ser inteligente, precisa humanizar-se novamente, lutar contra toda e qualquer tipo de violência.

É notório que a violência está em toda a parte. Abaixo, há um quadro que demonstra a violência por meio de conflitos armados e por armas de fogo que nos traz dados alarmantes. Numa tentativa de chamar atenção para o banho de sangue mostrado pelas estatísticas anuais sobre a violência no país, os coordenadores do

⁴³ BOFF, Leonardo. *Cultura de Paz*. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/culturapaz.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

Mapa da Violência fizeram um quadro comparativo da realidade nacional com a matança nas principais guerras dos últimos anos. O resultado é assustador. Vejamos:

QUADRO 1 – Mortes em conflitos armados no mundo e por armas de fogo no Brasil

Mortes em conflitos armados no mundo e por armas de fogo no Brasil
(por 100 mil habitantes)

País/conflito	Natureza do Conflito	Período	Mortos /ano
<i>Brasil</i>	<i>Mortes por armas de fogo</i>	<i>2010</i>	<i>38.892</i>
<i>Chechênia/Rússia</i>	<i>Movimento emancipatório/étnico</i>	<i>1994-96</i>	<i>25.000</i>
<i>Etiópia - Eritreia</i>	<i>Disputa territorial</i>	<i>1998-2000</i>	<i>25.000</i>
<i>Guatemala</i>	<i>Guerra Civil</i>	<i>1970-94</i>	<i>16.667</i>
<i>Algeria</i>	<i>Guerra Civil</i>	<i>1992-99</i>	<i>10.000</i>
<i>Guerra do Golfo</i>	<i>Disputa territorial</i>	<i>1990-91</i>	<i>10.000</i>
<i>El Salvador</i>	<i>Guerra Civil</i>	<i>1980-92</i>	<i>6.667</i>
<i>Armênia - Azerbaijão</i>	<i>Disputa territorial</i>	<i>1988-94</i>	<i>5.000</i>
<i>Nicarágua</i>	<i>Guerra Civil</i>	<i>1972-79</i>	<i>4.286</i>
<i>Timor Leste</i>	<i>Independência</i>	<i>1974-2000</i>	<i>3.846</i>

Fonte: Mapa da Violência 2013

Esses dados revelam o número de assassinatos no Brasil entre 2004 e 2007 é maior que as baixas dos 12 dos maiores conflitos armados no mesmo período. Nestes quatro anos, 192.804 pessoas foram assassinadas a tiros no Brasil. As guerras provocaram a morte de 169.574 pessoas.⁴⁴

No Brasil, Julio Jacobo Waiselfisz mostra-nos um retrato do período entre 1980 a 2010 quanto ao número de armas de fogo no Brasil⁴⁵:

QUADRO 2 – Retrato do período entre 1980 a 2010⁴⁶

1980 a 2010

Segundo estimativas realizadas por Dreyfus e Nascimento, na última década o país contava com um vasto arsenal de armas de fogo

Porte de Armas	Quantidades (milhões)
<i>Armas em mãos privadas</i>	<i>15,2</i>
<i>Armas registradas</i>	<i>6,8</i>
<i>Armas não registradas</i>	<i>8,5</i>
<i>Armas em mãos criminais</i>	<i>3,8</i>

Fonte: Criado pelo autor

O autor continua, ainda quanto às mortes em relação ao número de armas de fogo no país dizendo que, o elevado crescimento das mortes por armas de fogo

⁴⁴ CARVALHO, Jailton de. *Experiente repórter do Jornal do Brasil*. Disponível em: <<http://www.linkedin.com/in/jailtoncarvalho>>. Acesso em: 8 nov. 2013.

⁴⁵ WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência de 2013*. Mortes matadas por arma de fogo. Rio de Janeiro: CEBELA - Centro Brasileiro de Estudos Latino-americanos; FLACSO Brasil, 2013. p. 9.

⁴⁶ WASELFISZ, 2013, p. 9.

foi liderado, quase exclusivamente, pelos homicídios, que cresceram 502,8%, em relação aos suicídios com armas de fogo cresceram 46,8% e as mortes por acidentes com armas caíram 8,8%. Por último, as mortes por arma de fogo, AF, de causalidade indeterminada, isto é, sem especificação (suicídio, homicídio ou acidente), tiveram uma significativa queda, evidenciando uma melhoria na apuração das informações.

Nos quadros a seguir, o autor continua apresentando o número alarmante de mortalidade por arma de fogo.

QUADRO 3 – Mortalidade por arma de fogo⁴⁷

"O volume desse arsenal guarda correspondência com a mortalidade que origina. Os registros do SIM permitem verificar que, entre 1980 e 2010, perto de 800 mil cidadãos morreram por disparos de algum tipo de arma de fogo - AF"

aumento de 346%

crescimento da população no país 60,3%

Ano	Vítimas (milhar)
1980	8.710
2010	38.892

Fonte: Criado pelo autor

QUADRO 4 – Óbitos por arma de fogo⁴⁸

JOVENS DE 19 A 29 ANOS

Óbitos por arma de fogo

aumento de 414%

Ano	Óbito (milhar)
1980	4.415
2010	22.694

Fonte: Criado pelo autor

Mas existem também outros tipos de violência. Os quadros a seguir apresentam uma realidade dolorosa quanto à criança, aos idosos e à mulher:

⁴⁷ WAISELFISZ, 2013, p. 9.

⁴⁸ WAISELFISZ, 2013, p. 9.

QUADRO 5 – Crianças, idosos e mulheres⁴⁹

ADOLESCENTES E CRIANÇAS

Denúncias registradas por meio do disque 100 entre janeiro e novembro de 2012. Dados divulgados pela Secretaria de Direitos Humanos (SDH) da Presidência da República mostram que:

<i>Denúncias por período</i>	<i>Quantidade (milhar)</i>
<i>Ao mês</i>	10940
<i>Janeiro a novembro de 2012</i>	120344

Fonte: Criado pelo autor

Já o Disque Denúncia 181, serviço criado em 2000 pelo Instituto São Paulo contra a Violência e pelo governo paulista, por meio da Secretaria de Segurança Pública, registrou 6.603 denúncias de maus-tratos contra crianças entre janeiro e outubro deste ano (2012) em todo o Estado, o que dá uma média diária de 22 denúncias. O número é superior ao do mesmo período do ano passado, quando foram registradas 6.028 denúncias.⁵⁰

Para o vice-presidente da Comissão Especial da Criança e do Adolescente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e presidente da Fundação Criança, Ariel de Castro Alves, é difícil deduzir, por esses números, se os casos de violência envolvendo crianças e adolescentes têm crescido ou se as pessoas é que estão denunciando mais.⁵¹

O autor também fala sobre a violência à criança que acontece dentro de sua própria casa e que pode gerar traumas, em entrevista à Agência Brasil:

Muitas vezes, elas (crianças e adolescentes) são vítimas daquelas pessoas em quem confiam, que entendem ser as pessoas que cuidam delas. Por isso, há dificuldade para assimilarem uma situação desse tipo. Esse é o trauma maior. A pessoa que tinha que proteger é a que acaba violando o direito dessas crianças e adolescentes. Isso gera um trauma, uma desconfiança permanente com relação aos adultos e dificuldade depois de convivência com outras pessoas. Isso pode, muitas vezes, gerar também prejuízo no desenvolvimento educacional.⁵²

Outro motivador da violência doméstica é a impunidade. A esse respeito, Alves diz o seguinte:

[...] todos os órgãos que trabalham com a questão envolvendo a defesa dos direitos da criança e do adolescente, "desde a denúncia no Disque 100 (federal) ou no 181 (estadual), passando pelo Conselho Tutelar, pelas

⁴⁹ CRUZ, Elaine Patrícia. Todos os dias, cerca de 360 crianças e adolescentes são vítimas de violência no país. *Agência Brasil*. Notícia de 28 de dezembro de 2010, 08h05. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-12-28/todos-os-dias>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

⁵⁰ CRUZ, 2010.

⁵¹ ALVES, 2012.

⁵² ALVES, 2012.

delegacias, pelas promotorias ou varas especializadas", precisam funcionar e atuar de forma integrada para combater a impunidade. Também é necessário, destaca Alves, criar, ampliar ou melhorar as redes de proteção social de atendimento familiar para prevenir os casos de violência. A ideia seria, na sua opinião, educar os pais para que possam educar seus filhos de maneira adequada.⁵³

Existe o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, instituído pela Lei nº 8.069 de 1990, que visa proteger e amparar a criança e o adolescente, conferindo a ele proteção integral, segundo seu art. 1º. Mesmo assim, ficamos estarecidos com as notícias sobre a violência contra crianças e adolescentes no Brasil e no mundo.

Não se pode deixar de apresentar que a questão da violência não é apenas contra jovens, adolescentes ou crianças. Os idosos também tem sido alvo de violência como apresenta o quadro abaixo.

QUADRO 6 – Violência contra idosos⁵⁴

VIOLÊNCIA CONTRA IDOSOS

Das 626 notificações de violências contra idosos atendidos em serviços de Saúde de referência, 54% tinham 60 anos ou mais

<i>Tipos de Violência</i>	<i>Quantidade (%)</i>
<i>Violência moral ou psicológica</i>	55
<i>Vítimas dos filhos (338 de 626 pessoas)</i>	53,993
<i>Violência física</i>	27
<i>Abandono</i>	22
<i>Danos financeiros</i>	21

Fonte: Criado pelo autor

Da mesma forma a violência contra a mulher também é motivo de preocupação e, até mesmo, de espanto.

⁵³ ALVES, 2012.

⁵⁴ GOIÁS. Ministério Público. *Violência Contra Idosos*. Disponível em: <http://www.mp.go.gov.br/portaIweb/hp/7/docs/violencia_contra_idosos.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2014.

QUADRO 7 – Violência contra mulheres⁵⁵

VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES
Dados inéditos sobre violência contra a mulher: 16,9 mil feminicídios
2009 - 2011

Região	Mortes de mulheres por conflito de gênero (milhar)
Espírito Santo	11,24
Bahia	9,08
Alagoas	8,84

Fonte: IPEA

A região com as piores taxas é o Nordeste, que apresentou 6,9 casos a cada 100 mil mulheres, no período analisado. [...] Além dos números e taxas de feminicídios nos estados e regiões do Brasil, foi realizada uma avaliação do impacto da Lei Maria da Penha. Constatou-se que não houve influência capaz de reduzir o número de mortes, pois as taxas, permaneceram estáveis antes e depois da vigência da nova lei.⁵⁶

A legislação por si só não dá conta de mudar o mapa da violência. Nós sabemos que toda violência gera traumas terríveis. Não importa se à criança, jovens, mulheres ou idosos. Qualquer tipo de violência, seja física, moral ou psicológica, traz consequências desastrosas. É preciso que se tome esses dados como parte do viver diário de cada pessoa. Que se torne parte do meu e do pensamento do outro constantemente. Cada um faz parte dessa sociedade e algo que aparentemente só acontece com o outro está muito perto de cada um de nós. Será que precisaremos passar a perda de um filho, de um amigo, irmão, pai e mãe para que acordemos? O que o outro passa não nos sensibiliza?

Mas sabemos que violência não é só física ou por arma de fogo, nem só psicológica ou moral, é qualquer tipo de comportamento injusto, discriminativo, desumano. Todo comportamento que desrespeita a pessoa, que a submete a situações de risco, e não oferece condições mínimas, dignas quanto a sua saúde, educação e segurança, por exemplo. É qualquer ação que limita as possibilidades de uma criança de ter esperança, gerando jovens sem fé no futuro.

Não bastam as leis. É necessário um trabalho de conscientização que penetre nas mentes e nos corações das pessoas na propagação da não-violência e da paz. Vários casos de violência doméstica contra crianças são praticados por

⁵⁵ GOIÁS. Ministério Público. *Violência Contra Idosos*. Disponível em: <http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/violencia_contra_idosos.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2014.

⁵⁶ IPEA revela dados inéditos sobre violência contra a mulher. Notícia de 19 de setembro de 2013, 9h55. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=19873>. Acesso em: 15 jan. 2014.

mães e pais em situação de alto grau de estresse. Há também casos de negligência familiar quanto à violência psicológica, moral e física. Cabe aos órgãos responsáveis oferecer às pessoas condições dignas de sobrevivência no que tange à educação, saúde, lazer, cultura, respeito, amor próprio, realizando um acompanhamento tanto social como psicológico.

Para pensar que bom seria se as igrejas abrissem suas portas com projetos que possibilitem as famílias da comunidade onde estão inseridas a virem para um bate papo, uma conversa a princípio despreziosa, porém acolhedora, sobre as lutas que elas passam quanto ao sustento da casa, o cuidado com os filhos, propondo alternativas que jamais pensariam por conta própria visto que, quando envolvidas nos problemas as alternativas somem das mentes. Precisam de quem as escute e juntos encontrem caminhos para ações em favor de uma convivência menos pesada em família.

Para pensar que bom seria se as nossas instituições religiosas, cada vez mais, voltassem seu olhar para o outro, não desmerecendo o aprofundamento acadêmico. O que vale ser tão “culto”, e não dividir o nosso saber em prol do crescimento do outro? O que vale os títulos se não servirem para minimizar o sofrimento alheio? Quanto mais conhecimento, maior a responsabilidade que recai sobre cada um que busca nos estudos o aprimoramento contínuo.

Todo início parte de um pensamento, de um sonho que toma corpo e cresce e faz acontecer. Para tanto precisa-se conscientizar da necessidade urgente de uma forma de viver em sociedade com humanidade.

1.6 Promoção da cultura da paz

Como promover uma cultura de paz que venha se somar às leis já postas em nossa sociedade, fazendo valer a paz em vez da violência? Qual a dinâmica que devemos empregar para a promoção, aplicação e solidificação da Cultura de Paz na sociedade de hoje? No dizer de Milani é: “[...] promover as transformações necessárias e indispensáveis para que a paz seja o princípio governante de todas as relações humanas e sociais”.⁵⁷ O autor continua:

⁵⁷ MILANI, Feizi M. Cultura de paz x violências: papel e desafios da escola. In: MILANI, Feizi Masrou; JESUS, Rita de Cássia Dias P. (Orgs.). *Cultura de Paz*. Estratégias, Mapas e Bússolas. Salvador: INPAZ, p. 31-60, 2003. p. 31.

[...] Promover a Cultura de Paz significa e pressupõe trabalhar de forma integrada em prol das grandes mudanças ansiadas pela maioria da humanidade - justiça social, igualdade entre os sexos, eliminação do racismo, tolerância religiosa, respeito às minorias, educação universal, equilíbrio ecológico e liberdade política. A Cultura de paz é o elo que interliga e abrange todos esses ideais num único processo de transformação pessoal e social. [...] Aqueles que desejam participar da construção de uma Cultura de Paz precisam pensar em atuar em dois níveis básicos- o *micro* e o *macro*.⁵⁸

O primeiro nível seria o nível micro. O que isso significa? Construir uma Cultura de Paz precisa começar na própria pessoa: em suas ações, seu comportamento, sua vida familiar, em suas relações com o outro. Se relacionássemos as ações pessoais na promoção da cultura de paz, teríamos uma lista infinita de possibilidades.

Toda ação transformadora nesse nível parte de dentro de cada um para depois ser compartilhada, dividida com o outro. Também não pode-se promover algo que não se acredita e sem que esteja envolvido pessoalmente com essa promoção. Por algum tempo, o teórico até pode levar outras pessoas a se engajarem no processo, mas, certamente mais à frente, elas cairão no descrédito do falar sem praticar. As ações devem ser expressas de forma a combinar com as crenças pessoais. Por isso, elas devem começar dentro de cada um para depois expandirem aos outros, contagiando-os com a ideia por meio das ações visíveis em prol da paz.

Depois, tem as ações *macro*, que envolvem ações como “repensar os processos sociais, definir estratégias de mudança coletiva, criar políticas públicas, estruturas institucionais e programas educativos”.⁵⁹

Entende-se por políticas públicas toda ação do governo em busca do bem comum. O escritor argentino Emilio J. Graglia define políticas públicas como: “Projetos e atividades que um Estado concebido e gerido por um governo e para o público, a fim de satisfazer as necessidades de uma administração da sociedade”.⁶⁰ No caso do Brasil compete aos governos federais, estaduais e municipais satisfazerem as necessidades da sociedade para que ela possa usufruir de direitos em todas as esferas, lazer, cultura, saúde, e educação cuja realidade hoje, alguns desses direitos são permitidos para alguns, como por exemplo ao lazer e a cultura. Ir ao teatro, assistir ao um filme no cinema, fazer uma viagem, são possibilidades que

⁵⁸ MILANI, 2003, p. 31-32.

⁵⁹ MILANI, 2003, p. 32.

⁶⁰ GRAGLIA, J. Emílio. *Em busca do bem comum*. Manual de Políticas Públicas. Buenos Aires: Associação Civil de Estudos Popular e a Fundação Konrad Adenauer, 2012. p. 19.

muitos nem sonham, pois sua luta é ainda em busca da satisfação básica, alimentação, moradia e vestimenta.

É de fundamental importância a observância de políticas públicas que venham ao encontro desse outro marginalizado e esquecido. Com certeza, cabe também aos governos, contribuírem com políticas públicas que venham contribuir com a paz, diminuindo as diferenças entre as pessoas e combatendo as injustiças praticadas contra aos grupos desfavorecidos.

Já existem ações no Brasil que vieram ao encontro dos grupos desfavorecidos. Por exemplo, o Fundo de Financiamento Estudantil, FIES para jovens que almejam ingressar no ensino superior; ações em favor das famílias carentes com auxílios das mais diversas formas. Na área de saúde com as Unidades de Pronto Atendimento, UPAS. A UNESCO sempre atenta oferecendo sua parceria. Isso tem ajudado sim, entretanto, isso por si só não são suficientes para transformar uma sociedade. As ações precisam estar interligadas com outras formas de ajuda como a busca do desenvolvimento do ser como pessoa digna, capaz, conhecedora de seus direitos e deveres uma cidadã consciente da sua presença no mundo e de responsabilidade para transformá-lo a partir de si mesma.

Para a implantação da Cultura da Paz três aspectos são basilares. Primeiro, o trabalhar a paz dentro da família. Conflitos sempre havemos de ter, mas, podemos estabelecer regras de convivência e um ambiente estável e confiável, o que muito ajudará na resolução de conflitos. No Portal Vital⁶¹ encontramos algumas orientações que, por mais que pareçam autoajuda, servem como um guia prático da boa convivência humana. Dentre as considerações apresentadas pela terapeuta familiar Suzy Camacho, destaca-se:

Jamais discuta com a cabeça quente: conte até dez, respire fundo e só converse quando estiver calmo. Demonstre afeto: aprenda a expressar os sentimentos sem sentir vergonha deles. Perdoe: quem desculpa deixa de cultivar ressentimentos e fica livre para recomeçar a vida. Peça perdão: existe maior sinal de humildade do que admitir que você cometeu um erro? Conviver com outros também implica reconhecer seus próprios deslizes. Respeite os parentes do marido (da esposa): dar-se bem com sogros e cunhados ajuda a manter o casamento forte e saudável, ainda que isso envolva engolir alguns “sapos” de vez em quando. Elogie: ao começar uma conversa, reconheça as qualidades da outra pessoa. “Essa atitude desarma, transformando-a em aliada”, explica a terapeuta. Evite comentar seus problemas familiares com outras pessoas: “Se precisar desabafar, fale com alguém de confiança, que dê bons conselhos”, [...] Cuidado com o que

⁶¹ FAMÍLIA. Disponível em: <<https://www.portalvital.com/sua-vida/familia/familia-convivencia-harmonica-e-feliz>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

fala: lembre-se de que as palavras podem magoar profundamente. Estabeleça limites: a convivência familiar é difícil porque todos pensam ter liberdade suficiente para interferir na vida do outro. Mostre que você preza a intimidade. Aprenda a conversar: muitos conflitos entre parentes podem ser facilmente resolvidos com o diálogo.⁶²

Outro aspecto importante é o papel da religião na promoção da cultura da paz. Marcelo Barros em seu artigo *A Urgência da Paz e o Papel das Religiões*⁶³ afirma a esse respeito:

De fato, líderes espirituais como o Dalai Lama, papas como João XXIII, pastores como Martin-Luther King e o bispo Desmond Tutu contribuíram muito para se compreender a religião como instrumento de paz. Eles se inspiraram em suas tradições espirituais, para lutar contra o racismo, pregar a não violência e contribuir com relações internacionais pacíficas.⁶⁴

Continua Barros,

Na América Latina, a cultura da paz tem tomado a forma de uma nova integração bolivariana dos países do continente em uma única pátria grande, solidária e independente do colonialismo. Nela, as culturas indígenas e afrodescendentes têm nos conduzido à cultura da paz como cultura do bem-viver, isso é, a opção de conviver harmoniosamente e a partir de nossas diferenças culturais. Aos cristãos, São Paulo escreve: “Deus que, através de Jesus Cristo, reconciliou o mundo consigo, nos encarregou da palavra da reconciliação” (2 Cor.5:19). Isso implica o trabalho de estabelecer a paz conosco mesmos, com os irmãos e irmãs diferentes de nós e com Deus, fonte de paz e amor do universo.⁶⁵

O aspecto religioso deve ser trabalhado tendo a espiritualidade como uma forte aliada na promoção da paz. A reconciliação do ser humano com Deus por meio de Jesus Cristo deve servir de exemplo da minha busca diária de reconciliar-me com o outro sempre.

E, por último, o aspecto da educação é fundamental para a implantação e promoção da Cultura da Paz. Marlova Jovchelovitch Noletto em seu livro *Educação para a Paz* apresenta algo que vale a pena reproduzir a esse respeito:

Em um cenário de desigualdades sociais, de um modelo de desenvolvimento econômico que é excludente, concentrador de renda e que acentua as iniquidades, é fundamental pensar em uma educação que contemple os desafios do futuro. Nessa perspectiva a educação pode se destacar como fator de coesão, procurando levar em conta a diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos, promovendo o diálogo e a

⁶² FAMÍLIA, 2014.

⁶³ BARROS, Marcelo. *A Urgência da Paz e o Papel das Religiões*. Texto de 17 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/25947>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

⁶⁴ BARROS, 2013, p. 01.

⁶⁵ BARROS, 2013, p. 02.

compreensão entre os que se afirmam como diferentes, evitando, por conseguinte, continuar sendo um fator de exclusão social.

[...] Assim sendo, o principal objetivo da educação é promover o desenvolvimento humano, considerando que a realização do ser humano é um processo. Cabe a educação, portanto, a missão permanente de contribuir para o aperfeiçoamento das pessoas, dos grupos sociais e da sociedade, numa dimensão ética e solidária.⁶⁶

A promoção da paz requer a participação da família, religião, educação e de políticas públicas formando alicerce para a construção e a implantação da Cultura da Paz.

Como fechamento do capítulo abordou-se sobre o movimento da cultura da Paz, o empenho da UNESCO na propagação e na convocação a que todos os países se unam em benefício da paz, a questão da violência e algumas propostas para ser participante ativo nesse movimento em favor da paz a partir de cada um de nós, de nossas famílias e também uma reflexão sobre o papel das lideranças governamentais em elaborar e executar políticas públicas favorecendo a todos, as mesmas condições de desenvolverem suas capacidades e de usufruírem dos direitos que até então estão destinados a alguns mais privilegiados da sociedade. Tudo isso que falou-se deve levar a uma reflexão. Diante de tantos desafios muitas vezes o ser humano se sente pequeno e incapaz.

No capítulo a seguir, é apresentado especificamente o sermão do monte e sua contribuição para a paz por meio dos ensinamentos proferidos por Cristo, e, conseqüentemente a importância de se colocar em prática suas orientações. Como também, um diálogo entre as bem aventuranças e os pilares fundantes da bioética e sua grande contribuição para a prática da solidariedade, do respeito e da dignidade para com o próximo.

⁶⁶ NOLETO et al, 2004, p. 28-29.

2 HARMONIA E PAZ NA CONVIVÊNCIA HUMANA A PARTIR DA BIOÉTICA E DO SERMÃO DO MONTE

Tanto a religião como a ciência muito podem contribuir para a transformação da sociedade. A religião, no sentido de desenvolver uma sensibilidade ao outro no dizer de Cristo amando, perdoadando, repartindo sem restrições, não discriminando quanto à classe social, cultura intelectual, etnias...

A ciência, por sua vez, muito tem cooperado com suas descobertas nas áreas da tecnologia, da física, da biologia, das relações humanas, mas, e, principalmente, quanto às descobertas na área de saúde curando vidas e descobrindo saídas para tratamento de diversas enfermidades.

Contribui para com nossa temática pensar um pouco sobre a relação entre religião e ciência. Na história da humanidade verifica-se ora uma parceria ora uma separação, por influência de diferentes formas de pensamento. Há os que dizem que religião é dogma e dogma não se discute, e que ciência é pesquisa em busca da exatidão dos fatos, não podendo considerar nada além deles.

Nesse sentido a busca de compreender de que forma a religião e a ciência podem contribuir para a promoção da paz é que apresentamos a religião cristã na perspectiva de Jesus por meio do seu sermão do monte e a ciência na contribuição da bioética destacando os seus pilares fundantes, quais sejam, a autonomia, beneficência, não maleficência e a justiça. Sob um olhar simples e cuidadoso, vamos compreendendo que a ciência e a religião, podem, e, deve andar juntas em prol do bem estar do ser humano.

O ser humano é dotado de espiritualidade e essa espiritualidade não pode ser negada. Petter Scazzero em seu livro *Espiritualidade emocionalmente saudável*,⁶⁷ aponta sobre a declaração de Cristo: “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”, (Mt 5.9) trazendo uma contribuição pertinente ao entendimento correto do que significa ser pacificador. Ele diz-nos que ser pacificador não significa ignorar o conflito. Ao contrário, aceitar e trabalhar o conflito podem ser o caminho para a verdadeira paz.

No dizer de Scazzero, Cristo, em sua missão rompe com a falsa paz ao seu redor quando diz em Mateus 10.34-36: “Não penseis que vim estabelecer paz na

⁶⁷ SCAZZERO, Petter. *Espiritualidade Emocionalmente Saudável: desencadeie uma revolução em sua vida com Cristo*. São Paulo: Hagnos, 2013. p. 43-45.

terra; vim estabelecer, não a paz, mas a espada. Pois vim causar divisão; o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a jovem esposa contra sua sogra. Deveras, os inimigos do homem serão pessoas de sua própria família”. Continua o autor afirmando que não se conquista a verdadeira paz com mentiras e fingimentos. Pelo contrário, sob a luz de Cristo, a verdade deve prevalecer e no dizer dele, isso sim é uma atitude madura e amorosa e uma espiritualidade emocionalmente sadia.

Pode-se perceber que as religiões, em nossa abordagem, a cristã, em parceria com a bioética, podem andar juntas no cuidado à vida. Ambas apresentam importantes contribuições que podem levar o ser humano a se tornar mais fraterno e solidário em suas relações onde estiver inserido. Tanto as palavras de Cristo proferidas no sermão do monte e os pilares da bioética são promotores da paz, pois, tanto uma, como a outra, se unem em favor da justiça, da bondade, do respeito para com o próximo com ações pacíficas, porém ativas para a resolução de conflitos tanto na esfera das relações pessoais e interpessoais como nas relações éticas quanto ao valor da vida, da saúde do bem-estar do ser humana e da vida como um todo: humana, animal, e do cuidado com a natureza.

O mundo atual apresenta grandes transformações, seja no âmbito das ciências, na área de saúde, seja nos aspectos comportamentais no que tange o relacionamento com pessoas. Nesse sentido, a bioética, traz em si uma preocupação com a compreensão do ser em sua unidade, abrangendo outros saberes que visam se unir, transpassar a si mesmo e ir além.

Nesse cenário, depara-se com várias situações ligadas a questões da bioética, tais como a constituição de nossas famílias, no que diz respeito a conceber filhos ou não, a cura de doenças, a abreviação da vida ou sua sustentação por meio de aparelhos, entre outros temas que muitas vezes é exigido decisões difíceis quanto à ética e a moral dessas escolhas.

Quanto à violência, um dos grandes problemas da sociedade atual, a bioética é um instrumento poderoso em defesa dos idosos, das crianças e das mulheres tanto no que diz respeito à violência psicológica, quando está envolvida agressão verbal, ameaças, gestos e posturas agressivas, ao pregar que todo ser humano deve ser respeitado, quanto à violência socioeconômica, que envolve o controle da vida social da vítima ou de seus recursos econômicos, pregando que todo ser humano tem direito a uma vida justa, direito à saúde e à educação e, ainda, quanto à violência à natureza, quando ocorre exploração dos recursos naturais sem

que haja a preocupação ou possibilidade em repô-los, o petróleo, por exemplo, afirmando a necessidade do cuidado com o futuro do planeta.

A realidade da violência no seio da sociedade humana promove danos muitas vezes irreparáveis, deve-se então encarar como desvio de conduta e investigar de que forma pode se prevenir a conduta violenta em favor da vida humana no caminho da paz. Assim, seja na área da saúde ou na área dos relacionamentos humanos, em diversas esferas, faz-se necessário uma parada para refletir quais os caminhos a tomar para a promoção da paz e do respeito à dignidade humana.

Para onde caminha a humanidade? Como será viver o futuro? O que se espera? Essas perguntas vêm à mente levando a uma profunda reflexão na busca de suas respostas.

Fazendo um paralelo com a pessoa de Cristo, indaga-se: o que Ele nos responderia se pudesse travar novamente uma conversa conosco sobre a realidade do mundo? Quais seriam suas ações, suas expectativas, suas esperanças ou desesperanças, em relação aos problemas concernentes à dignidade e respeito humano?

No sermão do monte, Cristo apresenta a possibilidade de um viver fundamentado no amor e na misericórdia, garantindo a quem se apossar desses atributos condições de relacionarem-se com dignidade e com respeito ao próximo, fatores esses imprescindíveis para promover a harmonia e a paz entre as pessoas.

Sinner, em seu artigo, “Religião e paz: teses a partir de uma visão cristã em perspectiva evangélico-luterana”, em uma de suas teses, diz: “Quem quer falar da paz em perspectiva cristã precisa falar do testemunho de Jesus”.⁶⁸ Sinner ainda nos alerta de que, seguir o exemplo de Jesus é um constante desafio. Cristo quando nos fala em amar o próximo é a todo o próximo inclusive, aquele que nos maltrata e nos persegue. Jesus dá uma visão transformadora e radical sobre o mandamento do amor a Deus e ao próximo, que deve incluir como próximo o nosso inimigo.

Pensar sobre isso leva a crer ser possível, por meio de pesquisas e estudos a respeito dos fundamentos da bioética em paralelo com as bem-aventuranças do sermão do monte, desenvolver um estudo na tentativa de responder às indagações supramencionadas e, conseqüentemente, estabelecer um canal de diálogo a

⁶⁸ SINNER, 2006, p. 19.

respeito dos direitos humanos à luz da bioética e dos ensinamentos de Cristo, em que ambos têm muito a contribuir com um viver mais digno e justo e de paz no mundo.

As perguntas que se colocam agora passam a ser: como contribuir para uma sociedade mais fraterna e justa, observando os fundamentos da bioética e os ensinamentos de Cristo? Como fazer os profissionais que dinamizam a sociedade entenderem que todo ser humano tem direito ao respeito, à justiça e a sua autonomia? E mais, como contribuir para a promoção da Cultura da Paz por meio desses fundamentos?

Para uma melhor compreensão do tema, será abordado a respeito do surgimento da bioética, alguns teóricos importantes, seus pilares fundantes, a bem aventuranças proferidas por Jesus Cristo no sermão do monte e suas contribuições para a promoção da paz a começar em cada um de nós, se estendendo para as relações interpessoais e conseqüentemente para o social em âmbito mais abrangente e complexo.

2.1 Surgimento da Bioética, a ética da vida

Como ciência, a bioética é muito nova, embora a preocupação com os destinos dos seres humanos e seu hábitat já venha de muitos anos. Contudo, nunca se fez tão urgente que se reflita sobre isso como nos dias atuais. Com o avanço extraordinário do conhecimento na área de saúde e da biotecnologia, é imprescindível tomar-se atitudes que venham delimitar a intervenção do homem sobre a vida do seu semelhante.

A bioética surgiu há pouco mais de 30 anos nos EUA. Essa nova área do conhecimento vem sendo acolhida no âmbito científico como um sinal de esperança para a humanidade. Ela é resultado do clamor da sabedoria humana pela promoção e proteção da vida e da saúde do ser humano, desde o aspecto pessoal até o cósmico-ecológico.

Goldim, em seu texto *Bioética: Origem e Complexidade*⁶⁹, relata que, em 1927, em um artigo publicado pelo alemão Fritz Jahr na revista *Kosmos*, foi utilizada pela primeira vez a palavra bioética (*Bioethik*). Este autor caracterizou a bioética

⁶⁹ GOLDIM José Roberto. Bioética e Interdisciplinaridade. *Educação, Subjetividade & Poder*, Ijuí, vol. 4, n. 1, p. 24-28, 1997. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/biosubj.htm>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

como sendo o reconhecimento das obrigações éticas, não se referindo apenas ao ser humano, porém a todos os seres vivos. Ele propôs um “imperativo bioético”: o bem estar de todo ser vivo deve ser respeitado essencialmente como fim em si mesmo, e deve ser tratado com toda consideração.

Anteriormente, continua Goldim, esse termo era atribuído a Van Rensselaer Potter⁷⁰, ao publicar um artigo em 1970, caracterizando-a como a ciência da sobrevivência. Primeiramente classificou-a como PONTE, no sentido de fazer uma interface com as outras ciências e, num segundo momento, de GLOBAL, restabelecendo o foco original da bioética, não a restringindo às questões da medicina, mas ampliando seu escopo aos novos desafios ambientais.

José Roberto Goldim em seu texto *Bioética e Interdisciplinaridade*, resume como se deu o desenvolvimento histórico da palavra bioética:

A palavra Bioética foi utilizada pela primeira vez pelo Prof. Van Rensselaer Potter, Doutor em Bioquímica e pesquisador na área de oncologia da Universidade de Wisconsin/EEUU, em 1970, em um artigo científico que resumia um capítulo de um livro seu que estava no prelo. A sua caracterização inicial era a seguinte: “Nós temos uma grande necessidade de uma ética da terra, uma ética para a vida selvagem, uma ética de populações, uma ética do consumo, uma ética urbana, uma ética internacional, uma ética geriátrica e assim por diante... Todas elas envolvem a bioética, [...]”. Esta definição era extremamente abrangente, incluindo diferentes campos de conhecimento e ação muito díspares. O Prof. Potter, posteriormente, aplicou esta mesma caracterização para a Ética Global ou Bioética Global.⁷¹

Na Inglaterra, nos anos 70, ainda segundo Goldim, Andre Helegers usou o termo Bioético para “determinar os novos estudos que estavam sendo propostos na área de reprodução humana ao citar o Instituto Kennedy de Ética, então denominado de Joseph P. and Rose P. Kennedy Institute of Ethics.”⁷²

Na visão de Potter, a bioética permeava todos os setores do viver humano e não humano, contemplando todos os aspectos da vida.

⁷⁰ Van Rensselaer Potter foi um bioquímico norte americano que nasceu no dia 27 de agosto de 1911 na Dakota do Sul e faleceu no dia 6 de setembro de 2001 aos 90 anos. Em 1970 criou o tema “bioética” para descrever uma nova filosofia que procura integrar a biologia, a ecologia, a medicina e os valores humanos. Disponível em: <<http://abioetica.blogspot.com/2011/06>>. Acesso: 10 jan. 2013.

⁷¹ GOLDIM, José Roberto. Bioética como nova ciência ética que combina humildade, responsabilidade e uma competência interdisciplinar, intercultural e que potencializa o senso de humanidade. *Revista do Hospital das Clínicas Porto Alegre* (HCPA), Porto Alegre, vol. 26, n. 2, p. 86-92, 2006.

⁷² GOLDIM, 2006.

Enquanto ciência, a bioética tem uma abordagem secular e global, pois dela participam as diferentes visões de profissionais. É uma abordagem global, pois não considera apenas a relação médico-paciente, mas também os processos de tomada de decisão, as relações interpessoais de todos os segmentos e pessoas envolvidas: o paciente, o seu médico, os demais profissionais, a sua família, a comunidade e as demais estruturas sociais e legais.

Assim, se faz necessário olhar com muita seriedade para a importância dessa ciência, que visa o bem estar das pessoas, garantindo-lhes um procedimento justo frente às questões humanas, incluindo também as questões sociais, políticas e econômicas, a exemplo do direito ao estudo, moradia, alimentação, lazer e atendimento médico digno.

2.1.1 Conceito e abrangência da Bioética

Em sua etimologia, bioética significa: *Bios - vida; Éthike - ética*; ética da vida. Podemos definir a bioética como o estudo sistemático da conduta humana no âmbito das ciências da vida e da saúde, conduta essa examinada à luz de valores e princípios morais.

Com o avanço da biotecnologia e as descobertas no campo da engenharia genética, fez-se necessário uma norma de conduta que orientasse as pessoas quanto à ética e a moral em seu procedimento para com o próximo. Assim, ao observar a conduta ética humana em relação à vida do outro, a área de atuação da Bioética se torna bastante vasta. No dizer de Goldim:

A Ética Aplicada surge como uma resposta a problemas, é uma reflexão com base na realidade. A Bioética, atualmente, é considerada como sendo a Ética Aplicada às questões da saúde e da pesquisa em seres humanos. A Bioética aborda estes novos problemas de forma original, secular, interdisciplinar, contemporânea, global e sistemática. Desta forma, estimula novos patamares de discussão e de reflexão, que podem possibilitar soluções adequadas.⁷³

As atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial, especialmente pelos nazistas, fizeram com que fosse proposta, pelo Tribunal de Nuremberg,⁷⁴ a primeira recomendação de conduta adequada à pesquisa em seres

⁷³ GOLDIM, 2006, p. 86-92.

⁷⁴ TRIBUNAL de Nuremberg - História do mundo. De 1945 a 1949, o Tribunal de Nuremberg julgou 199 homens, sendo 21 deles líderes nazistas. As acusações foram desde crimes contra o direito

humanos, de abrangência internacional. O assim denominado Código de Nuremberg⁷⁵ serviu de base para inúmeros outros documentos internacionais e legislações nacionais na área de pesquisa com seres humanos. Essa discussão, inicialmente jurídica e fortemente influenciada por valores morais, resultou em uma grande reflexão sobre as relações da Ética com a pesquisa em seres humanos.

Casos como este permitiram a caracterização de uma ética aplicada às questões de atenção à saúde e da pesquisa em seres humanos, que é denominada por muitos como bioética. Essa reflexão foi, segundo Toulmin,⁷⁶ a responsável pela retomada da discussão da ética pela comunidade como um todo, e não apenas de forma restrita e acadêmica, a ponto de, em 1982, intitular um artigo seu de “How medicine saved the life of ethics” (“como a medicina salvou a vida da ética”).

Pode-se perceber que a bioética tem preocupação com temas relevantes ao mundo atual, incluindo alertar a humanidade quanto às políticas demográficas, direitos reprodutivos e a saúde reprodutiva, a contracepção a anticoncepção, o aborto, o genoma humano, a clonagem e outras descobertas que surgirão.

Maria Helena Diniz, professora titular de Direito Civil na PUC-SP, em seu livro *O Estado Atual do Biodireito*, diz que essas inovações decorrentes das ciências biomédicas trazem um forte impacto social, tais como:

O progresso científico que vem alterando o agir da medicina tradicional; a socialização do atendimento médico, com o conseqüente desaparecimento do médico da família; a universalização da saúde; a progressiva medicalização da saúde; a emancipação do paciente, [...] reconhecimento dos seu direitos fundamentais sobre a classe médica; a criação e o funcionamento dos comitês de ética hospitalar; o advento de vários institutos não governamentais; a necessidade de um padrão moral que possa ser compartilhado por pessoas de moralidades diferentes; o crescente interesse da ética filosófica e teológica nos temas alusivos à vida, reprodução e morte do ser humano.⁷⁷

No Brasil, diversas iniciativas levaram adiante a discussão da bioética. Há um despertar para a bioética demonstrada por vários grupos que se reúnem para as

internacional até de terem provocado de forma deliberada a Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/ldadecontemporanea>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

⁷⁵ O Código de Nuremberg é um conjunto de princípios éticos que regem a pesquisa com seres humanos, sendo considerado como uma das conseqüências dos Processos de Guerra de Nuremberg, ocorridos no fim da Segunda Guerra. Disponível: <<http://www.historiadomundo.com.br/ldadecontemporanea>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

⁷⁶ TOULMIN, Stephan *apud* CASCAIS, Antônio Fernando. *Genealogia, âmbito e objeto da bioética*. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=cascais-antonio-genealogia>. Acesso em: 10 ago. 2013.

⁷⁷ DINIZ, Maria Helena. *O estado atual do biodireito*. 2 ed. aum. e atual., de acordo com o novo código civil (Lei n. 10.406, de 10.01.2002). São Paulo: Saraiva, 2002. p. 1-5.

mais diversas atividades em favor da disseminação da bioética por todo país. Dentre elas está a Sociedade Brasileira de Bioética, SBB, instituída em 18 de fevereiro de 1995, tendo como seu primeiro presidente de 1995, tendo como seu primeiro presidente e fundador, Willian Saad Hossne. Atualmente conta com cerca de 600 sócios, das diversas áreas do conhecimento humano, o que reforça seu caráter pluralista e multidisciplinar.

A SBB, trabalha com as finalidades de reunir pessoas de diferentes formações científicas ou humanísticas interessadas em fomentar o progresso e difusão da Bioética; estimular a produção cultural de seus associados e divulgar os propósitos da bioética; assessorar, quando solicitada, projetos e atividades na área de bioética; patrocinar eventos de Bioética, de âmbito nacional e internacional; apoiar movimentos e atividades que visem à valorização da bioética e deles participar; defender os interesses profissionais de seus membros, no desempenho de atividades ligadas a bioética⁷⁸

Realmente percebe-se uma sensibilização para a expansão da bioética no Brasil. Várias iniciativas individuais e institucionais são tomadas, promovendo eventos, jornadas, seminários e congressos, capazes de envolver um número significativo de pessoas interessadas na área.

2.1.2 Os Pilares Da Bioética

A bioética traz em si um senso de humanidade. Senso de humanidade requer pensar no outro. Auguste Comte, criador da palavra altruísmo, diz que, “altruísmo é quando ocorre a doação plena de um pelo outro afirma que altruísmo é viver para o outro. Entendendo que há uma reciprocidade, nem o usar do outro nem a doação completa, mas sim uma troca sincera entre os seres humanos, ocorrendo aí a solidariedade.”⁷⁹

André Comte-Sponville definiu “Bioética, como se diz hoje, não é uma parte da Biologia; é uma parte da ética, é uma parte de nossa responsabilidade simplesmente humana; deveres do ser humano para com outro ser humano, e de todos para com a humanidade”. Este senso de humanidade é inerente e fundamental à Bioética. Pensar Bioética é pensar de forma solidária, é assumir uma postura íntegra frente ao outro e, conseqüentemente, frente à sociedade e à natureza.⁸⁰

⁷⁸ BIOÉTICA no Brasil. Iniciativas Institucionais. Disponível em: <<http://www.bioetica.org.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

⁷⁹ GOLDIM, 2006, p. 91.

⁸⁰ COMTE-SPONVILLE *apud* GOLDIM, 2006, p. 91.

Com esse pensamento de altruísmo e solidariedade faz-se importante apresentar Tom Beauchamp e James Childress, ambos vinculados ao Kennedy Institute of Ethics, que publicaram em 1978, o livro “Principles of Biomedical Ethics”⁸¹, que consagrou o uso de quatro princípios na abordagem de dilemas e problemas bioéticos. São eles:

- **Autonomia**: diz respeito à capacidade que tem a racionalidade humana de fazer leis para si mesma, significa a capacidade de a pessoa governar-se a si mesma ou a capacidade de se autogovernar, escolher, dividir, avaliar, sem restrições internas ou externas.⁸²
- **Não-Maleficência**: propõe a obrigação de não infligir dano intencional. Esse princípio deriva da máxima da ética médica *primum non nocere*, que significa, primeiramente não prejudicar. O Juramento Hipocrático da medicina insere obrigações de Não-Maleficência e Beneficência no seguinte termos: “Usarei meu poder para ajudar os doentes com o melhor de minha habilidade e julgamento; abster-me-ei de causar danos ou de enganar a qualquer homem com ele.”⁸³
- **Beneficência e o Princípio da Beneficência**: estabelece que devemos fazer o bem aos outros, independentemente de desejá-lo ou não. Faz-se necessária a distinção de três conceitos. Beneficência é fazer o bem, Benevolência é desejar o bem e Benemerência é merecer o bem.⁸⁴
- **Justiça**: Beauchamp e Childress (1994) entendem o Princípio da Justiça como sendo a expressão da justiça distributiva. Entende-se por justiça distributiva a distribuição justa, equitativa e apropriada na sociedade, de acordo com normas que estruturam os termos da cooperação social. Uma situação de justiça, de acordo com essa perspectiva, estará presente sempre que uma pessoa receber benefícios ou encargos devidos às suas propriedades ou circunstâncias particulares. Os autores fazem referência a Aristóteles para explicar melhor o princípio, já que o autor grego propôs a justiça formal, afirmando que os iguais devem ser tratados de forma igual e os diferentes de forma diferente.⁸⁵

⁸¹ BEAUCHAMP, Tom; CHILDRESS, James Franklin. *Principles of Biomedical Ethics*. 4 ed. New York: Oxford, 1994. p. 100-103.

⁸² BEAUCHAMP; CHILDRESS, 1994, p. 189.

⁸³ BEAUCHAMP; CHILDRESS, 1994, p. 189.

⁸⁴ ROSS, William David. *The right and the Good*. Oxford: Clarendon, 1930. p. 21-22.

⁸⁵ BEAUCHAMP; CHILDRESS, 1994, p. 326-329.

O conjunto dos quatro princípios, devido a sua intensa utilização e grande aceitação, passou a ser chamado de “Mantra do Instituto Kennedy de Ética”.⁸⁶ O referencial teórico proposto por Beauchamp e Childress serviu de base para o que se denominou de "*Principlism*" (principlismo, em português), ou seja, a escola bioética baseada no uso dos princípios como modelo normativo ético.

Jesus Cristo ao proferir o sermão do monte no capítulo cinco de Mateus, nos doze primeiros versículos, destaca as bem-aventuranças. Os verdadeiramente felizes são os que reconhecem suas necessidades espirituais, que sentem a dor do próximo, que promovem a paz, são pacificadores, que amam a justiça, tem um coração misericordioso, que vivem honestamente e que sofrem perseguição porque lutam pelo que é certo e justo.

Da mesma forma, a bioética apresenta seus pilares como orientação para quem lida com pessoas em situações difíceis muitas vezes a mercê da decisão e do conhecimento do outro sobre sua vida e seu estado de saúde.

A respeito da conexão entre esses dois campos, Westphal e Fontana, em seu artigo “Teologia pública e bioética”, dizem:

A teologia cristã continua relevante, porém não do mesmo modo como era em tempos passados, quando referenciais que organizavam a sociedade eram cristãos. [...] Hoje a centralidade do mundo urbano gira em torno de outras referências. [...] Nesse contexto, é necessário estabelecer relações de diálogo com o mundo ao nosso redor, que não é mais essencialmente cristão. [...] O diálogo com o mundo científico pode acontecer de forma produtiva por meio da bioética. Esse diálogo se faz urgente e é o imperativo do momento, a partir do centro do evangelho, que é aquilo que promove Cristo, como dizia Lutero.⁸⁷

Quando se pensa em bioética a imagina-se como uma ciência voltada prioritariamente para as questões da área de saúde. É bem verdade que a bioética se atenta às questões da área de saúde, mas não se limita apenas a ela, indo além. Westphal e Fontana continuam dizendo que “a bioética precisa tratar da sobrevivência de todo ecossistema. Os valores éticos não podem mais estar separados dos valores bioéticos”.⁸⁸

⁸⁶ INSTITUTO Kennedy de Bioética: “El Instituto de Ética Joseph y Rose F. Kennedy, más conocido como Instituto Kennedy de Bioética, fuy fundado por André Hellegers en la Universidad de Georgetown” Disponível em: <<http://www.bioeticas.org/instituciones>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

⁸⁷ WESTPHAL, Euler Renato; FONTANA Volmir. Teologia pública e bioética. In: JACOBSEN, Eneida; SINER, Rudolf von; ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.). *Teologia Pública: Desafios Éticos e Teológicos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, p. 69-88, 2012. p. 72.

⁸⁸ WESTPHAL; FONTANA, 2012, p. 69.

Ao se trazer os ensinamentos bíblicos para contribuir na transformação da sociedade, logo vem à mente a teologia pública que, no dizer de Westphal e Fontana, é uma nova expressão da Teologia da Libertação (TdL), que, por sua vez, deu preferência às vítimas de uma sociedade cruel e injusta. Nisso, a TdL tem seu mérito, pois utilizou do espaço público ao se inserir entre os “pobres e desvalidos”.⁸⁹

Que espaço público é esse? Eneida Jacobsen, em seu artigo, *Modelos de Teologia Pública*, apresenta três modelos de público identificados tais como: “modelo de audiência, modelo contextual e o modelo apologético”.⁹⁰ Destacando o modelo de audiência que apresenta três tipos diferentes de público: a sociedade, a academia e a igreja, sendo a sociedade constituída de três domínios, o domínio tecnoeconômico, o domínio político e o domínio da cultura. Percebe-se que a atuação da teologia pública, no modelo de audiência, e, vale ressaltar, não somente nesse modelo, se faz presente no que diz respeito ao domínio político, “à justiça social e ao uso do poder”.⁹¹

No que tange à academia, José Roque Junges define a teologia pública como: “a presença da fé cristã na universidade em dois sentidos específicos: deixando-se questionar pelos desafios da ciência e, ao mesmo tempo, sendo uma presença crítica do paradigma da modernidade frente ao pressuposto presente na ciência e na sociedade”.⁹²

E por último, quanto à igreja enquanto público, ela

[...] constitui uma *comunidade do discurso moral e religioso* que o teólogo profere. O objetivo desse discurso pode ser clarificar os conteúdos de fé cristã entre aqueles que já creem. [...] Nesse sentido, o discurso teológico dirigido às igrejas tem a chance de alcançar, através da atuação das mesmas, a sociedade mais ampla. Essa breve abordagem, dá uma ideia de que o empenho por uma teologia pública é deveras plural e abrangente.⁹³

Fazendo-se um recorte verifica-se que a Teologia pública como a bioética tem como preocupação o bem estar por inteiro do ser humano. Uma vez que esse ser tem uma parte espiritual, essa deve ser respeitada em sua religiosidade. Essa

⁸⁹ WESTPHAL; FONTANA, 2012, p. 75.

⁹⁰ JACOBSEN, Eneida. Modelos de Teologia Pública. In: CAVALCANTE Ronaldo; SINER, Rudolf von (Orgs.). *Teologia Pública em Debate*. São Leopoldo: Sinodal/EST, p. 53-70, 2011. p. 61-63.

⁹¹ JACOBSEN, 2011, p. 62.

⁹² JUNGES, José Roque, *apud* JACOBSEN, 2011, p. 62.

⁹³ JACOBSEN, 2011, p. 64.

preocupação com o espiritual do ser humano faz parte do texto da “Declaração dos direitos dos pacientes, aprovado em Santiago, Chile, em 2005”.⁹⁴

As Escrituras por sua vez estão permeadas da atenção e prioridade que Deus devotou ao ser humano. Seu amor incondicional é um exemplo de que a vida é um presente precioso e deve ser tratada com dignidade e consideração. Contudo, vemos no cotidiano dos noticiários o quanto para alguns especificamente e para a sociedade em geral essa joia que é a vida está banalizada. Quando falamos da vida queremos dizer natureza, abrangendo flora, fauna, minerais, atmosfera, e principalmente o ser humano, que tem sido o alvo principal da violência. Segundo Boff, “[...] há uma chama sagrada que arde em cada ser humano. [...] É uma chama que arde olhando para o outro e não se encontra sem o outro”.⁹⁵

O professor canadense David Roy, acrescentou uma nova característica à bioética, quando afirmou que ela é o “estudo interdisciplinar do conjunto das condições exigidas para uma administração responsável da vida humana, ou da pessoa humana, tendo em vista os progressos rápidos e complexos do saber e das tecnologias biomédicas”.⁹⁶

O médico e bioeticista de Houston/EUA, H. Tristram Engelhardt, acrescentou, em 1986, uma outra característica, propondo que a bioética “funciona como uma lógica do pluralismo, como um instrumento para a negociação pacífica das instituições morais”. Já o eticista da Universidade de Montreal/Canadá, Guy Durant, em 1995, caracterizou a bioética como sendo a “pesquisa de soluções para os conflitos de valores no mundo da intervenção biomédica”.⁹⁷

O reconhecimento da bioética como um campo interdisciplinar foi fundamental. O próprio professor Potter já havia afirmado que a bioética era uma ética interdisciplinar, constituindo-se em uma ponte entre a ciência e as humanidades. Potter e Jahr corroboram essa afirmação quando falam que “[...] é possível afirmar que a bioética é uma reflexão compartilhada, complexa e interdisciplinar sobre a adequação das ações que envolvem a vida e o viver”.⁹⁸

A bioética surgiu, portanto, no século 20 como uma proposta para responder as interfaces da área de saúde, médico-paciente, procedimentos, intervenções

⁹⁴ WESTPHAL; FONTANA, 2012, p. 83.

⁹⁵ WESTPHAL; FONTANA, 2012, p. 83.

⁹⁶ ROY; David *apud* GOLDIM, 1997.

⁹⁷ ENGELHARDT; DURANT *apud* GOLDIM, 1997.

⁹⁸ GOLDIM, 2006, p. 91.

biotecnológicas. Hoje podemos notar que sua área de atuação foi ampliada; utiliza-se de um grande referencial teórico e além das questões de saúde ela se preocupa com todos os seres vivos e a natureza como um todo.

A bioética, inicialmente tinha seu foco na área da saúde. No entanto, observamos a amplitude da atuação da bioética. Sua relação com a Cultura da Paz provém do seu empenho em disseminar no trato com o ser humano os conceitos éticos de justiça de bondade de solidariedade de equidade. Conceitos que são basilares para a propagação da paz. Tanto no cuidado com o ser humano como no trato em geral com todos os seres vivos estendendo-se para o cuidado com o planeta.

2.2 O Sermão do Monte: as Bem-Aventuranças, contribuições para a promoção da paz

Ao analisar a história de Jesus Cristo e seus ensinamentos, pode-se adquirir um novo olhar para a ética. Jesus apresenta os pilares cristãos para um viver digno e honesto, consigo mesmo, e com as outras pessoas. Os seus ensinamentos formam uma contracultura, oferecendo uma alternativa de vida feliz em uma sociedade em crise. Cristo, com seus ensinamentos, deixou-nos uma orientação tão atual que podemos sem sombra de dúvida tê-la como modelo em paralelo a toda a discussão sobre a bioética e suas relações com o mundo de hoje.

Da mesma forma que a bioética se preocupa com a autonomia, a beneficência e não maleficência e com a justiça, Jesus Cristo já ensinava a viver respeitando o próximo, amando, perdoadando, dando a outra face, caminhando a segunda milha como resposta as provocações. Jesus instaurou uma nova forma de pensar o convívio com o outro em contraposição à lei antiga do *olho por olho, dente por dente* que nos reporta a expressão *lex talionis*, o princípio da retribuição exata.

Jesus dá instruções em Mateus 5.38-42 sobre como ter uma atitude passiva e sem vingança:

Vocês ouviram o que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Mas eu lhes digo: não se vinguem dos que fazem mal a vocês. Se alguém lhe der um tapa na cara, vire o outro lado para ele bater também. Se alguém processar você para tomar a sua túnica, deixe que leve também a capa. Se um dos soldados estrangeiros forçá-lo a carregar uma carga um quilômetro, carregue-a dois quilômetros. Se alguém lhe pedir alguma coisa, dê; e, se alguém lhe pedir emprestado, empreste.

A leitura desse texto leva ao pensamento profundo de que deve-se voltar a outra face, desfazendo o princípio da retaliação em primeiro lugar; em seguida sobre a questão da túnica e da capa, Jesus orienta sobre a nossa tendência de exigir nossos direitos legais; e por último o texto alerta sobre andar a segunda milha. Cumpre-nos fazer mais do que de nós for exigido e mais do que for pedido; finalmente, a negação do próprio “eu”, quando Jesus se preocupa com a tendência humana para o apego às posses materiais.

Outro ensinamento revolucionário de Jesus que se soma ao da atitude passiva e sem vingança é em relação ao *amor ativo* (Mt 5.43-48). É a questão do amor ao próximo. Nosso próximo, no vocabulário de Deus, inclui o nosso inimigo. O que faz o outro ser o nosso próximo é o fato dele ser humano. Stott apresenta nove degraus a serem galgados para a promoção da paz e no auxílio a resoluções de conflitos, baseados nesses dois ensinamentos de Jesus. Quem deseja viver verdadeiramente os ensinamentos de Cristo não pode adotar qualquer iniciativa perversa ou vingar-se do mal; deve ficar quieto e sofrer a injustiça; e vai além, deve conceder a quem lhe fez um mal o perdão e não odiá-lo/a. Orar por ele/a e amá-lo/a é preciso.

Contudo, esses ensinamentos não podem ser aplicados arbitrariamente. Só terá valor na vida das pessoas que creem em Cristo e em seus ensinamentos. Dentro desse contexto de tantas descobertas, o ser humano precisa de uma direção, de um parâmetro em que se basear, a fim de dirigir sua vida e a do outro de forma justa, boa, fraterna.

O chamado sermão do monte foi pronunciado por Jesus de um monte, em Cafarnaum, dirigindo-se a todas as pessoas que o seguiam. Nele, Jesus faz uma síntese das leis morais que devem reger a humanidade. É interessante observar que, ao final do seu discurso, as multidões estavam perplexas com a sabedoria de Cristo: Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas de sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas (Mt 7.28.29).

Ao examinar as escrituras, verifica-se que a multidão perdida, desesperançada e assustada o acompanhava e Jesus, com muita compaixão, os ensinava. Ele sentou-se solenemente como um judeu fazia ao ensinar e começou a dizer-lhes sobre como viver diante de tantas pressões e angústias.

Da mesma forma, hoje deparar com um futuro sombrio e atemorizador, são tantas as descobertas que preocupa o que o homem fará com elas. O povo que

seguia Jesus se deparava com situações similares de injustiça, crueldade, discriminação e intolerância. Ele foi o exemplo número um em realizar em si mesmo tudo que propunha ao outro, por isso Cristo, o Deus que se humanizou, tinha toda a autoridade sobre o que dizia.

Segundo Brakemeier, o ser humano ficou reduzido em suas características humanas. Com o advento da modernidade, multiplicou-se a deterioração do ser humano. A desumanização apresenta-se de várias formas, dentre elas a questão do avanço da biotecnologia que embora muito útil se não cuidarmos o seu uso afasta as pessoas da sua humanidade, o *apartheid* social, pobres e ricos dissociados; por último, a violência endêmica, que configura um verdadeiro cinismo para com a vida. “Em tal sociedade é difícil viver”.⁹⁹

O que significa “bem-aventurança”? Trata-se de um termo técnico para indicar uma forma literária que se encontra tanto no Antigo como no Novo Testamento. A bem-aventurança é uma declaração de bênção com base em uma virtude ou na boa sorte. A fórmula se inicia com “*bem-aventurado aquele...*”. “Com Jesus, ela toma a forma de um paradoxo: “a bem-aventurança não é proclamada em virtude de uma boa sorte, mas exatamente em virtude de uma má sorte: pobreza, fome, dor, perseguição”.¹⁰⁰

Em linhas gerais, isso significa ser feliz apesar das circunstâncias. É uma questão de caráter, de valores morais e éticos independentemente das situações. Nossa vida, nossas decisões, nossas escolhas terão como pano de fundo os ensinamentos de Cristo e por Ele e Nele têm-se condições de promover a paz.

2.2.1 O Caráter do Cristão: as Bem-Aventuranças

O sermão do monte, iniciando com as bem-aventuranças, apresenta palavras tão simples e ao mesmo tempo tão profundas que até os dias de hoje têm atraído cada vez mais novas gerações de cristãos, além de muitas outras pessoas. É importante estudá-lo de uma forma clara e profunda, compreendendo o seu real significado. Quando Jesus fala sobre os pobres de espírito ele está se referindo àqueles que têm fome e sede de justiça. A pobreza e a fome a que Jesus se referia

⁹⁹ BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca da identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulus, 2002. p. 13.

¹⁰⁰ BRAKEMEIER, 2002, p. 13.

nas bem-aventuranças são condições espirituais. Pode-se deduzir daí que as outras qualidades por ele mencionadas também são espirituais.

John Stott nos fala que cada qualidade elogiada foi declarada “bem-aventurada”. Ele cita uma explicação de Ernest M. Ligon, do departamento de psicologia do Union College de Schenectady, Nova York, em seu livro, “Psychology of Christian Personality”,¹⁰¹ em que o autor traça a interpretação do sermão do monte do ponto de vista da saúde mental: O erro mais significativo que se tem cometido interpretando esses versículos de Jesus (as bem-aventuranças), foi deixar de perceber a primeira palavra de cada um deles: “felizes”.¹⁰²

Muitas pessoas que sofrem de problemas de insônia, irritação, angústias, talvez, estão necessitando de uma dose dessas bem aventuranças. Certamente por isso o autor coloca a questão da saúde mental pois a felicidade reflete em pensamentos saudáveis como alegria de viver e o amor ao próximo.

Continua, “No seu ponto de vista os versículos constituem a ‘Teoria de Jesus sobre a Felicidade. Não constituem tanto deveres éticos, mas uma série de oito atitudes emocionais fundamentais. O homem que reagir com esse espírito terá uma vida feliz e mais, terá descoberto a fórmula básica para saúde mental”.¹⁰³

Ele diz ainda que a saúde mental das pessoas está intimamente ligada à sua forma de viver. Quanto mais disseminarmos amor, bondade, misericórdia, justiça, paz, etc., isso retorna para nós como rico alimento de felicidade. Quanto mais se doa, mais se recebe, quanto mais luta-se por justiça, mais feliz se sentem.

Quando Jesus inicia o sermão do monte, Ele apresenta oito afirmações sobre a verdadeira felicidade. As bênçãos são concedidas a cada qualidade mencionada por Jesus Cristo. As oito qualidades juntas constituem as responsabilidades de cada cristão e as oito bênçãos, a condição de cidadão do reino dos céus.

É interessante pensar que Jesus é apresentado por Mateus como um mestre e, como mestre, tinha toda a capacidade para ensinar. E como ensinava! As bem-aventuranças fazem parte dos cinco discursos de Cristo e em Mateus nós vemos Jesus Cristo entregando uma nova lei ao povo da nova aliança. O texto de Mateus capítulo de cinco a sete é como uma carta fundamental da nova comunidade na qual

¹⁰¹ LIGON, Ernest M. *Psychology of Christian Personality*. Nova York: Macmillan, 1961.

¹⁰² STOTT, John. *Contra Cultura Cristã*. São Paulo: ABU, 1981. p. 89.

¹⁰³ LIGON, 1961.

estão escritos os privilégios, as responsabilidades e o destino daqueles que fazem parte da nova aliança.

As bem-aventuranças descrevem o caráter equilibrado e diversificado do povo cristão. São qualidades que devem ser cobiçadas por todos os seguidores de Cristo. As oito bem-aventuranças que Cristo menciona descrevem o seu ideal para cada cidadão do reino de Deus.

Bem-aventurado, no grego *makarios*, feliz, abençoado, a felicidade do coração que está em paz com Deus. A felicidade sobre a qual Jesus fala é a felicidade dos seguidores do Messias. São felizes porque confiam totalmente em Deus e não em si mesmos.

2.2.2 O Sermão do Monte é para os dias de hoje

Para nós, que vivemos no início do século XXI, as palavras proferidas por Jesus ao pé do monte são relevantes ou se seus ensinamentos eram apenas para sua época? Na verdade, o sermão do monte descreve o comportamento que Jesus esperava de cada um de seus discípulos. A Bíblia relata Jesus na arena da vida pública, relacionando-se com o próximo, exercendo misericórdia, patrocinando a paz, sendo perseguido, não perseguir; agindo como sal, que significa repartir com o próximo a noção de que a paz é possível, a aceitação do outro é viável, o perdão é o caminho para uma convivência pacífica; deixando a luz brilhar, a luz do amor do serviço ao próximo, incluindo os inimigos, dedicando-se acima de tudo à expansão do reino de Deus e da sua justiça no mundo.

Nas palavras de Wesley,

As promessas de Jesus nas bem-aventuranças têm cumprimento presente e futuro. Desfrutamos agora das primícias; a colheita propriamente dita ainda está por vir. Com certeza através de uma análise um pouco mais profunda do Sermão do Monte, em especial das Bem-aventuranças, poderemos verificar a sua relevância para nós do século XXI.¹⁰⁴

O cristianismo pode e deve contribuir juntamente com a ciência na promoção da paz, que é uma consequência da misericórdia, do amor e da justiça entre as pessoas. Sobre a atemporalidade das bem-aventuranças, o autor pontua:

Alguns imaginavam que Jesus desejava indicar vários estágios da verdadeira vida espiritual. Acreditavam que Jesus estava mostrando os

¹⁰⁴ STOTT, 1981.

passos que o cristão dá sucessivamente em sua jornada para o Reino de Deus. Outros supõem que as características aqui citadas se referem a todas as pessoas espirituais de todos os tempos.¹⁰⁵

Crendo que o Reino de Deus começa aqui, hoje, na terra, esses passos seriam de uma verdadeira espiritualidade por meio de nossas ações na convivência humana.

As palavras de Jesus assustam, pois fazem refletir e ressignificar a própria conduta humana. Parece até que praticar os ensinamentos de Cristo é um verdadeiro absurdo diante da realidade que se vive. Lutar pelo outro, pelo fraco, pelo oprimido numa sociedade de competição, em que reine o princípio “que vença o melhor”, verdadeiramente é um paradoxo.

O messias, o Príncipe da paz conclama a viver seus ensinamentos e proclamar as boas novas do evangelho para disseminar a luz do amor, da alegria e da boa vontade e dar sabor à vida do outro com palavras de estímulo, respeito, encorajamento, cooperando com o próximo na busca da sua realização como ser humano, que não é mendigando pelas ruas ou vivendo em um subemprego, mas com reconhecimento que tem direitos ao estudo, a saúde, a moradia, ao trabalho, a um viver verdadeiramente humano.

2.3. Humildade e paz em destaque

Jesus subiu ao monte e proferiu um discurso que toca o nosso coração até os dias atuais. Começou dizendo: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus”. “Felizes as pessoas humildes, pois receberão o que Deus tem prometido” (Mt 5.3.6).

É feliz quem é humilde significa dizer que a verdadeira felicidade é ter a real consciência de quão frágil o ser humano é, e de quanto precisa aprender, e mudar e se transformando cada dia para se tornar uma pessoa justa, solidária e misericordiosa.

Conceituando humildade, dizemos que:

Humildade significa terra fértil, vem da palavra húmus que significa: solo sobre nós. É a qualidade das pessoas que procuram se manter no nível dos outros, ninguém é pior ou melhor do que os outros, todos estamos no mesmo nível de dignidade, de cordialidade, respeito, simplicidade e

¹⁰⁵ WESLEY, John. *O Sermão do Monte*. [traduzido por Lucy Yamakami]. São Paulo: Editora Vida, 2012. p. 67.

honestidade. Humildade é assumir, seus direitos e obrigações, erros e culpas sem resistir, agir diferente disto, é uma arrogância e uma negação da sua origem. A humildade é uma virtude humilde, porque quem se vangloria da sua, na realidade pode ter falta dela. É um sentimento adquirido lentamente pelo trabalho interior ou provocado pelo conhecimento, que existe um ser superior ao mesmo.¹⁰⁶

Humildade não é uma característica de covardes ou medrosos. Muito pelo contrário, Dickson (2012) sinaliza que “a pessoa humilde não apenas demonstra segurança [...] sinto confiança em dizer que a humildade não apenas sinaliza a segurança pessoal como a alimenta”.¹⁰⁷

Na bioética, a humildade é uma característica fundamental. Ao assumir que a incerteza e a mudança são componentes sempre presentes, assume-se igualmente que os resultados das reflexões são sempre passíveis de discussão. A humildade permite reconhecer que eles não são definitivos nem imutáveis.¹⁰⁸

Para John Wesley, “a verdadeira humildade flui do senso do amor de Deus. [...] A humildade, a pobreza de espírito, nos faz conscientes da nossa total incapacidade de sermos bons por nós mesmos. [...] É um senso contínuo da nossa total dependência de Deus para cada pensamento bom”.¹⁰⁹

Nas bem-aventuranças, Jesus continua dizendo: “felizes as pessoas que trabalham pela paz, pois Deus as tratará como seus filhos”. Essa definição leva a um questionamento: Como ter paz neste tempo presente?

O resumo do livro de Cescon e Nodari expressa de uma forma explicativa a respeito da paz que pode ser um caminho a seguir para todos aqueles que se interessam e desejam se envolver em difundir a paz.

A paz é fruto indissociável da humildade, da justiça, da solidariedade e da educação responsável. É atitude comportamental. É processo educacional. Caracteriza-se pela busca contínua do diálogo. É enfrentamento de conflitos. É tentativa incansável da resolução dos conflitos sem causar mais violência às partes envolvidas. A paz não é simples slogan de passeatas nem apenas ausência de guerras, tampouco é simples estado de espírito. É compromisso inadiável, responsável e solidário com a cultura da paz.¹¹⁰

¹⁰⁶ HUMILDADE. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/humildade/>>. Acesso em: 29 out. 2013.

¹⁰⁷ DICKSON, John. *Humilidas*. Voltando ao Caminho para vida, amor e liderança. São Paulo: Editora Vida, 2012. p. 118-119.

¹⁰⁸ GOLDIM, 2006, p. 91.

¹⁰⁹ WESLEY, 2012, p. 73.

¹¹⁰ CESCÓN, Everaldo; NODARI, Paulo Cesar (Org.). *Filosofia, Ética e Educação: Por Uma Cultura de Paz*. São Paulo: Paulinas, 2011.

O relatório da reunião internacional sobre Educação para o Século XXI, da Unesco, apresenta quatro grandes necessidades de aprendizagem dos cidadãos do próximo milênio às quais a educação deve responder, são elas: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser”.¹¹¹

Aprender a conviver é reflexo do que a pessoa é, se suas ações favorecem uma convivência harmoniosa com as pessoas ou não. Certamente, essa paz que se deseja é um reflexo da construção de valores como bondade, justiça, equidade, humildade ao longo da história de vida de cada um.

Neste mesmo sentido, Pierre Weil falando sobre a paz, faz compreender que:

Mais do que ausência de conflito, a paz é um estado de consciência. Ela não deve ser procurada no mundo externo, mas principalmente no interior de cada homem, comunidade ou nação. De nada adianta desarmar todos os homens. Eles continuarão a se matar aos socos se os espíritos não forem pacificados. E, na primeira oportunidade, produzirão máquinas ainda mais mortíferas para se destruir mutuamente.¹¹²

Atualmente, existe um movimento mundial em prol da paz e, no ano 2000, foi elaborado o Manifesto por uma Cultura de Paz e Não-Violência, que foi esboçado por um grupo de laureados do prêmio Nobel da Paz. A Assembleia Geral das Nações Unidas declarou o período de 2001 a 2010 como a “Década Internacional da Cultura de Paz e Não-Violência para as Crianças do Mundo”.¹¹³

O manifesto de 2000 tem algumas teses que precisam ser levadas em consideração: respeitar a vida; rejeitar a violência; ser generoso; ouvir para compreender; preservar o planeta e redescobrir a solidariedade. Essas teses levam a pensar como é preciso implementar esses valores para a promoção da paz:

Em sua busca pela paz, a UNESCO parte do princípio de que a violência ainda persiste, no entanto, com uma nova face. Apesar de as formas tradicionais de conflito e guerra terem diminuído, os orçamentos para segurança da maioria dos países permanecem elevados, especialmente para o desenvolvimento de armamentos inteligentes de alta tecnologia, enquanto que os orçamentos destinados ao desenvolvimento social são constantemente reduzidos. Nas duas últimas décadas, os conflitos internacionais aumentaram, exacerbando as diferenças étnicas e religiosas. Em face desse inaceitável estado dos fatos, devemos nos mobilizar em

¹¹¹ DELORS, 1998.

¹¹² WEIL, Pierre. *A Arte de Viver em Paz: Por uma nova consciência e educação*. 8 ed. São Paulo: Gente, 2002. p. 31.

¹¹³ DISKIN, Lia; GORRESIO, Roizman Laura. *Paz como se faz*. Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro; UNESCO; Associação Palas Athena, 2002.

favor da paz e da não-violência, as quais devem tornar-se realidade cotidiana para todos.¹¹⁴

Ao abrir sites que versam sobre a paz encontram-se inúmeros pensadores expressando sobre a paz. Filósofos como Platão e Heródoto, músicos como Jimi Hendrix, políticos como a ex-primeira-dama americana Eleanor Roosevelt, religiosos como João XXIII, papa italiano. Sem desmerecê-los em seus pensamentos sobre paz, desejamos apresentar o maior dos pensadores, que não somente escreveu sobre o assunto, mas viveu essa paz em sua totalidade. Ele, Jesus Cristo, diz assim em João 14.1, “Não se abalem! Continuem confiando em Deus e continuem confiando em mim”. E em João 14.27 “Eu lhes deixo a paz. A minha própria Paz eu dou a vocês. Eu não dou a paz como o mundo a dá. Portanto os seus corações não devem ficar nem perturbados nem com medo”.

A grande meta do sermão do monte, em especial das bem-aventuranças é “a construção da paz, caminho árduo e exigente, pois implica: compromisso com a justiça (os que tem fome e sede de justiça), empenho (proteção e carinho), com a vida (os misericordiosos), transformação interior pela vontade de YHWH (os puros de coração)”.¹¹⁵

Para Inês Pozzagnolo, as bem-aventuranças mostram que:

[...] o Reinado de Jesus continua entre nós à medida que os cristãos, judeus e gentios submetem-se à sua autoridade. [...] Sendo assim, bem-aventurado é aquele que ouve a palavra para colocá-la em prática, não obstante entender que o ensino das bem-aventuranças jamais caberá nos limites da fé tradicional.¹¹⁶

A sétima bem-aventurança diz: “felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5.9) Para a autora, “o Messias, o príncipe da paz, mostra a grandeza do pacificador. Recebe o título de ‘filho de Deus’”.¹¹⁷

Quem são os pacificadores desta bem-aventurança? São aqueles que estabelecem a paz na convivência social e reprimem os que eventualmente perturbam essa paz. Não são apenas pessoas pacíficas ou pacificadoras, mas promotoras da paz e que fazem com que a paz aconteça. A bem-aventurança

¹¹⁴ COMITE Paulista para a Década da Cultura da Paz. 201-2010 Disponível em: <<http://www.comitepaz.org.br/>>. Acesso: 10 ago. 2013.

¹¹⁵ OLIVEIRA, Ivone Brandão de. *Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 56.

¹¹⁶ POZZAGNOLO, Inês. *Bem-Aventuranças. Didaqué: querigma e ensino transformador*. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 57.

¹¹⁷ POZZAGNOLO, 2013, p. 52.

“felizes os que promovem a paz” refere-se àqueles fazedores da paz e àquelas pessoas que trabalham pela paz:

A paz somente surgirá se a humanidade concordar em viver em paz. Isto é, ela não virá por decreto dos poderosos, nem mesmo virá apenas COMO consequência da audácia dos militantes pacifistas, mas será fruto de um estabelecimento de um consenso discutido, conversado, negociado entre as pessoas.¹¹⁸

Marcelo Guimarães Resende ainda destaca que se faz necessário abolir preconceitos e estereótipos, instrumentalizar a resolução não-violenta de conflitos, diminuir o potencial de agressão e ainda criar aversão à violência e fortalecer pessoas para serem ativistas da não- violência.

A paz na Bíblia não está relacionada ao cessar da guerra, mas sim a uma reconciliação do ser humano com Deus. Essa paz está disponível a todas as pessoas em Cristo Jesus.

Na visão do cristianismo, não se pode de forma alguma olhar para o sermão do monte e para as bem-aventuranças e pensar que o padrão estabelecido por Cristo seja para todos os homens. Somente para aqueles que aceitarem os seus ensinamentos. Para que aceitem faz-se necessário que isso seja apresentado aos outros por meio da prática no viver.

Esse sermão foi proferido para os discípulos de Jesus. O alto padrão que Ele estabeleceu pode ser alcançado à medida que mais e mais pessoas difundem as verdades nele contidas. Deus veio ao encontro do ser humano bem antes de nós irmos ao encontro Dele. Nesse sentido, pode-se difundir esses valores e buscar a participação de todos para o objetivo maior, que é disseminar a paz entre as pessoas.

O respeito à dignidade e ao próximo, a bondade, a fraternidade, o desejo de não praticar o mal a outra pessoa e o anseio pela justiça, pregados pela bioética, poderão ser mais bem alcançados se somados aos seus princípios estiverem os ensinamentos de Cristo nas bem-aventuranças. A bioética tem, como vimos, como pilares verdades que se entrelaçam com as ensinadas por Cristo, que são: autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça; a luta pelo direito e o respeito à dignidade humana. As bem-aventuranças tratam de como são felizes as pessoas

¹¹⁸ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. O futuro não será de caos e miséria: fortalecendo uma cultura de paz, *Cadernos da ESTEF*, Porto Alegre, ano 29, n. 2, p. 5-23, 2002. p. 20.

que são humildes, sensíveis, misericordiosas, mansas, justas, puras, pacificadoras, que são perseguidas por causa da justiça, porque das tais é o reino dos céus.

Todos os segmentos da sociedade precisam convergir para o ponto de refletir e projetar ações que contribuam para a paz, coibindo a violência que tão perto instalou-se.

Na tentativa de fechar esse capítulo vem ainda algumas inquietações: Quem está bem de vida? Quem é verdadeiramente abençoado?

A não violência fiel de Jesus que é apresentada por Ken Butigan no programa da *Violência à Integridade* em sua terceira sessão diz que “As bem-aventuranças são mais do que expressões bonitas. São um resumo de pressupostos básicos sobre o que constitui o bem-estar, o estar abençoado”.¹¹⁹

Essa sessão apresenta um quadro muito interessante sobre um paralelo entre as atitudes de uma sociedade de dominação versus as bem-aventuranças de Jesus encontradas em Mateus 5 de 1 a 16. Esse quadro, de certa forma, dá uma resposta para aqueles que desejam ser verdadeiramente felizes. A sociedade contemporânea apela a se buscar a felicidade em valores muitas vezes opostos ao real sentido de ser verdadeiramente abençoado, verdadeiramente feliz.

QUADRO 8 – Sociedade Contemporânea X Bem-aventuranças de Jesus

<i>As Atitudes de uma sociedade de dominação</i>	<i>As bem-aventuranças de Jesus (Mateus 5.1-16)¹²⁰</i>
1. Estão bem as pessoas que tem resposta para tudo.	1. Estão bem as pessoas que conhecem suas necessidades espirituais.
2. Estão bem as pessoas que podem se isolar de todo sofrimento.	2. Estão bem as pessoas que podem sentir as dores em si próprias e no seu mundo
3. Estão bem as pessoas que podem obter controle e poder sobre os outros.	3. Estão bem as pessoas não violentas que vêem a verdade e a compaixão como poderes.
4. Estão bem as pessoas que tem fome e sede pelo aumento de bens.	4. Estão bem as pessoas que tem fome e sede pela justiça.
5. Estão bem as pessoas que tratam asperamente quem as ofendem.	5. Estão bem as pessoas que estendem a misericórdia a todas as pessoas.
6. Estão bem as pessoas que tentam agradar todo mundo.	6. Estão bem as pessoas que falam e vivem honestamente.
7. Estão bem as pessoas que ganham a guerra.	7. Estão bem as pessoas que fazem as pazes.
8. Estão bem as pessoas que vivem no conforto e evitam toda a controvérsia.	8. Estão bem as pessoas que são perseguidas porque buscam justiça.

¹¹⁹ BUTIGAN, Ken. *Da Violência a Integridade*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003. p. 71.

¹²⁰ BUTIGAN, 2003, p. 71.

Depende de cada um a escolha do verdadeiro significado de ser feliz. Nesse sentido, as bem-aventuranças podem contribuir muito para a cultura de paz. Assim, o alerta a homens e mulheres a aderirem à proposta de Jesus Cristo na prática da bondade, do amor, da misericórdia, do perdão, constituem base firme para a construção da cultura da paz. Outra orientação bíblica de promoção da cultura da paz está em Mateus 7.12 e Lucas 6.31 e também defendida por Rabi Hillel, “Aquilo que não desejas para ti, também não o faças às outras pessoas”. Rabi Hillel (60 aC - 10 dC), “Não faças aos outros o que não queres que te façam”. Rabi Hillel, Sabbat 31^a, “Tudo o que vocês quiserem que as pessoas façam a vocês, façam-no também a elas”. Jesus Cristo (30 dC).

No dizer de Westphal

O ser humano é um ser sem valor de troca. Ele é o único incondicionalmente amado por Deus. Esse amor nos faz reconhecer o valor como um ente precioso e digno. Continua dizendo que: [...] A visão de que a vida humana é amada por Deus abre a perspectiva para assumir o conflito ético nas situações limítrofes, decidindo em favor do ser humano e de sua dignidade.¹²¹

Pensar sobre a Paz é bom. Mas isso só não basta. Os princípios da bioética somados aos valores ensinados por Jesus Cristo ao proferir o sermão do monte, nos instrumentalizam para realizar um movimento contra a violência de toda a sorte, promovendo a paz, ingressando no movimento mundial pela paz a partir de cada um de nós.

¹²¹ WESTPHAL; FONTANA, 2012, p. 85.

3 ESCOLA, DESAFIOS E ESPERANÇAS: LOCAL PROPÍCIO PARA A EDUCAÇÃO PARA A PAZ

A escola é um espaço importantíssimo na sociedade. Espaço de convivência, de troca de saberes, de aprimoramento nas relações sociais. Mas o que vemos é que para muitos a escola se tornou depositário de crianças e jovens cheios das mais diversas dificuldades que os pais, sem capacidade de solucioná-las, transferem para as instituições escolares a fim da instituição “dar um jeito no problema”. É bem verdade que quando a criança e o jovem entram na escola requer-se por parte da mesma uma responsabilidade sobre eles no que tange à segurança e ao uso do espaço em benefício comum para todos, evitando violências e desrespeito entre eles e entre todos os agentes participantes do projeto da escola, do porteiro aos gestores.

No entanto, tanto crianças como jovens trazem para a escola suas vivências familiares. E essas vivências nem sempre contribuem para manter a ordem e a harmonia entre as pessoas que circulam e convivem nesse espaço.

Daí, surgem as seguintes indagações, que se tornam o problema a ser respondido: qual a função da escola como espaço significativo de transmissão do conhecimento e quais os desafios na formação do ser humano autônomo e responsável?

A função da escola sofreu modificações ao longo do tempo, e a cada período procurou tentar responder às necessidades da própria sociedade. Por exemplo: “até a década de 50 do século XX, a escola primária cumpre funções de alfabetização, transmissão de conhecimentos elementares e, como diziam no século XIX, ‘moralização do povo pela educação’”.¹²² Hoje a escola se depara com outros desafios tanto no que concerne à gestão administrativa quanto à parte pedagógica, nas relações entre professores e gestores, professores e alunos, alunos e alunos, alunos e gestores como também na compreensão das demandas da sociedade de hoje.

Em relação até a década de 50, Charlot continua dizendo que a configuração muda por inteiro a partir da década de 60 e 70 do século XX:

¹²² CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: Um trabalhador na contradição. *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, Salvador, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, v. 1, n. 1, p. 18-31, jan./jun.1992. p. 18.

Na maioria dos países do mundo, a escola passa a ser pensada na perspectiva do desenvolvimento econômico e social; é o caso nos Estados Unidos, na França, no Japão e nos países do Sudeste Asiático, no Brasil, nos países africanos, etc. Essa nova perspectiva leva um esforço para universalizar a escola primária e a seguir, o ensino fundamental. Dessa época para cá, aos poucos ingressam na escola, em níveis cada vez mais avançados rapazes e moças pertencentes a camadas sociais, que, outrora, não tinham acesso à escola ou apenas cursavam as primeiras séries. Esse movimento de expansão escolar é organizado e pilotado, antes de tudo, pelo Estado.¹²³

Para Charlot, essa nova configuração sócio-escolar traz pelo menos três considerações:

Primeiro, porque, doravante, importa muito o fato de ter sido bem sucedido na escola ou ao contrário, fracassado, o que torna mais angustiada a relação dos alunos e dos pais com a escola e mais tensa a sua relação com os professores. [...] Em segundo lugar, as novas camadas sociais que ingressam para a escola, em particular para o último segmento do ensino fundamental, importam para o universo escolar comportamentos, atitudes, relações com a escola e com o que nela se estuda, que não combinam com a tradição e até com a função da escola. [...] Em terceiro lugar, os professores sofrem novas pressões sociais. Já que os resultados escolares dos alunos são importantes para as famílias e para o “futuro do país”, os professores são vigiados, criticados.¹²⁴

Assim, neste capítulo serão desenvolvidos alguns temas que servem de norte para a busca de respostas às indagações levantadas, como “A Escola e sua História”, como aconteceram as modificações ao longo do tempo de sua função e da sua importância como espaço não somente de conhecimento, mas de diálogo e aprendizagem acerca da diversidade e transformação social. Abordamos também a gestão participativa e sua contribuição para o envolvimento de todos os atores da educação, valorizando o papel de cada um e sua importância para a minimização e enfrentamento dos problemas que afetam a escola, a qual desejou que sempre fosse uma Escola Cidadã. Há relatos de escola que tem abraçado a Cultura da Paz e a resposta no comportamento dos alunos, o Projeto da UNESCO, “*Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz*”.¹²⁵

Por último, uma reflexão sobre os desafios que se apresentam sobre as escolas e as esperanças de alternativas para o enfrentamento dos problemas que

¹²³ CHARLOT, 1992, p. 19.

¹²⁴ CHARLOT, 1992, p. 19.

¹²⁵ UNESCO. *Guia Prático Para Abrir Escolas Nos Finais De Semana*. Programa Abrindo Espaços: Educação E Cultura Para A Paz. 2000. p. 5. Disponível em: <http://portal.unesco.org/culture/en/files/29922/11392194311guia_para_abrir_escolas_nos_finais_de_semana.htm>. Acesso em: 4 abr. 2014.

afetam a realidade social brasileira que são absorvidos pelo espaço escolar e vice-versa.

3.1 A Escola e sua história através dos tempos

A escola é um espaço de relações. Neste sentido, cada escola é única, fruto de uma história particular, de seu projeto e de seus agentes. Como lugar de pessoas e de relações, é também um lugar de representações sociais. Como instituição social ela tem contribuído tanto para a manutenção quanto para transformação social.¹²⁶

A professora Antônia de Jesus Sales, ao escrever “A Escola Através dos Tempos”, destaca que embora a escola seja um espaço de concretização e assimilação do conhecimento, quando a analisamos do ponto de vista do contexto histórico, muitos questionamentos surgem da atuação dessa instituição, como por exemplo: O ambiente escolar sempre existiu? Quem tem direito à educação? Será que durante o nosso período de formação somos levados a refletir sobre o papel da escola e o mundo que nos cerca e como podemos atuar de forma ativa e transformadora?

De certa forma, o ambiente escolar sempre existiu, sempre houve alguém em interação com o meio descobrindo, construindo, reconstruindo os objetos do mundo e transmitindo para alguém os conhecimentos. Evidentemente que de forma própria e característica em cada época. Nas comunidades primitivas, por exemplo, o ensino era prático, vivenciado por meio da observação e reprodução da ação educativa.¹²⁷ A escola como mediadora entre o indivíduo e a sociedade é de igual modo importante ao lado de outras instituições, permitindo a educação das crianças embasada em modelos sociais de comportamento e em valores morais:

Educar já significou, e talvez signifique ainda, em algumas regiões do Terceiro Mundo, apenas viver a vida cotidiana do grupo social ao qual pertence. O meio social, em seu conjunto, era o contexto educativo aprendendo a fazer com que os adultos ensinavam a partir da experiência pessoal.¹²⁸

¹²⁶ GADOTTI, Moacir. *A escola e o Professor*. Paulo Freire e a Paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007. p. 11.

¹²⁷ SALES, Antônia de Jesus. *A Escola Através dos Tempos*. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-escola-atraves-dos-tempos.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

¹²⁸ BOCK, Ana Maria B. *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2002. p. 247.

Luzuriaga apresenta em seu livro *História da Educação e da Pedagogia* informações importantes para a compreensão do desenvolvimento da educação e da função da escola através da história. Uma delas é a de que, embora não existam provas, historiadores inferem que a educação entre os grupos primitivos ocorria de forma espontânea, ou seja, as crianças ou jovens aprendiam por imitação, ao observarem os maiores em suas atividades elementares, que eram a pesca, a caça, a agricultura, etc. A observação de fenômenos meteorológicos, alguns rituais sagrados e a preparação para a guerra, com o passar dos séculos, passaram a fazer parte da educação dos jovens, que para isso precisavam ser treinados.

Continua Luzuriaga:

No oriente, onde escrita sistemática foi criada associada à organização social que se estabeleceu, houve a criação de escolas e mestres em alguns dos países orientais. No Egito, as crianças frequentavam a escola a partir dos 6 ou 7 anos, sendo as escolas elementares (aprendiam a ler, escrever e contar) para o povo e as escolas superiores ou eruditas (além do elementar, aprendiam astronomia, matemática, música, poesia, etc.) para os filhos dos funcionários. Entre os hebreus, baseada nos livros sagrados (Tora e Talmud), tinha duração de 10 anos (dos 8 aos 18 anos). Entre os hindus, a educação era privilégio das castas superiores. Na China, a educação sistematizada só ocorreu a partir do período imperial (V a. C.), e dividia-se em elementar (do povo) e superior (funcionários mandarins). A chamada educação clássica desenvolvida entre os séculos V a. C e V d. C. diz respeito à educação ocidental”, abrangendo Grécia e Roma. A educação grega teve quatro períodos: heroica (poemas homéricos); cívica (Atenas e Esparta); clássica/humanista (Sócrates e Aristóteles) e helenística/ enciclopédica (cultura Alexandrina). Cada período” teve características próprias. A educação romana teve três principais períodos: heróico-patricia (V – III a. C.); de influência helênica (III – I a. C.) e Imperial (I a. C. – V d. C.). Embora sejam bastante parecidas, cultura e educação grega e romana possuíam pontos de divergência significativos.¹²⁹

“A educação como produto da escola ocorreu a partir da Idade Média. Entregando a escola, em espaços reservados e específicos, com pessoas especializadas, a tarefa de passar o saber e ainda a escola na sua trajetória histórica passou por muitas transformações. Com o surgimento da indústria e impulsionada por ela a partir do século XIV, necessitou atender a todas as crianças, visto que essas mudanças interferiram no modelo familiar até então seguido, mostrando que a família não tinha mais condições de preparar sozinha seus filhos para o trabalho e para a vida social. E, mais, no século XVI, acontece a reforma religiosa, como

¹²⁹ LUZURIAGA, Lorenzo. *História da educação e da pedagogia*. 13 ed. São Paulo: Nacional, 1981. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/pedagogia/historia-da-educacao>>. Acesso em: 9 jul. 2013. p. 20-22.

resultado da Renascença, e essa reforma como consequência tem-se uma educação cristã reformada, tanto católica como protestante”.¹³⁰

Em 1524, Lutero envia uma carta “Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha, para que Criem e Mantenham Escolas”, e chama a responsabilidade das autoridades e do poder público ao que relaciona com a educação. Também sinaliza que a educação é o ato mais importante para o desenvolvimento pleno do ser humano e que não se deve usar da educação para fins utilitaristas, materiais e imediatistas, pois ela seria um investimento de longo prazo que desenvolve a crítica e a reflexão sobre a realidade:

Por isso certamente será de competência do conselho e das autoridades dedicar o maior cuidado e o máximo de empenho à juventude. A eles, como curadores, foram confiados os bens, a honra, corpo e vida e toda a cidade. Portanto, não agiriam responsabilmente perante Deus e o mundo se não buscassem, com todos os meios, dia e noite, o progresso e o melhoramento da cidade. Agora o progresso de uma cidade não depende apenas do acúmulo dos grandes tesouros, da construção de muros e fortificações, de casas bonitas, de muitos canhões e da fabricação de muitas armaduras, [...] muito antes, o melhor e mais rico progresso para uma cidade é quando possui muitos homens bem instruídos, muitos cidadãos ajuizados, honestos e bem educados. Estes então também podem acumular, preservar e usar corretamente riquezas e todo tipo de bens.¹³¹

Wachholz destaca que Lutero é um pensador além do tempo. A educação em sua época era rigorosa. “Contudo, o rigor, deveria ser acompanhado de bondade”.¹³² Lutero pleiteava uma pedagogia de caráter lúdico e prazeroso:

[...] a juventude, que de qualquer forma deve e precisa ser educada na música e em outras boas artes, e, ainda, percebeu que o trabalho educativo deve ser feito a partir das condições e necessidades de quem é alvo do ensino. Por isso [...] Lutero alude às brincadeiras como forma de ensinar. Lutero chama de brincadeiras o uso de referenciais concretos do mundo da criança.¹³³

Luzuriaga informa que, “a educação católica pós-renascença foi marcada por um movimento conhecido por contra-reforma. A Companhia de Jesus, organização criada por Inácio de Loyola, em Paris em 1534, foi a mais poderosa arma contra os protestantes”.¹³⁴

¹³⁰ LUZURIAGA, 1981, p. 20-22.

¹³¹ WACHHOLZ, Wilhelm. Lutero: legados pedagógicos e comunitários. In: BRANDENBURG, Laude Erandi; WACHHOLZ, Wilhelm (Orgs.). *Contribuições do luteranismo para a educação*. São Leopoldo: Sinodal-EST, p. 9-27, 2010. p. 17.

¹³² WACHHOLZ, 2010, p. 13.

¹³³ WACHHOLZ, 2010, p. 19.

¹³⁴ LUZURIAGA, 1981, p. 22.

Após o século XV, findo o período da Renascença, é criada a educação humanista, uma nova versão do conhecimento greco-romano. Surge o colégio humanista (escola secundária), onde são estudados o latim e o grego e os exercícios físicos são valorizados.

A luta pela democratização foi outra contribuição geradora de mudanças na escola, empreendida pelas classes trabalhadoras que não tinham acesso à instituição. Assim, eles passaram a exigir o direito de ter seus filhos na escola, e esta, pressionada, abriu suas portas para atender a outras camadas sociais. Podemos observar que esses fatores contribuíram para que a escola adquirisse as características que possui hoje em nossa sociedade:

A escola participa deste jogo social, porém, essas transformações ocorrem de modo mais amplo, abrangendo outras instituições, como a família, os meios de comunicação de massa, o Congresso Nacional e as leis. Os educadores progressistas reivindicam para a escola o direito de participar deste jogo e contribuir para a transformação da sociedade.¹³⁵

No século XVII, com a revolução francesa, a educação nacional pressupõe a responsabilidade do Estado para o estabelecimento da escola primária universal, gratuita e obrigatória, com vistas à formação da consciência patriótica.

No início do século XVIII Jean-Jacques Rousseau, filósofo francês, trouxe grande contribuição para a educação. Para ele, a educação deveria se basear em pressupostos como: “a criança é um ser em desenvolvimento não um adulto em miniatura, deveria ter liberdade e suas experiências serem valorizadas. Uma educação que contemplasse o ser humano de forma integral tanto nos aspectos físicos, intelectuais e morais, apresentando pela primeira vez, a necessidade de estudar a criança antes de querer educa-la”.¹³⁶

3.2 A Escola atual

A educação é parte inerente da constituição humana, logo, o homem necessita da educação para humanizar-se. É um instrumento imprescindível para o desenvolvimento de sujeitos articulados com o projeto de sociedade que está em voga historicamente. E mais, a educação é um instrumento desenvolvido pelas sociedades para possibilitar ao ser humano desenvolver seu potencial criativo e

¹³⁵ BOCK, 2002, p. 270.

¹³⁶ BARROS, 1995, p. 07.

facilitar a ação comum para a vida em sociedade e o exercício de sua plena cidadania.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, lei nº 9394/96 (BRASIL, 1996), conhecida como Lei Darcy Ribeiro, apresenta um conjunto de definições políticas para orientar o atual sistema educacional brasileiro. A lei visa dar significado a educação relacionando-a com as necessidades profissionais e sociais do homem no mundo moderno, como também promover mudanças na Educação Básica brasileira, integrando a Educação Infantil e o Ensino Médio.¹³⁷

A LDB vincula a educação ao trabalho e à prática social, pois ambos fazem parte da vida de qualquer indivíduo. Nesse contexto, a escola apresenta-se como em um grande palco de discussões no mundo contemporâneo e a questão da violência, da convivência entre as pessoas, educador(a), educandos(as), gestores e auxiliares, enfim, de todos os agentes que lidam com a educação, precisa despertar sensibilidade para as demandas dos outros, que poderá ser desenvolvida dentro de uma cultura denominada “Cultura de Paz”, sendo esse objetivo um dos grandes desafios para a escola na atualidade.

Educar para a Paz é educar sobre a paz e em paz. Somente a informação sobre paz, contudo, não promove a paz. Martha Jadali Rabbani alerta que: “Promover uma Cultura de Paz depende de vários fatores e esforços paralelos. Entre eles está educar-nos e também educar uns aos outros para a paz”.¹³⁸

As pesquisas têm mostrado que alunos formados em instituições educacionais direcionadas à educação para paz não tiveram mudança quando essa educação apenas informou sobre a paz. Quando as atitudes e os relacionamentos não foram alterados, a introdução da disciplina na educação para a Paz não obteve nenhum resultado prático. Alunos, professores e administradores continuaram tão violentos em suas relações quanto aqueles de outras instituições.¹³⁹

A educação é uma força vital para a formação de um mundo que, na sua essência, pratica a justiça social. O ser humano tem por direito inalienável a Educação, ou seja, o direito de obter uma formação humana capaz de proporcionar meios de viver com dignidade em mundo de constantes transformações.

¹³⁷ BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, LDBEN, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

¹³⁸ RABBANI, Martha Jadali. Educação para a paz. In: MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de Cássia Dias P. (Orgs.). *Cultura de Paz, Estratégias, Mapas e Bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003. p. 63-94.

¹³⁹ HICKS, David. *Educación para la paz: cuestiones, principios y práctica en el aula*. Madrid: Ministerio da Educación y Ciencia, 1993, *apud* RABBANI, 2003. p. 65.

Poderíamos continuar dizendo: se a mudança não ocorrer na mente e no coração de cada um dos atores da educação, a construção da cultura da paz por meio da escola não acontecerá.

3.3 Escola: gestão participativa e cidadã

No dizer de D'Ambrósio, “educação é o conjunto de estratégias desenvolvidas pelas sociedades para: a) possibilitar a cada indivíduo atingir seu potencial criativo e b) estimular e facilitar a ação comum, com vistas a viver em sociedade e exercer cidadania”.¹⁴⁰ Essa definição está de acordo com o que a LDB apresenta de definições políticas para orientar o atual sistema educacional brasileiro. O autor continua: “[...] O exercício de direitos e deveres acordados pela sociedade é o que se denomina cidadania”.¹⁴¹

Não se pode pensar em uma escola cidadã que não tenha em seu ideário a educação para a paz. D'Ambrosio continua: “Uma educação para a paz passa a ser aquela que permite às pessoas descobrirem as estruturas violentas e as prepara para uma ação transformadora”.¹⁴²

Utilizando o termo popularizado por Paulo Freire - um dos principais educadores que os pesquisadores da paz utilizam em suas análises da educação - o objetivo da Educação para a Paz é conscientizar as pessoas sobre a violência que sofrem e cometem. O que significa justamente tornar-se consciente de uma realidade sobre a qual se estava inconsciente até então devido à violência estrutural.¹⁴³

Essa conscientização perpassa em conhecer as estruturas violentas e preparar-se para ações transformadoras. Martha Jadli Rabbani realça o papel do diálogo como ferramenta fundamental do processo pedagógico, afirmando que “aquele que é educado dialogicamente tem suas decisões na escola e fora dela sempre em acordo com o bem comum”.¹⁴⁴

A escola também pode ser participativa, quando prática a gestão participativa, em que todos se envolvem e se importam na construção das melhores alternativas e projetos para a instituição escolar. Lück explica que o conceito de gestão já pressupõe a ideia de participação, pois está associada à mobilização, uma

¹⁴⁰ D'AMBRÓSIO, Ubiratan. *Educação para uma sociedade em transição*. Campinas: Papirus, 1999. p. 15.

¹⁴¹ D'AMBRÓSIO, 1999, p. 15.

¹⁴² D'AMBRÓSIO, 1999, p. 15.

¹⁴³ RABBANI, 2013, p. 73.

¹⁴⁴ RABBANI, 2013, p. 73.

ação construtiva conjunta de seus componentes pelo trabalho associado, criando um todo orientado por uma vontade coletiva.¹⁴⁵

Por gestão participativa, continua Lück, “entende-se uma forma regular e significativa de envolvimento dos funcionários de uma organização no seu processo decisório. Quando nos referimos às escolas e sistemas de ensino, o conceito de gestão participativa envolve além dos professores e funcionários, também os pais, os alunos e todos os demais representantes da comunidade que estejam dispostos e interessados em melhorias tanto pedagógicas como estruturais para a escola”.¹⁴⁶

O quadro abaixo apresenta algumas contribuições importantes da gestão participativa para as instituições escolares, em que vários atores da educação se engajam em construir uma forma que favoreça de modo significativo o crescimento e o desenvolvimento integral do ser humano, sempre renovando, avaliando e adaptando o fazer administrativo-pedagógico.

QUADRO 9 – A gestão escolar participativa é fundamental para:¹⁴⁷

- Melhorar a qualidade pedagógica do processo educacional das escolas;
- Garantir ao currículo escolar maior sentido de realidade e atualidade;
- Aumentar o profissionalismo dos professores;
- Combater o isolamento físico, administrativo e profissional dos gestores e professores;
- Desenvolver objetivos comuns na comunidade escolar.

Uma gestão participativa precisa desenvolver um ambiente que estimule essa participação de todos os agentes envolvidos na educação. Para que isso aconteça de uma forma real e motivacional, algumas ações específicas precisam ser tomadas:

¹⁴⁵ LÜCK, Heloísa. *Escola participativa*. O trabalho do gestor escolar. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 17.

¹⁴⁶ LÜCK, 2005, p. 17.

¹⁴⁷ LÜCK, 2005, p. 18.

QUADRO 10 – Ações necessárias¹⁴⁸

1. Criar uma visão de conjunto associada a uma ação de cooperação.
2. Promover um clima de confiança.
3. Valorizar as capacidades e aptidões dos participantes.
4. Associar esforços, quebrar arestas, eliminar divisões e integrar esforços.
5. Estabelecer demanda de trabalho centrada nas ideias e não em pessoas.
6. Desenvolver a prática de assumir responsabilidades em conjunto.

Na gestão participativa há um olhar de atenção para cada ator envolvido nesse conjunto de ações para a melhoria das escolas, inclusive a família entra como agente de suma importância nesse processo. Como em toda sociedade, a família é a principal responsável para o desenvolvimento dos filhos no decorrer de suas vidas. Uma boa estrutura familiar é a base para que a criança construa sua personalidade e desenvolva positivamente seu potencial tanto cognitivo como emocional. Cabe aos pais oferecer um ambiente que lhe propicie seu crescimento e amadurecimento. A autora Maria Lúcia de Arruda Aranha, em seu livro *Filosofia da Educação*, escreveu que “a família é uma instância importante no processo de socialização, bem como no desenvolvimento da subjetividade humana, a educação dada pela família fornece o solo a partir do qual o homem pode agir e até se rebelar contra os valores recebidos”.¹⁴⁹

Almeida diz que “as relações familiares e o carinho dos pais exercem grande influência sobre a evolução dos filhos, em que a inteligência não se desenvolve sem afetividade”.¹⁵⁰ Muitas vezes, encontramos crianças que apresentam grandes potencialidades, mas não as manifestam por falta de estímulos do ambiente em que vivem e, por essa razão, não conseguem um bom desenvolvimento intelectual, o que confirma que a afetividade contribui para a formação integral do ser humano.

No que se refere à escola, para a maioria dos professores, o ambiente familiar é preponderante na Educação de crianças e jovens. O resultado aparece na pesquisa *Qualidade da Educação*, da Fundação Santa Maria, SM, e da Organização

¹⁴⁸ LÜCK, 2005, p. 20.

¹⁴⁹ ARANHA, M^a Lúcia Arruda. *Filosofia da educação*. 2 ed. Revista e ampliada. São Paulo: Moderna, 1996. p. 61.

¹⁵⁰ ALMEIDA, Ana Rita S. *Emoção na Sala de Aula*. Campinas, SP: Papirus, 1999. p. 50.

dos Estados Ibero-Americanos, de 2008, que ouviu quase nove mil docentes. Trecho extraído da revista Nova Escola de setembro 2009:

A primeira comunidade de aprendizagem que pertencemos é a família. Daí a importância desse condicionamento no desenvolvimento futuro da criança. Quando os pais, mães ou outros responsáveis acompanham a vida escolar de seus filhos, aumentam as chances da criança aprender.¹⁵¹

Os pais devem fazer o papel de mediadores das crianças no processo de ensino, o que consideramos extremamente importante para um bom aprendizado. E em uma gestão participativa, a família é peça fundamental. Além da proteção integral aos filhos, a família deve envolver-se em tudo o que diz respeito à escola e à educação, mesmo porque família e escola já se identificam devido às funções pedagógicas que ambas exercem.

De acordo com Chalita, “por melhor que seja uma escola, por mais bem preparados que estejam seus professores, nunca vai suprir a carência deixada por uma família ausente. Pai, mãe, avó ou avô, tios, quem quer que tenha a responsabilidade pela educação da criança deve dela participar efetivamente sob pena de a escola não conseguir atingir o seu objetivo”.¹⁵² Segundo ele, a família tem de acompanhar de perto o que se desenvolve nos bancos escolares.

Se a família tem um papel fundamental em uma gestão participativa, o que dizer do educador/educadora? Uma escola cuja gestão tem como premissa envolver todos os atores da educação deve ter a preocupação com a formação e atualização constante de seus educadores.

Outro ator importante é o/a estudante. Uma escola responsável presta atenção ao estudante dentro e fora de seus muros. “Assina tratado de paz com os vilões do fracasso escolar, e diz basta à evasão, à repetência, à distorção pedagógica”.¹⁵³

A escola cidadã tem como base a humanidade de seus colaboradores e valoriza seus talentos. Ela é humana e, como tal, se preocupa em não reproduzir um modelo em que o sujeito se enquadra e sai igual a todos a partir do uso de uma mesma forma.

Uma escola cidadã/humana tem em seu projeto pedagógico a oportunidade, a criatividade e a postura crítica, formando esse ser capaz de transcender e

¹⁵¹ GADOTTI, 2007, p. 12.

¹⁵² CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo, 2004. p. 17.

¹⁵³ OLIVEIRA, Ivone Boechat. *Por uma escola humana*. 3 ed. Brasília/DF, 1997. p. 43.

assumir seu verdadeiro espaço. Conceitua o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, predestinado à auto realização e à felicidade. Trabalha para o equilíbrio ecológico e rejeita qualquer manifestação de violência. Desconhece o pessimismo, o conformismo, a omissão, incompreensão e incompetência. Busca parceria com todos os segmentos da sociedade. Não aceita discriminação e nem rotula o ser humano por suas condições sociais. A escola cidadã/humana não classifica alunos em fortes e fracos, pois acredita que todos são capazes de vencer com seu esforço, onde a avaliação é processual criando espaço para a auto avaliação.¹⁵⁴

Uma observação importante é trazida por Friedrich Fröbel quando diz que: “O processo educacional deveria ser conduzido em busca de três objetivos: a paz do homem consigo mesmo e seus semelhantes; a paz do homem com a natureza e a paz do homem com Deus”.¹⁵⁵

Ele continua em sua obra *A educação do homem* (1826) que “a educação é o processo pelo qual o indivíduo desenvolve a condição humana autoconsciente, com todos os seus poderes funcionando completa e harmoniosamente, em relação à natureza e à sociedade”.¹⁵⁶

Uma escola cidadã tem como característica o diálogo e, no dizer de Gadamer, existem vários tipos de diálogo:

[...] entre eles está o diálogo pedagógico, aquele que ocorre entre o professor e o aluno no processo de ensino. Quem ensina acredita que quanto mais clareza, densidade e organização tiverem o tema, melhor será o resultado obtido. A negociação é outro tipo de diálogo, que tem êxito quando ocorre um acordo. No diálogo autêntico, é preciso que haja a participação dos envolvidos expondo seus próprios conceitos e preconceitos. A educação é, por excelência, o lugar do diálogo, portanto, o lugar da palavra e da reflexão, que ultrapassa a apropriação dos conhecimentos para nos conduzir à formação pessoal.¹⁵⁷

A formação pessoal e integral do ser humano deve ser a preocupação de qualquer escola. Porém, vale destacar que a escola de hoje precisa rever seus conceitos e sua pedagogia para proporcionar às pessoas uma formação em que os valores de respeito, dignidade, alteridade e justiça façam parte do diálogo no espaço escolar, em que o ser humano seja merecedor de compreensão e de respeito à sua singularidade como um sujeito que tem potencial para desenvolver-se de forma

¹⁵⁴ OLIVEIRA, 1997, p. 49.

¹⁵⁵ Friedrich Froebel (1782-1852) foi um dos primeiros educadores a considerar o início da infância como uma fase de importância decisiva na formação das pessoas. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formador-criancas-pequenas-422947.shtml?page=all>>. Acesso em: 15 maio. 2014.

¹⁵⁶ REVISTA Escola. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formador-criancas-pequenas-422947.shtml?page=all>>. Acesso em: 15 maio. 2014.

¹⁵⁷ HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 95.

plena a partir de si mesmo em harmonia com as demais pessoas, métodos, conteúdos, currículo e gestão, enfim, em conjunto com todos os aspectos que fazem parte e são importantes no processo educativo escolar.

No que tange à relação interpessoal e as aptidões artísticas, físicas, linguísticas, musicais, etc., o espaço escolar deve promover ações que venham contribuir para a expansão das potencialidades de seus educandos, levando-os a um desenvolvimento integral do ser.

Uma escola cidadã é também aquela que está comprometida profundamente com a comunidade, levando toda a equipe a se engajar numa educação sem barreiras em que as diferenças individuais são respeitadas e a democracia impera, levando o educando à integração social com seus direitos e deveres. Isso é cidadania.

No dizer de Gadotti e Romão, “toda escola pode ser cidadã enquanto realiza uma concepção de educação orientada para: a formação para a cidadania ativa e a educação para o desenvolvimento”.¹⁵⁸ Continua ele:

O nosso *apartheid* social não será superado apenas com uma melhor distribuição de renda e com a solidariedade das classes médias. Será preciso preparar os jovens para o trabalho. A educação básica de qualidade para todos é fundamental [...] Isso exige uma clara reorientação dos investimentos públicos em educação básica - sem comprometer outros níveis de ensino - e uma compreensão do público e do estatal.¹⁵⁹

O grande desafio da escola pública hoje é garantir um padrão de qualidade para todos e, ao mesmo tempo, respeitar a diversidade local, étnica, social e cultural. Uma escola participativa e cidadã em sua administração devem apoiar-se em quatro princípios: gestão democrática, comunicação direta com outras escolas, autonomia da escola e avaliação permanente do desempenho escolar.

A escola cidadã é que viabiliza a cidadania de quem vem para ela. Ela não é de si para si. Ela é cidadã quando ela briga pela cidadania. A escola cidadã está enraizada em um movimento de transformação do mundo a partir de quem a constitui. É coerente com seu discurso libertador. A escola cidadã é uma escola de comunidade e de companheirismo. Ela viabiliza que o educando(a) e educador(a) sejam eles mesmos.¹⁶⁰

¹⁵⁸ GADOTTI; ROMÃO, 2004, p. 43.

¹⁵⁹ GADOTTI; ROMÃO, 2004, p. 43.

¹⁶⁰ FREIRE, Paulo. *Escola cidadã*. [Palestra]. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zc1ruqunx7i>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

3.4 Escola, desafios e esperanças

Muitos são os desafios para a educação que tem a escola como um local que espelha a realidade a sociedade na qual está inserida. Dentre os muitos desafios, selecionamos alguns para uma breve consideração: evasão escolar, formação continuada dos professores e a questão da violência.

A escola de hoje, frente aos desafios, precisa integrar na sua missão um currículo dinâmico que atenda pelo menos a três dimensões, a dimensão do conteúdo da disciplina, a dimensão profissional e a dimensão da cidadania: “O que se espera da escola é que ela sirva como agente significativo para socializar, que sirva para ensinar formas particulares de conhecimento e que sirva para mobilizar o potencial ímpar de cada um”.¹⁶¹

A escola no Brasil apresenta o reflexo da sociedade, pelo que a desigualdade social em seu meio é gritante. Assim, ela ainda precisa enfrentar os desafios das inúmeras diferenças e da formação sociocultural diversa.

3.4.1 O desafio da evasão escolar

Sobre a evasão escolar, temos dados alarmantes:

[...] No Brasil, o problema da repetência costuma ser associado também ao da evasão. Os dados do MEC mostram que o aumento do número de estudantes que abandonaram a escola foi maior no ensino médio. A taxa de evasão, que em 1997 estava em 5,2%, aumentou para 8,3% em 2011.¹⁶²

Alguns pontos nos parecem intimamente relacionados à evasão escolar: ensino mal aplicado com metodologias inadequadas, mau preparo do professor, problemas sociais, descaso governamental, entre outros.

A pesquisa *Motivos da Evasão Escolar*, realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ), revela que 40% dos jovens entre 15 e 17 anos que evadem deixam de estudar simplesmente porque acreditam que a escola é desinteressante. Além disso, o Ministério de Educação (MEC), o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e o CENSO 2010 apresentam a seguinte planilha: Observação: O Censo registrou 1 milhão de alunos a menos no país. Uma parte da

¹⁶¹ OLIVEIRA, Ivone Boechat. *Nós da educação*. Rio de Janeiro: Reporoarte, 2002. p. 15.

¹⁶² PILAR, Maria. *Evasão Escolar*. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2011/10/indice-de-evacao>>. Acesso: 10 ago. 2013.

redução do número de alunos é a menor repetência e outra é devido à diminuição dos jovens e adultos fora da idade.

Tema: educação - Subtema: Eficiência do sistema de ensino e Rendimento escolar - Periodicidade: anual. Período: 2007-2012. Abrangência: Brasil. Unidade: Percentual.¹⁶³

QUADRO 11 – Taxa de aprovação, reprovação e abandono

Período	Abandono
2007	4,8
2008	4,4
2009	3,7
2010	3,1

O número de alunos matriculados na educação básica neste ano diminuiu 1,9% em relação ao ano passado. A queda de matrículas na Educação de Jovens e Adultos(EJA), porém, preocupa o governo. Neste ano, foram ofertadas 14,9% menos vagas em relação a 2007. O MEC tem tomado iniciativas para fortalecer a EJA, mas os estados e municípios não estão traduzindo bem isso. O resultado do censo mostra **ainda** como o sistema educacional público do país vai se afinando nas séries finais. Do 1º ao 5º ano do ensino fundamental foram registradas 13,4 milhões de matrículas na rede pública. Já no ensino médio, o número de estudantes foi de 7 milhões.¹⁶⁴

O texto acima mostra que à medida que o nível escolar evolui do fundamental para o ensino médio, a questão da evasão se agrava. São realmente muitos desafios que a escola enfrenta e a questão evasão escolar requer uma atenção especial e em conjunto, de forma participativa, em busca de alternativas que permitam que esses meninos e meninas fiquem mais tempo na escola.

3.4.2 O desafio da Formação Continuada de Professores

Quem é o educador do século XXI? Quais suas características?

O perfil do homem/mulher no século XXI mudou. Uma das dificuldades pessoais atualmente é lidar com as pressões da mídia contra a autonomia de pensar por si mesmo(a). A questão da violência tem afligido muito os/as educadores/as que

¹⁶³ BRÍGIDO, Carolina. Censo registra 1 milhão de alunos a menos no país. *Globo*, 21 de dez. 2010. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/424368/noticia.htm?sequence=1>>. Acesso em: 14 maio. 2014.

¹⁶⁴ BRÍGIDO, 2010, p. 11.

necessitam ir e vir na em sua prática diária. Deparam- se com a insegurança, desenvolvendo, em muitos casos, síndromes que os paralisam tornando-os, incapazes de agirem normalmente.

O Professor/professora da contemporaneidade precisa estar em constante aprimoramento. Pedro Demo apresenta nove quesitos que caracterizam o professor da contemporaneidade. Ele/a deve ser:

- 1) pesquisador; 2) formulador de proposta própria; 3) capaz de pôr em prática a teoria e teorizar a prática; 4) permanentemente atualizado em seu conhecimento; 5) aperfeiçoar-se também nos meios **tecnológicos**; 6) tornar-se interdisciplinar; 7) deve ter mestrado; 8) engajado com a cidadania; 9) Professor do futuro é aquele que sabe fazer o futuro.¹⁶⁵

O autor ressalta que se o(a) professor(a) não tiver total domínio do conteúdo não será possível promover aprendizagem em sala de aula. Assim, o professor também não precisará recorrer constantemente aos livros didáticos que apresentam respostas prontas e únicas para os exercícios, pois tem conteúdo para ir além dos livros didáticos. Demo também afirma que se o educando não presencia o exemplo do professor em ser um pesquisador em constante atualização, ele não se sentirá motivado em ser um bom estudante.

Assim, a escola deve ter como compromisso em seu projeto pedagógico institucional a promoção constante de cursos de aperfeiçoamento para seus professores, o que chamamos de formação continuada.

Como diz Ubiratan D´Ambrósio, “é importante que os currículos escolares superem a arrogância e a prepotência do conhecimento pronto, terminado, sobre a inteligência e a criatividade, característica de nossa espécie como um todo e em permanente aprimoramento e agudez”.

Como também que se insira nos currículos temas onde a paz deve ser trabalhada desde as séries iniciais. O currículo tem o poder de acordo com sua elaboração, ser um instrumento de transformação da sociedade em prol da paz no lugar da violência.

Necessitamos de constantes aprimoramentos e hoje ainda mais pela velocidade com que novos conhecimentos chegam até nós.

¹⁶⁵ DEMO, Pedro. *Professor do futuro e reconstrução do conhecimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p. 06.

3.5 Educação para a paz, esperança permanente

Os desafios das escolas são muitos, mas não se pode perder a esperança. Paulo Freire, grande expoente da educação brasileira, nos traz uma definição encorajadora do ambiente escolar: a escola é o espaço onde se dá o diálogo entre os homens, mediatizados pelo mundo ao redor, surgindo daí a necessidade de transformação do mundo.¹⁶⁶

Perrenoud nos diz que “A educação contém em si mesma um sonho de harmonia. [...] No entanto sem conflitos não há aprendizagens fundamentais nem mesmo mudanças sociais”.¹⁶⁷ Os conflitos não devem apagar nossas esperanças de uma escola ativa, atual, engajada na contemporaneidade com todos os seus riscos. A escola deve trabalhar para superá-los sabendo que outros conflitos surgirão.

Perrenoud também apresenta alguns perigos que afetam as escolas e seus gestores, e, porque não dizer, a todos os atores do processo educativo quando, por exemplo, negam sua complexidade, adiando as decisões. Vejamos alguns no quadro abaixo:

QUADRO 12 – Perigos que afetam as escolas¹⁶⁸

Política de Avestruz e WishfulThinking	Adiar longamente a tomada de consciência dos problemas. [...] Os funcionários sentem-se protegidos por um status que garante sua renda, seu emprego, sua aposentadoria.
A procura de um Bode Expiatório	Outra forma clássica de negar a complexidade é acusar algum bode expiatório: os alunos; os pais; os políticos; a esquerda; os especialistas; a administração; a hierarquia; até mesmo outros professores.
A Aldeia Gaulesa	[...] O mundo pode transformar-se, a economia pode desmoronar e reestruturar-se, as sociedades podem recompor-se, os refugiados podem

¹⁶⁶ CALADO, Alder Júlio Ferreira. *Paulo Freire: sua visão de mundo, de homem e de sociedade*. Caruaru: FAFICA, 2001.

¹⁶⁷ PERRENOUD, Philippe. *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. 2 ed. São Paulo: Artmed, 2001. p. 34.

¹⁶⁸ PERRENOUD, 2001, p. 41-45.

	<p>multiplicar-se, enquanto a escola continua percorrendo o seu próprio caminho.</p>
<p>Sono Burocrático</p>	<p>Toda burocracia repousa em uma ficção, segundo a qual ela tem finalidades claras, respeita os limites de seu orçamento e as regras estipuladas. [...] O sono burocrático é tentador. [...] Não é nossa incumbência.</p>
<p>Aceleração do Processo</p>	<p>Diversas pessoas que trabalham em escolas têm um segredo para enfrentar a complexidade: refugiam-se na utopia. [...] pedagogos idealistas e progressistas, que tem resposta para tudo, se não hoje, em um futuro próximo.</p>
<p>Psicodrama permanente</p>	<p>Para escapar da complexidade, também podemos dramatizá-la, a tal ponto que os atores invistam uma tremenda energia no espetáculo de seu próprio confronto com as contradições, os obstáculos, as lentidões, as ambivalências do mundo.</p>

Mas como enfrentar realmente a complexidade sem perder a fé em dias melhores? Perrenoud apresenta algumas linhas de conduta promissoras frente à complexidade: reconhecê-la e não pretender dominá-la sozinho/a; analisá-la e domesticá-la de forma conjunta e construir instituições sistêmicas.

Além de reconhecer que o mundo é complexo, é necessário fazer com que todos cheguem a um acordo, questionar constantemente os problemas e suas soluções, aceitar mudanças de paradigmas, pensar para integrar novas perspectivas, etc.

Ainda mais, não basta reconhecer a complexidade, ela precisa ser conhecida. Fazer parte da reflexão pessoal de cada um para a tomada de decisão. E toda instituição é um sistema e faz parte de um sistema mais amplo. Uma instituição que sabe pensar em formas sistêmicas é uma instituição capaz de pensar em sua complexidade, que constrói uma visão de conjunto de seu funcionamento e de seu ambiente e **propõe** linhas de ação coerentes.¹⁶⁹

¹⁶⁹ PERRENOUD, 2001, p. 46-50.

A escola através dos tempos tem sofrido embates e é responsável por uma missão impagável na vida do ser humano. Com o desenvolvimento das sociedades, ela veio para associar-se à família na transmissão do conhecimento. No decorrer da história, com as grandes transformações advindas do desenvolvimento humano e tecnológico, surgem novas necessidades e novos desafios.

Várias teorias e teóricos da educação se debruçam para compreender e propor alternativas que levem o ser humano a se tornar conhecido e, a partir daí, oferecer metodologias e estratégias para construir esse ser de forma plena.

Mas só isso não é suficiente. É preciso que cada agente envolvido com a educação analise profundamente, de forma pessoal e conjunta, os fenômenos sociais e mobilize a sociedade para um grande encontro para juntos caminharmos e elaborarmos ações a favor do homem e da sociedade.

Os desafios estão diante de nós. A UNESCO nos dá um norte quando propõe para o século XXI que a educação deve preparar o ser para o conhecimento, para a prática, para o viver juntos e para SER genuinamente humano.

A UNESCO tem a preocupação de difundir a Cultura da Paz e, em seu documento sobre a década da paz contra a violência infantil, nos diz:

Educação, no sentido mais amplo do termo, é o componente crucial da Cultura de Paz; uma educação que torne cada cidadão sensível ao outro, e que **imponha** um senso de responsabilidade com respeito aos direitos e liberdades. A educação para todos ao longo de toda a vida, formal e informal, deve ser baseada nos quatro pilares do conhecimento, conforme sugere o relatório *Educação: um tesouro a descobrir* (1996) da Comissão Internacional de Educação para o Século 21, presidida por Jacques Delors: “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a viver junto”, e “aprender a ser”.¹⁷⁰

E ainda mais, a UNESCO continua a envidar esforços para consolidar e conquistar mais e mais parceiros como promotores da paz, que se envolvam nesse Movimento Mundial a favor da Paz. A escola é local propício à implantação da cultura da Paz e deve despertar em todos os atores da educação o desejo em participar e agir a favor da Paz. Continua o documento da UNESCO:

No entanto, devemos, antes de tudo, intensificar o estabelecimento de um **sistema** educacional integrado para as questões de paz, direitos humanos e democracia. Para esse fim, a UNESCO lançou várias iniciativas: a criação de cátedra com mais de vinte e cinco países africanos, bem como na Europa, nos Estados Árabes e na América Latina; pesquisa histórica e troca de conhecimento histórico; revisão de livros didáticos de história e de

¹⁷⁰ UNESCO, 2001-2010.

geografia; produção de diversas publicações e manuais, concepção e distribuição de material didático para sua rede de seis mil escolas Associadas em mais de cento e cinquenta países; avaliação e fortalecimento das políticas educacionais nacionais sobre as questões de direitos humanos, das pesquisas sobre legislações, e das políticas nacionais e estratégias para a educação superior, programas de treinamento para educadores e profissionais (professores, jornalistas, administradores públicos, forças policiais e militares).¹⁷¹

Educar para a paz deveria ser algo inerente à própria educação, pois uma educação adequada deveria naturalmente promover atitudes pacíficas e, conseqüentemente, uma sociedade pacífica. Entretanto, isso não é realidade, pois até mesmo as sociedades consideradas bem educadas, como as sociedades europeias, não conseguiram evitar as duas grandes guerras com suas atrocidades que nos assustam até os dias de hoje.

Falar da Educação para a paz é, antes de mais nada, reconstruir as condições históricas que levam as pessoas a criticar os modelos educacionais existentes a partir do critério da paz. [...] Não se consegue a paz social armando-se contra o outro, com governantes bem intencionados ou com sentimento de paz interior. A paz só pode ser assegurada através de um programa de educação sistemático e universal.¹⁷²

Isso leva ao seguinte questionamento no que concerne a uma educação para a paz: qual é a educação que promove a paz e qual é a paz que se promove por meio da educação?

De modo geral, a violência tem quase sempre resultados negativos e por causa disso, nos acostumamos com a noção de que para sermos pacíficos temos sempre que evitar conflitos, ser passivo, “dar a outra face” etc., Com isso, entendemos qualquer atitude mais contundente ou enérgica como um ato de violência. [...] A educação é um exemplo disso. Os indivíduos que estão passando pelo processo educativo e de socialização sentem que estão sendo privados de seus direitos de fazerem o que querem na hora que querem e isso é bastante sentido como algo violento, que coíbe ou cerceia. Mas sem essas restrições a sociedade certamente estaria ameaçada e a não violência seria impossível.¹⁷³

Rabbani destaca que “vale a pena recordar que a história da educação para a paz (EP) foi a partir de dois momentos significativos. O primeiro foi quando os intelectuais da educação envolvidos em uma reforma pedagógica e escolar, destacando os membros da Escola Nova e o segundo momento, por parte dos

¹⁷¹ UNESCO, 2001-2010.

¹⁷² RABBANI, 2003, p. 64.

¹⁷³ CARTILHA DA PAZ. Elaborada pela Associação projeto Não Violência Brasil. Cedido ao Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM), 1999. p. 3.

cientistas das mais diferentes áreas do conhecimento que pesquisavam sobre as causas das guerras e as condições da paz”.¹⁷⁴

Não é tão simples educar para a paz, pois depende de vários fatores e esforços paralelos, e entre eles está talvez o mais difícil, educar-nos e também educar uns aos outros para a paz.

Como então construir uma Cultura da Paz? Percebemos que, inicialmente, devemos nos incluir no processo tomando consciência de que ele deve começar primeiramente dentro da minha mente e do meu coração. Apenas informando sobre a paz e a não violência não obteremos o resultado almejado, que é a harmonização de relações diferentes. E, quando os conflitos surgirem, que certamente surgirão, pois sabemos que a cultura da paz não exclui o conflito, saberemos como enfrentá-lo com ações pacificadoras.

A Cartilha da Paz destaca alguns princípios que muito contribuirão para a construção da Cultura da Paz. Ela nos diz que a base da convivência saudável é, tanto nos relacionamentos pessoais como também nas escolas:

Respeitar as regras, sem respeito às regras a convivência vira anarquia; *ser responsável*, contar até dez em vez de agir impulsivamente; *não ser omissivo*, não ser descuidado, o que compete fazer, faça; *Conversar para solucionar um problema*, reatar a comunicação é o melhor caminho para o entendimento; *Comunique-se de forma clara*, garantir que somos bem compreendidos evita mal-entendidos, ruídos e distorções que podem virar motivo de conflitos e discussões. *Ouça com atenção*, que tal aprender a “desacelerar” e ouvir, de verdade, o que o outro nos diz? Ao ouvirmos realmente outros pontos de vista, procurando entender o que o outro tem a dizer, reduzimos as chances de gerar conflitos e ganhamos uma oportunidade de aprender com a diferença. *Respeite as diferenças*, as pessoas não são iguais a você. Todas as pessoas são únicas e acreditam e pensam de forma diferente umas das outras. Por isso, quem disse que o nosso jeito de pensar e agir é o certo? Respeitar as diferenças não significa abrir mão do nosso ponto de vista, mas ser flexível e entender o ponto de vista dos outros. A intolerância alimenta a violência. Fique fora disso.¹⁷⁵

Essa citação, nos chama a atenção de que, a promoção para paz está ligada às regras de respeito e de responsabilidade para com as nossas ações. Importante nós entendermos que o outro pode ter razão e que o diálogo, sempre deve ser a porta principal para a resolução do conflito, promovendo, assim, a cultura da paz.

¹⁷⁴ RABBANI, 2003, p. 64.

¹⁷⁵ CARTILHA DA PAZ, 1999, p. 6-7.

3.5.1 A escola como espaço de oportunidades de aprendizado para a resolução de conflitos

O que significa autoridade e (in)disciplina na Escola. Antes, precisa ser estabelecido o que entende-se por autoridade e como isso se dá no ambiente escolar, além disso, discutir se a autoridade se impõe ou é conquistada, se é construída ou imediata.

Vejamos o que se entende por autoridade:

Muito se fala sobre o declínio da autoridade docente. Diz-se que a autoridade do mundo adulto está em crise. Mas é preciso entender o que é autoridade para poder sustentá-la e preservá-la. Autoridade não é repressão, opressão ou coerção. Autoridade tem a ver com legitimidade, respeito e diálogo. Para que haja autoridade é necessário reconhecer a legitimidade das tradições, das normas e regras trazidas pelas instituições. Até porque, muitas vezes as instituições e tradições são reconhecidas por meio das pessoas que as representam. No caso da autoridade docente, o professor é o detentor desta autoridade. E para ser reconhecido como tal, é necessário que sua conduta leve em consideração uma série de preceitos. Até porque, para conduzir outros no processo de aprendizagem, é necessário que os que estão sendo conduzidos confiem naquele que o conduz.¹⁷⁶

Interessante pensar sobre a questão da autoridade. A autoridade que parece funcionar é aquela onde o detentor da autoridade é respeitado por seu exemplo. No caso do professor essa autoridade deve ser construída por meio do relacionamento com seus educandos(as), no seu preparo e no seu compromisso com a educação. No dizer de Pedro Demo ao profissional da cabe saber continuamente renovar sua profissão. “Entende-se então que o professor(a) enquanto profissional deve ser um eterno aprendiz sendo capaz de refletir sobre sua prática diária, não só no trabalho, mas em todos os aspectos da vida. O professor nunca está pronto, acabado, mas, sempre em processo de (re) construção de saberes”.¹⁷⁷

A escola como um espaço propício à implantação da Cultura da Paz precisa ter consciência de que alguns passos precisam ser dados por parte dos atores gestores, educadores e funcionários para a promoção da paz na escola. As relações pedagógicas são pessoais e por tanto não engessada. Cada indivíduo constrói sua relação com o conhecimento de forma particular. Precisa-se reconhecer que ensinar é transmitir valores éticos, morais e humanistas pelo exemplo. Ser exemplo é fundamental para legitimar o que se ensina. Outro fator importante é o diálogo e

¹⁷⁶ CARTILHA DA PAZ, 1999, p. 10.

¹⁷⁷ DEMO, Pedro. Revista Profissão Mestre. Curitiba, Paraná, ano 6. n. 61. p. 18- 26. out. 2004.

entender que educar é ser resistente à frustração e elaborar metas de média e de longo prazo. Assim a autoridade é estabelecida pois foi construída ao longo da caminhada.

E mais, a escola precisa tomar a iniciativa para as resoluções dos conflitos a partir de um modelo que seja eficaz. Por exemplo, seguindo as etapas na resolução de conflitos indicadas pela Cartilha da Paz. A primeira delas é a arbitragem: “O adulto decide qual será a melhor solução para o conflito e a comunica. Isso deve ocorrer quando a situação exige uma atitude rápida e enérgica”.¹⁷⁸

Em segundo momento, está a mediação do adulto, estimulando os envolvidos no conflito a encontrarem a melhor resposta para o problema.

E, por fim, a negociação, “O adulto pode dar orientações antes e/ou depois, mas fundamentalmente orienta e estimula a autonomia e permite que ela resolva sozinha os seus problemas. O ideal é que o processo educativo respeite a sequência: arbitragem, mediação e negociação”.¹⁷⁹

Tem-se aí uma orientação que pode dar certo. O que se faz urgente é a conscientização por parte das escolas que elas podem e devem ser o local para as boas transformações da sociedade. A escola deve ser a parceira número um do movimento da Cultura da Paz.

Quanto às esperanças de um futuro melhor, temer a Deus, é o princípio de toda a sabedoria. Em Deus reside a fonte de amor, de paz e de perdão. Amor que completa, paz que traz saúde ao corpo e ao espírito, e perdão que regenera e faz acordar, cada manhã, cheios de esperanças. Amor que une e que acolhe. Amor em que o outro não é o outro, mas uma parte de mim. Amor que se revela no amor encarnado de Jesus e que se resume em amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Leonardo Boff afirma que

[...] uma sociedade que carece de pessoas de visão é uma sociedade certa de seu fim. Talvez a crise em nosso país, nossa igreja, nosso mundo de hoje, seja o resultado da falta de pessoas que sonham, para abrir nossas mentes, fortalecer nossos corações e empregar novas energias para mudar nossa sociedade”.¹⁸⁰

¹⁷⁸ CARTILHA DA PAZ, 1999, p. 12.

¹⁷⁹ CARTILHA DA PAZ, 1999, p. 12.

¹⁸⁰ BOFF *apud* BUTIGAN, 2003, p. 66.

Sonhar é o primeiro passo para mudança. Quem não sonha dificilmente realiza algo. Sonhar, acreditar, idealizar, ter fé e esperanças faz bem para gente e pode ser o início de uma grande transformação. Semelhante ao grande discurso de Martin Luther King, eu tenho um sonho. Um sonho de ver todas as crianças nas escolas sendo amadas e respeitadas como são. Um sonho de ver todos os professores apaixonados pelo que fazem cheios de fé e motivação. Um sonho de ver o Brasil ser reconhecido não pelo seu futebol e seu samba e sim, o reconhecimento real de um país que tem projetos para educação de seus jovens investindo todas as suas energias em fazer deles homens e mulheres respeitados, dignos e autônomos, protagonistas de suas próprias existências.

3.6 O desafio da Não-Violência

A violência é uma realidade em nossa sociedade brasileira contemporânea. Para amenizar essa violência algumas escolas tem elaborado projetos que promovem a cultura da paz com ações dentro e fora das comunidades escolares.

Em Fortaleza, no Estado do Ceará, algumas escolas públicas estão desenvolvendo projetos que disseminam a Cultura de Paz. Em uma delas a prática da meditação em sala de aula e programas que envolvem valores humanos são algumas das iniciativas.

A experiência vivida por Rodner Santos do Nascimento é interessante de ser compartilhada:

Rodner Santos do Nascimento, de 18 anos, aluno do 2º ano da Escola Estadual de Educação Profissional Joaquim Antônio Albano, no bairro Dionísio Torres, conta que é ex-usuário de droga e que a escola e a prática de meditação aliada a outros projetos mudaram sua vida. "A gente acorda estressado com tantos problemas e violência na rua. Chegar na escola e poder meditar, orar e compartilhar os problemas com a turma muda tudo", garante o adolescente.¹⁸¹

Essa prática da meditação é um dos projetos do Programa de Cultura de Paz da Escola Estadual de educação Profissional, EEEP, Joaquim Antônio Albano. A escola tem 420 alunos com a idade entre 14 a 18 anos. Sentados confortavelmente em uma cadeira, eles praticam a meditação diariamente. Enquanto isso "o professor fala frases de incentivo e conforto, além de passar muita

¹⁸¹ ESCOLAS DIFUNDEM CULTURA DE PAZ. Diário do Nordeste. Disponível em: <<http://www.diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/escolas>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

afetividade.”¹⁸² Quem é responsável pela meditação é o professor doutor Harbans Lal Arora, “Ele destaca que a ação possui força transformadora, comprovada em mais de 60 estudos científicos o redor do mundo e ainda diz que, o objetivo é diminuir a violência em Fortaleza e demonstrar que o poder da meditação, mentalização e oração produz resultados concretos, ressalta”.¹⁸³

Outro fato marcante foi o que aconteceu no Rio de Janeiro em Realengo-Rio e a Cultura da Paz. “Casos como estes, onde crianças e adolescentes foram vítimas da violência na escola em Realengo-Rio sempre causam comoção geral, só que é preciso ter lucidez e discernimento para abordarmos esta triste situação”!¹⁸⁴

São muitas as especulações que fazem, como, por exemplo: Por que ele escolheu uma escola? Por que a maioria das vítimas era mulheres?

Cabe-nos uma reflexão neste momento [...] talvez porque na escola ele tivesse sofrido alguma agressão ou abuso; talvez ele tivesse dificuldades nas relações com as mulheres e obviamente elas com ele; talvez a rigidez e a distorção da palavra de determinadas religiões o tivesse empurrado para a culpa e não para a libertação; talvez a sua família fosse ausente. [...] São muitas as respostas, mas de uma coisa nós podemos tirar como lição desta situação: Não podemos mais educar as nossas crianças e jovens como estamos educandos, precisamos ser mais responsáveis e presentes.¹⁸⁵

Esse texto ainda nos adverte de que a escola, sendo considerado o templo do saber, e do aprender, deveria ser o lugar de proteção e cuidado, mas nem sempre o é. “Será que podemos trocar esta cultura de violência, que nos é imposta diariamente, por uma cultura da paz, que possibilita a humanização tão necessária ao homem neste momento”?¹⁸⁶ O texto continua:

Penso que esta é a pergunta que não quer e que nunca deve se calar... Necessita muito diálogo e discussões, mas acredito que diante de tantos desvarios, o momento agora é de busca pela cultura da paz e de tomada de ação, urgente! Precisamos agir da maneira que podemos ou sabemos, a paz dá trabalho e exige mudanças; precisa de coragem e vontade de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, por isso muitos de nós resistimos a este tema, mas penso devemos dar uma chance para a paz e os seus valores em nossas vidas!¹⁸⁷

Outro exemplo que deve nos inspirar na promoção da Cultura da Paz é o relato feito a respeito da Escola Marianne Eckes, uma escola de médio porte da rede

¹⁸² ESCOLAS DIFUNDEM CULTURA DA PAZ, 2014.

¹⁸³ ESCOLAS DIFUNDEM CULTURA DA PAZ, 2014.

¹⁸⁴ O Caso da Escola de Realengo-Rio e a Cultura da Paz. 2011. Disponível em: <http://educapazjairtes.blogspot.com.br/2011_04_01_archive.html>. Acesso em: 10 jun. 2014

¹⁸⁵ O Caso da Escola de Realengo-Rio e a Cultura da Paz, 2011.

¹⁸⁶ O Caso da Escola de Realengo-Rio e a Cultura da Paz, 2011.

¹⁸⁷ O Caso da Escola de Realengo-Rio e a Cultura da Paz.

municipal da cidade de Ilhéus, Bahia. Funcionando nos turnos matutino e vespertino com Educação infantil, Ensino Fundamental I (do 1º ao 5º ano) organizados em ciclos de aprendizagem.

A “Escola Marianne Eckes, baseia a educação na emancipação do indivíduo, enquanto sujeito capaz de refletir, analisar e tomar decisões, mediante as novas exigências do mundo globalizado”.¹⁸⁸ Ao tratar sobre disciplina apresenta a causa de um comportamento indisciplinado caracterizado por quebra de alguns princípios já postos no regulamento interno ou de regras básicas estabelecidas pela escola ou pelo professor ou pela comunidade. E a indisciplina pode ser um reflexo de vários fatores que podem ser minimizados através do incentivo a atitudes pacíficas. Incentivar os alunos a cultura da paz se faz necessário, na medida em que consiste em encontrar meios de mudar atitudes, valores e comportamentos.

Essa escola tem como prioridade a educação para a não violência e mais, dá oportunidade as crianças de fortalecerem-se, envolvendo-se no processo de promover a Cultura da Paz. Partem do princípio de que, a prática da oração, e da música pode minimizar a agitação trazendo calma para o início das aulas. O movimento contínuo de reavaliação e do respeito às regras é a base de todo convívio em sociedade e o incentivo aos alunos a Cultura da Paz é a medida em encontrar meios de mudar atitudes, valores e comportamentos.

Outra iniciativa muito boa para a promoção da paz, pela UNESCO, no ano 2000, em comemoração ao Ano Internacional para uma Cultura de Paz, foi o programa denominado *Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz*, que tem como característica a abertura das escolas nos finais de semana para abraçar adolescentes e jovens nas mais diferentes ações como, atividades de esporte, arte, cultura e lazer, numa perspectiva de disseminação de uma cultura de não violência e de promoção da cidadania da comunidade escolar.

A UNESCO advoga uma estratégia de abertura das escolas nos finais de semana, em comunidades carentes, e a disponibilização de espaços alternativos que possam atrair os jovens, colaborando para a reversão do quadro de violência e para a construção de espaços de cidadania, com atividades culturais e esportivas.¹⁸⁹

¹⁸⁸ PROJETO “Cultuando a Cultura da Paz”. Escola Municipal Marianne Eckes. Disponível em: <<http://escolamarianneeckes.blogspot.com.br/2012/04/projeto-cultuando-paz-na-escola.html>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

¹⁸⁹ UNESCO. *Guia Prático Para Abrir Escolas Nos Finais De Semana*. Programa Abrindo Espaços: Educação e Cultura Para a Paz. 2000. p. 5. Disponível em:

O Programa é constituído em três focos: O jovem. A escola. A comunidade.

É importante ressaltar, ainda, que Estados e municípios têm total liberdade para adequar o Programa *Abrindo Espaços* à realidade e necessidade locais. Orientados por conceitos éticos e metodológicos, os modelos do Programa desenvolvidos em diferentes locais variam em termos de estrutura operacional e podem ser adaptados para diferentes espaços, mantendo o principal objetivo de inclusão social e de promoção das comunidades. [...] Não há uma única maneira para desenvolver o Programa *Abrindo Espaços*. Os parceiros do Programa, isto é, Estados e Municípios, têm total liberdade para adequá-lo à realidade e às necessidades locais.¹⁹⁰

Alguns Estados da Federação abraçaram o Programa *Abrindo Espaços Para Educação e Cultura para a Paz*, tendo como fonte o GUIA PRÁTICO PARA ABRIR ESCOLAS NOS FINAIS DE SEMANA.¹⁹¹ São estados que em parceria com a Secretaria de Educação do Estado em conjunto com a UNESCO, Ongs e outros parceiros, enfrentaram o desafio de abraçar esse programa com o objetivo de trazer jovens e adolescentes e familiares para dentro das escolas oferecendo atividades de lazer e cultura muitas vezes em forma de oficinas a fim de desenvolver uma nova forma de pensar na perspectiva de transformar comportamentos e atitudes em favor da boa convivência, da paz e não violência.

De uma forma sucinta será apresentado do Guia Prático, o estado de Pernambuco em seguida Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Piauí, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Juazeiro.

PERNAMBUCO

Estado de Pernambuco- Secretaria da Educação e Cultura, com *Projeto Escola Aberta*.

No ano 2000, Pernambuco começou a desenvolver atividades de abertura de escolas nos fins de semana, onde o Programa *Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz* é chamado de Escola Aberta Cultura de Paz e Lazer nas Escolas nos Finais de Semana. O Estado de Pernambuco encontra-se entre as seis Unidades da Federação com menor Índice de Desenvolvimento Humano, além de ter em sua capital uma das zonas metropolitanas mais violentas do país, especialmente para jovens de 15 à 24 anos. Nos finais de semana, esses índices aumentam em torno de 60% e pode-se apontar a falta de alternativas culturais, artísticas, esportivas e de lazer como uma das grandes fontes de descontentamento dos jovens, que os leva a cometer atos violentos.¹⁹²

<http://portal.unesco.org/culture/en/files/29922/11392194311guia_para_abrir_escolas_nos_finais_de_semana.htm>. Acesso em: 15 jun. 2014.

¹⁹⁰ UNESCO, 2000, p. 4.

¹⁹¹ UNESCO, 2000, p. 20.

¹⁹² UNESCO, 2000, p. 20.

PERNAMBUCO EM SÍNTESE

População: 7.929.154
 Número de Jovens: 1.651.309
 Início do Programa: 2000
 N° de escolas abertas: 450
 Média de beneficiários/mês: 360.000

Fontes: IBGE, 2001; UNESCO, 2003 e 2004; Escola Aberta, 2004

RIO DE JANEIRO

No Governo do Estado do Rio de Janeiro – Secretaria de Estado de Educação ‘O Programa Escolas de Paz – denominação do *Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz no Rio de Janeiro* – foi lançado em 2000, no auge da mobilização para o lançamento do Ano Internacional da Cultura de Paz. É fruto de uma parceria entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro e a UNESCO. Essa iniciativa marcou com destaque o desenho de políticas sociais para o combate à violência no Estado, estimulando debate e mobilização social sobre o papel da educação, da cultura, do lazer e do esporte associados à oferta de programas de cidadania¹⁹³.

RIO DE JANEIRO EM SÍNTESE

População: 14.392.106
 Número de Jovens: 2.616.863
 Início do Programa: 2000
 N° de escolas abertas: 70
 Média de beneficiários/mês: 120.000

Fontes: IBGE, 2001; UNESCO, 2003e 2004; Escolas de Paz, 2004.

BAHIA

‘No Estado da Bahia, o Programa *Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz* foi iniciado em dezembro de 2001, com 05 escolas envolvidas. Ao final de abril de 2002, mais 13 escolas estavam integradas ao projeto, num total de 18 escolas abertas no final de semana. Progressivamente, novas unidades escolares aderiram, num total de 24 escolas do subúrbio de Salvador até o final de maio de 2003. Hoje, o Programa funciona com 57 escolas públicas, envolvendo seus alunos e as comunidades vizinhas, abrangendo 42 bairros de Salvador. O Programa oferece oficinas de cultura, arte, esporte e lazer, relacionadas à construção de uma cultura de paz, as quais têm contribuído para a redução dos índices de violência de populações em situação de vulnerabilidade social. Essas escolas têm se transformado em espaços mais seguros para uma população de aproximadamente 17.000 pessoas (2003)¹⁹⁴.

¹⁹³ UNESCO, 2000, p. 24.

¹⁹⁴ UNESCO, 2000, p. 27.

BAHIA EM SÍNTESE

População: 13.085.769
 Número de Jovens: 2.902.075
 Início do Programa: 2001
 N° de escolas abertas: 57
 Público participante: 50.000

Fontes: IBGE, 2001; UNESCO, 2003 e 2004; Abrindo Espaços, 2004.

SÃO PAULO

O Governo do Estado de São Paulo – Secretaria de Estado da Educação/Fundação para o desenvolvimento de Educação denominou de *Programa Escola Da Família*.

Em agosto de 2003, foi lançado, pelo Governo do Estado de São Paulo, o Programa Escola da Família, desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação. Sua proposta consiste na abertura das escolas públicas estaduais nos finais de semana, transformando-as em centros comunitários, com o propósito de atrair os jovens e suas famílias para um espaço voltado à prática da cidadania, onde são desenvolvidas atividades artísticas, culturais e esportivas, colaborando, assim, para a reversão do quadro de violência que permeia a sociedade paulista. Atualmente o Programa está presente em 5.306 escolas da Rede Estadual de Ensino, abrangendo 645 municípios do Estado, beneficiando mais de 4 milhões de jovens e suas comunidades. São 89 Diretorias Regionais de Ensino envolvidas, com a participação de 312 coordenadores de área, responsáveis pelo acompanhamento das escolas, 5.306 mil educadores profissionais e 19.828 educadores universitários, além de 5.178 educadores voluntários cadastrados no Programa.¹⁹⁵

SÃO PAULO EM SÍNTESE

População: 37.035.456 habitantes
 Número de Jovens: 7.175.836
 Início do Programa: 2003
 N° de escolas abertas: 5.306
 Média de beneficiários/mês: 4.474.191

Fontes: IBGE, 2001; UNESCO, 2003 e 2004; Escola da Família, 2004.

PIAUI

Governo do Estado do Piauí – Secretaria de Estado da Educação e Cultura denominou o programa de Programa Escola Comunidade.

‘O Estado do Piauí concentra uma população, segundo dados do Censo Demográfico 2000 do IBGE, de 2.843.428 habitantes, representando 6% do total da população da Região Nordeste. Apesar da evolução no IDH no Estado nos últimos anos, o Piauí é considerado um dos Estados mais

¹⁹⁵ UNESCO, 2000, p. 29.

pobres da Federação. O crescimento da população, concentrando 62,9% em áreas urbanas, produziu uma realidade de condições econômico-sociais bastante adversa, acelerando um alto índice de desemprego, déficit de moradia, condições precárias de saúde, educação deficitária, entre outros direitos básicos que assegurem uma qualidade de vida à população'.¹⁹⁶

PIAÚÍ EM SÍNTESE

População: 2.843.428 habitantes

Número de Jovens: 621.040

Início do Programa: 2003

Nº de escolas abertas: 17

Média de beneficiários/mês: 3.000

Fontes: IBGE, Censo 2000; UNESCO, 2003 e 2004; Escola Aberta, 2004.

RIO GRANDE DO SUL

Governo do Estado do Rio Grande do Sul – Secretaria de Estado da Educação: Denominou de Escola Aberta para a Cidadania.

O Projeto Escola Aberta para a Cidadania foi implantado no Estado do Rio Grande do Sul em agosto de 2003, a partir do diagnóstico da realidade gaúcha que evidenciou a falta de alternativas e de espaços culturais, artísticos, esportivos e de lazer nos bairros periféricos das cidades. A Escola Aberta para a Cidadania é uma ação pedagógica inovadora, cuja proposta principal é a integração das atividades realizadas aos finais de semana com as atividades desenvolvidas nas salas de aula, durante a semana. Aos finais de semana, a escola torna-se um pólo irradiador de cultura, por meio de atividades culturais, artísticas, esportivas e de formação profissional, entre outras, ministradas poricineiros voluntários locais, que trabalham ações complementares à proposta pedagógica da escola. Desenvolve-se um processo de formação continuada de todos os envolvidos, por meio de ações centradas na filosofia do Projeto, seus princípios pedagógicos e metodológicos. Essa proposta é construída com diretores, monitores, facilitadores de oficinas e coordenadores regionais, por meio de encontros periódicos, promovidos pela equipe central.¹⁹⁷

RIO GRANDE DO SUL

População: 10.187.842 habitantes

Número de Jovens: 1.822.912

Início do Programa: 2003

Nº de escolas abertas: 150

Média de beneficiários/mês: 210.000

Fontes: IBGE, 2001; UNESCO, 2003 e 2004; Escola Aberta, 2004.

¹⁹⁶ UNESCO, 2000, p. 31.

¹⁹⁷ UNESCO, 2000, p. 33.

MINAS GERAIS

O Governo do Estado de Minas Gerais – Secretaria de Estado de Educação (SEEMG). Denominou o programa de *Projeto Escola Viva, Comunidade Ativa*.

O Projeto Escola Viva, Comunidade Ativa é um dos grandes projetos do Governo de Estado de Minas Gerais, desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação. É considerado um projeto estruturador do Governo de Minas que tem por objetivo promover mudanças na qualidade das interações entre a escola e a comunidade, com o objetivo de alcançar maior sintonia entre ambas, tendo como base valores como a colaboração e o respeito mútuo. O Escola Viva, Comunidade Ativa nasceu da necessidade urgente de atender às escolas localizadas em área de risco social, alto índice de violência e vulnerabilidade social, tendo como base pesquisa realizada pelo CRISP - Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais. Na 1ª etapa participaram do Projeto 81 escolas estaduais situadas em Belo Horizonte. As escolas tiveram que elaborar um Plano de Desenvolvimento Pedagógico e Institucional - PDPI que sistematizava suas necessidades nas dimensões física, pedagógica e na relação com a comunidade.¹⁹⁸

MINAS GERAIS EM SÍNTESE

População: 17.905.134

Número de Jovens: 3.556.332

Início do Programa: 2003

Nº de escolas abertas: 81

Média de beneficiários/mês: -

Fontes: IBGE, Censo 2000; UNESCO, 2003 e 2004; Abrindo Espaços no Escola Viva, Comunidade Ativa, 2004.

JUAZEIRO (BAHIA)

Prefeitura Municipal de Juazeiro – Secretaria Municipal de Educação denominou o programa de *Programa Construindo Cidadania E Conquistando A Paz*

O Programa Construindo Cidadania e Conquistando a Paz é uma ação em parceria entre a UNESCO e a Prefeitura Municipal de Juazeiro, através das Secretarias de Saúde, de Educação e Fundação Cultural, que teve início em outubro de 2003. Este Programa, que tem por objetivo proporcionar acesso ao lazer, esporte, arte, cultura e ações de educação e saúde, está sendo desenvolvido nos finais de semanas em 24 escolas municipais, sendo 02 localizadas na zona rural, beneficiando mais de 40.000 pessoas por mês.¹⁹⁹

JUAZEIRO EM SÍNTESE

População: 174.567

¹⁹⁸ UNESCO, 2000, p. 36.

¹⁹⁹ UNESCO, 2000, p. 38.

Número de Jovens: 84.948
 Início do Programa: 2003
 Nº de escolas abertas: 24
 Média de beneficiários/mês: 41.200

Fontes: IBGE, 2003; UNESCO, 2003 e 2004; Construindo Cidadania e Conquistando a Paz, 2004.

No intuito de oferecer uma visão do Estados da Federação que abraçaram o Programa elaborado pela UNESCO, apresentamos o quadro abaixo.

QUADRO 13 – Estados da Federação

Estado/Município	Nº de escolas abertas	População atendida/mês
Pernambuco	450	360.000
Rio de Janeiro	70	120.000
Bahia	57	50.000
São Paulo	5.306	4.474.191
Piauí	17	2.781
Rio Grande do Sul	150	210.000
Minas Gerais	81	*
Juazeiro	24	41.200

O trabalho feito pelas diversas escolas que adotaram o Programa Abrindo Espaços, é diversificado e adequado a cada realidade. Para uma melhor compreensão da extensão e da importância desse programa apresentamos a seguir um quadro onde nos é exposto as diversas possibilidades de oficinas oferecidas e quantas pessoas se envolvem nesse trabalho seja como professor, auxiliar ou mesmo pessoas que se inscrevem nas oficinas que mais se identificam e certamente tendo a oportunidade de entrar em contato com outras forma de aprender por meio de outras linguagens e não somente a de dentro de sala de aula. Vejamos:

TABELA 1 – Oficinas oferecidas nas Escolas de Paz²⁰⁰

OFICINAS	INCIDÊNCIA DAS OFICINAS ENTRE AS 70 ESCOLAS	PERCENTUAL DE INCIDÊNCIA DAS OFICINAS ENTRE AS 70 ESCOLAS	NÚMERO TOTAL DE PARTICIPANTES
Esporte	48 escolas	68,5%	2090 pessoas
Dança	46 escolas	65,7%	1959 pessoas
Artesanato	41 escolas	58,5%	1168 pessoas
Capoeira	36 escolas	51,4%	971 pessoas
Pintura	34 escolas	48,5%	698 pessoas
Música	25 escolas	35,7%	716 pessoas
Teatro	19 escolas	27%	406 pessoas
Informática	13 escolas	18,5%	865 pessoas
Artes marciais	12 escolas	17%	380 pessoas
Crochê	9 escolas	12,8%	196 pessoas
Artes	8 escolas	11,4%	352 pessoas
Pré vestib.Comum.	5 escolas	7%	266 pessoas
Reforço escolar	5 escolas	7%	70 pessoas
Culinária	5 escolas	7%	120 pessoas
Alfabetização	5 escolas	7%	276 pessoas
Reciclagem	4 escolas	5%	88 pessoas
Natação / Hidro	3 escolas	4%	279 pessoas
Modelo / Manequim	2 escolas	2%	50 pessoas
Eletrônica	2 escolas	2%	100 pessoas
Fotografia	2 escolas	2%	32 pessoas
Manicure	2 escolas	2%	40 pessoas
Mecânica	1 escola	1%	20 pessoas
Elétrica	1 escola	1%	20 pessoas
Educ. Ambiental	1 escola	1%	120 pessoas
Mont. manut. Micro	1 escola	1%	30 pessoas
Téc. Recepção	1 escola	1%	20 pessoas
Aux. Administrativo	1 escola	1%	18 pessoas
Marcenaria	1 escola	1%	20 pessoas
Vidraçaria	1 escola	1%	20 pessoas
Cabeleireiro	1 escola	1%	20 pessoas
Cortes e costura	1 escola	1%	15 pessoas
Animação de festas	1 escola	1%	20 pessoas
Telemarketing	1 escola	1%	21 pessoas
Manut. Celular	1 escola	1%	18 pessoas
Silk-screem	1 escola	1%	30 pessoas
Outras oficinas	10 escolas	---	752 pessoas

²⁰⁰ UNESCO, 2000, p. 41.

Uma parte de muita importância na execução de qualquer programa dessa natureza é sua avaliação constante. A avaliação é uma oportunidade de corrigir erros, amadurecer ideias, aprimorando mais e mais o projeto inicial fazendo-o crescer sem perder o dinamismo em sua realização.

A UNESCO e seus parceiros realizaram avaliações que comprovavam o êxito do Programa *Abrindo Espaços*, em relação ao índice de redução de violência com participação de adolescentes e jovens que são os maiores envolvidos e diversos tipos de delinquência ou como vítimas ou como agentes em situações de violência.

Vale ressaltar que no Estado de Pernambuco, onde existem escolas que abraçaram o programa desde 2000, apresentaram índices reduzidos em 54% inferiores em relação a outras escolas que entraram no programa dois anos depois em 2002. No Rio de Janeiro também o índice foi 31% inferiores as escolas que adotaram o Programa um ano depois, em 2001. Esses dados vem comprovar que o Programa surte efeito sim, é eficaz em sua proposta demonstrando que, enquanto política pública que cumpre o seu papel de forma inovadora, olhando para esses jovens e envolvendo-os na promoção de uma cultura da paz por meio de uma prática pedagógica transformadora.

O quadro abaixo apresenta os resultados dos avaliadores das escolas dos estados que abraçaram o programa, vejamos:

A partir de aplicação de instrumentos de coleta de dados, de relatórios e dos depoimentos dos participantes já é possível identificar os seguintes resultados das escolas que abraçaram o programa:

QUADRO 14 – Resultados dos avaliadores²⁰¹

- comunidade envolvida no Programa realizando atividades que desejam;
- integração entre família, comunidade e escola;
- potencialização de talentos no município;
- formação de multiplicadores;
- internalização da cultura de paz;
- melhora da auto-estima;
- presença da família dentro das escolas;

²⁰¹ UNESCO, 2000, p. 10.

- participação da família nas oficinas do programa;
- integração e diálogo da família na volta para casa;
- redução de depredação das escolas com as oficinas nos finais de semana;
- redução da evasão escolar;
- maior motivação dos alunos nas aulas;
- busca da auto-aceitação.

Esses resultados comprovam a eficácia do programa. Como também, nas outras escolas acima supracitadas, as atitudes dos alunos foram expressas com um comportamento mais tranquilo.

A violência é um problema social que está presente nas ações dentro das escolas, se manifestando de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo. Ela está tão perto de nós e de uma forma tão contundente que não há como ficar isento de emitir uma opinião. Há violência doméstica, no trânsito, nas relações interpessoais, nas relações profissionais, violência por parte de quem devia coibi-la, violência em lugar de carinho e proteção, violência nos atendimentos ao público, nos ônibus, nas repartições públicas e sempre que se tratar alguém com indiferença e desumanidade.

Como viver em segurança, envolvidos por uma sociedade tão fortemente marcada pelas notícias macabras de filho matando mãe, de pai abusando de suas filhas, de crianças agredidas fisicamente sem nenhuma possibilidade de se defenderem?

As escolas podem contribuir com ações organizadas como a proposta feita pela UNESCO com o Programa Abrindo Espaços, com a convicção que há mudança por parte dos alunos já comprovada por meio das avaliações feitas.

Quanto aos motivos para o mundo estar tão violento, tem-se algumas justificativas: injustiça social - uns poucos com muito e muitos com tão pouco para sobreviverem de maneira digna; falta de punição - a impunidade aos criminosos, a flexibilidade da justiça, dois pesos e duas medidas na aplicação da justiça, rigidez com alguns e flexibilidade para outros; a falta de ética dos líderes, dos responsáveis por construírem leis que tragam paz a nação - não há modelo a seguir olhando a pessoa pública que nos representa nas grandes casas de decisão; a falta de um

princípio norteador que nos console e conforte e a falta da fé e do compromisso com Deus.

A intolerância, o desrespeito, o não acatamento formal dos direitos de outrem, mercê uma explosão soberana de direitos pessoais afrontados, é o que está no âmago do fenômeno.²⁰²

A escola pode e deve fazer algo para superar esse grande desafio que tem caracterizado a sociedade contemporânea. Ela pode começar com a conscientização de todos os envolvidos no processo educativo. Escola é lugar propício para a formação do ser ético e moral, sejam eles alunos, professores ou demais funcionários. Nas escolas, as relações do dia a dia devem traduzir respeito ao próximo, através de atitudes que levem por meio de ações coletivas o desenvolvimento da amizade, da harmonia e da integração das pessoas, visando atingir os objetivos propostos no projeto político-pedagógico da instituição, em parceria com as políticas públicas apresentadas acima, que devem incluir a formação de um ser humano capaz de conviver em grupo respeitando as diferenças, aceitando-se por meio de um trabalho para o resgata de sua autoestima, envolvendo-se com ações de paz e de não-violência.

A família e os pais são de grande importância no resgate desses jovens e adolescentes. Por isso que, agregar a família nos projetos escolares na promoção da paz é fundamental. A família é responsável pela primeira educação da criança. No dizer de Ana Maria Bock “a família tem tanta importância na formação da pessoa que podemos compará-la ao alicerce da construção de uma casa. Depois, ao longo da sua vida, virão novas experiências que continuarão a construir a casa/ indivíduo, relativizando o poder da família”.²⁰³

É na família que se começa o aprendizado dos conceitos de respeito, de autoridade e de limites. Nas escolas, os alunos apenas se expressam da forma como a família os moldou.

É preciso que haja interação entre os responsáveis de todos os níveis escolares que organizem ações intensas no objetivo de coibir a violência. O espaço escolar pode ser o ponto de convergência desses esforços, resgatando o valor primordial da educação e os limites que podem ser estimulados com um

²⁰² GOMES, Júlio César Meirelles. Saúde e violência, uma contradição bioética. *Bioética*, Brasília, Conselho Federal de Medicina, vol. 12, n. 2, p. 55-62, 2004. p. 56.

²⁰³ BOCK, Ana Maria; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, M^a de Lourdes Trassi. *Psicologias*. Uma introdução ao estudo da psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. p. 241.

acompanhamento atencioso dos pais, e além do mais existem programas que integram família, comunidade alunos e, também, uma grade curricular estimulante e um ambiente que possa ser o berço de relações profundas e responsáveis.

O movimento da Cultura de Paz é uma realidade possível para trabalhar com crianças e jovens em formação. Possível, pois, ao aplicar em uma sala de aula como uma reflexão de como devem tratar o outro, trazendo diferença no comportamento observável. As avaliações da equipe da UNESCO comprovam que o comportamento dos jovens foi modificado quanto ao índice de violência e depredação do ambiente físico escolar.

Promover a paz é mais que um projeto. Cada um que está envolvido no processo educativo em todas as fases, desde a creche, passando pelo ensino fundamental, médio e superior tem que se conscientizar que pode ser um instrumento de mudança.

É bem verdade que precisamos nos habilitar para disseminar ações pacificadoras. Scazzero aponta uma série de ferramentas e exercícios que são úteis para todo tipo de relacionamento. Cada uma, ao seu modo, contribui para tornar-nos verdadeiros pacificadores a imagem e semelhança de Cristo. De forma resumida diz-nos que: “Falar e ouvir é a essência de um relacionamento Eu-Tu. [...] No papel de quem fala: fale de seus próprios pensamentos. Seja breve. No papel de quem ouve: fique calmo e em silêncio como se estivesse diante de Deus”.²⁰⁴

Na oração de São Francisco de Assis ele fala podemos observar o desejo sincero de ser um instrumento de transformação para uma sociedade tão carente de amor, solidariedade, justiça e paz.

Senhor faça- me instrumento de vossa Paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor;
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
Onde houver discórdia, que eu leve a união;
Onde houver dúvida, que eu leve a fé;
Onde houver erro, que eu leve a verdade;
Onde houver desespero, que eu leve a esperança;
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Ó Mestre, Fazei que eu procure mais

²⁰⁴ SCAZZERO, 2013, p. 232.

Consolar, que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;
amar, que ser amado.
Pois é dando que se recebe,
é perdoando que se é perdoado,
e é morrendo que se vive para a vida eterna.

Destacando-se: “Senhor, fazei-me um instrumento de vossa paz, o que isso realmente significa”.

Anderson Cavalcante e Gabriel Perissé falam que, a oração de São Francisco nos ensina “a sonhar e a lutar pela paz. A paz em nossa casa, nas ruas, nas cidades e entre todas as nações. A Paz, sobretudo, dentro de cada um de nós”.²⁰⁵

Semear a paz deve começar dentro cada um de nós. Não é simples esse processo da prática de ações pacificadoras em nosso dia a dia. O fato de desejarmos a paz nem sempre significa que consigamos em todo tempo. “Cultivar a paz, no falar, no agir, não significa camuflar os problemas e fingir que tudo vai bem”.²⁰⁶

Cavalcante e Perissé dizem,

Na sociedade conturbada que vivemos, sentimos medos de todos os tipos. Temos medo de sermos substituídos e descartados como objetos obsoletos. Não nos sentimos seguros com relação ao futuro, daí a importância de promover a paz.²⁰⁷

A insegurança que sentimos tem a ver com as nossas vivências também em relação à violência que nos rodeia. E quanto à violência a nós compete não nos calarmos. Unir as nossas vozes em um grande coro contra substituindo essa prática por ações pacificadora. Como por exemplo: Não compactuarmos com a injustiça. Jamais sermos parte de qualquer ação de injustiça contra o próximo nem que venhamos a nos prejudicar. Jamais unir nosso agir em um movimento contra o semelhante de forma a tirarmos proveito da situação para nos beneficiarmos. O que depender de nós, propaguemos a paz e vivamos dessa forma; Sendo instrumentos de paz.

²⁰⁵ CAVALCANTE, Anderson; PERISSÉ, Gabriel. *A oração de São Francisco*. Fé, esperança e paz para uma vida feliz. Rio de Janeiro: Sextante, 2013. p. 24.

²⁰⁶ CAVALCANTE; PERISSÉ, 2013, p. 24.

²⁰⁷ CAVALCANTE; PERISSÉ, 2013, p. 9.

Violência não é somente física, mas, moral e ética, desrespeito para com o próximo ferindo sua dignidade, discriminando o outro por pensar diferente de nós.

Para se alcançar a paz verdadeira George Foster apresenta que, o nível mais elevado de paz que pode existir encontra-se na bíblia em Filipenses 4.4,9.

Alegrem-se sempre no Senhor. Novamente direi: Alegrem-se! Seja a amabilidade de vocês conhecida por todos. Perto está o Senhor. Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus. É a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus. Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas. Ponham em prática tudo o que vocês aprenderam, receberam, ouviram e viram em mim. E o Deus da paz estará com vocês.

Foster destaca o versículo “A paz de Deus que excede todo entendimento” Continua ele, “É a paz que guarda nosso coração e nossa mente quando estamos enfrentando problemas tão graves que, humanamente falando, não temos condições de estar tranquilos em tal situação”.²⁰⁸

No que cabe a educação, é se preocupar com o sujeito de forma inteira. Na escola é onde se desenvolve projetos educativos com objetivos de preparar o ser humano para viver em sociedade. Esse ser é mais que um depósito de conhecimento, tem sentimentos, intelecto e uma história de vida. A educação por meio de cada um de nós deve divulgar um viver correto, de transmitir a ética pautada na solidariedade, na busca da igualdade de oportunidades para todos, no respeito às diferenças e entendendo que esse ser integral é importante e deve ser revitalizado pela aquisição de novos conhecimentos e que vai construindo sua autonomia de pensar e agir.

No dizer de Brakemeier: “A Educação tem o compromisso indeclinável com o amor e a paz”,²⁰⁹ dizemos, eu, você, a família, as instituições religiosas, a escola, a sociedade como um todo tem um compromisso inadiável com o *amor e a paz*.

²⁰⁸ FOSTER, George. *Paz Interior em tempos de Crise*. Belo Horizonte: Betânea. 2004. p. 21-22.

²⁰⁹ BRAKEMEIER, 2002, p. 13.

CONCLUSÃO

Nesta conclusão da pesquisa faz-se necessário um olhar sobre tudo que foi escrito sem, no entanto, dizer-se finalizado, pois muito se tem ainda a pesquisar sobre o tema.

O objetivo deste estudo foi verificar o Movimento da Cultura da Paz, com a contribuição do diálogo entre a bioética e o sermão do monte, e a implantação da Cultura da Paz na escola, sendo a escola um local propício para as transformar os comportamentos dos jovens, em benefício da sociedade a qual se deseja, mais justa e solidária. Após mergulhar em textos de autores com experiências a respeito da Cultura da Paz, como também sobre a religião, especialmente a cristã, e a relação entre a bioética e o sermão do monte e a importância na difusão da paz entre as pessoas e suas aplicações no tratamento do ser humano e o respeito à natureza conclui-se que é possível crer na transformação social tendo a educação como carro chefe e a escola como local propício para a concretização da implantação da Cultura da Paz.

Alguns pontos devem ser destacados nesse espaço conclusivo da dissertação:

Primeiro: O movimento denominado Cultura de Paz é mundial e tem na UNESCO a sua principal promotora na propagação da tolerância, da democracia e do respeito ao próximo. Para se conseguir esse nível de relacionamento humano faz-se necessário todo esforço e ações conscientes em prol da paz. Isso não exige de passar por conflitos, pois eles sempre estarão presentes, fazendo parte da nossa humanidade.

Nesse caminhar por uma Cultura da Paz há fatores importantes a serem considerados, como o respeito a diversidade cultural, étnica, religiosa. A busca pela convivência harmoniosa entre as pessoas, animais e a natureza. E mais o combate à violência em todos os seus aspectos física, moral, psicológica contra crianças, jovens, adolescentes, mulheres e idosos. Para promover a paz faz-se necessário promover as transformações indispensáveis para que a paz seja o princípio governante de todas as relações humanas e sociais.

A UNESCO se empenha na propagação da Cultura da Paz convocando a todos os países que se unam em benefício da paz.

Em segundo lugar, os ensinamentos de Cristo em harmonia com os pilares da bioética mostram por meio das suas propostas de uma vida digna, justa e respeitosa, um compromisso social relevante. Em seu sermão do monte, Cristo nos convoca a uma prática revolucionária quando menciona nas bem-aventuranças que verdadeiramente felizes são os que praticam a misericórdia, a bondade, são humildes, são pacificadores, justos, compassivos, limpos de coração e que sofrem perseguição por causa da justiça. E os que perdoam os ofensores, oferece a outra face, dá além do que se pede, ora e ama os inimigos. Em consonância com os pilares da bioética de autonomia, não maleficência, beneficência e justiça formando os quatro princípios condutores de um viver ético, humano e justo.

A bioética se atenta às questões da área de saúde, mas não se limita apenas a ela, mas a tudo que envolve a prática justa e ética das relações humanas como também o cuidado com todo ecossistema. Vale ressaltar que uma característica fundamental da bioética é a humildade. A paz é fruto indissociável da humildade, da justiça, da bondade. Por isso a grande contribuição da bioética para a propagação da paz é a luta constante e atenciosa pela justiça e bondade nas ações humanas.

Em terceiro lugar, a escola tem um papel importantíssimo como espaço próprio para a implantação do bem, do respeito ao outro, da prática da compaixão, da misericórdia. Local onde a Cultura da Paz deve ser introduzida fazendo parte de um currículo dinâmico, não engessado, mas, sendo flexível o suficiente para atender as necessidades que a sociedade atual apresenta qual seja, conter a violência.

As escolas dos estados da federação brasileira que abraçaram o projeto *Abrindo Escolas nos Finais de Semana*, apoiado pela UNESCO em parceria com estados, municípios e secretarias?, após a avaliação por uma comissão própria teve resultados animadores quanto a redução de ações violentas no bairro, conservação da escola em seu aspecto físico e o envolvimento expressivo dos alunos e alunas, família e comunidade.

Combater a violência e se envolver no movimento da Cultura da Paz requer determinação e estar disposto a se doar com seu tempo, buscando ouvir o outro, lutando pela justiça, pela bondade, com um coração misericordioso, buscando viver em consonância como o que se diz e acredita.

A escola tem desafios a serem superados. Foram mencionados os desafios da evasão escolar, da violência e da falta de formação continuada de professores.

Cada desafio é um obstáculo possível de ser superado com empenho, dedicação e enfrentamento do problema com ações produtivas com vistas superar os obstáculos existentes. Principalmente o combate à violência com ações transformadoras já vivenciadas por algumas escolas com resultados alentadores renovando a esperança de que 'é possível promover ações em prol da paz e, conseqüentemente, diminuir ações violentas por parte de alunos e alunas das comunidades onde as escolas estão inseridas.

E por fim, a religião, em especial a cristã, pode contribuir significativamente para com a promoção e a difusão da paz. A Bíblia o livro básico do cristão, e os ensinamentos nela contidos podem servir de orientação para todos que desejam viver e difundir a paz nas relações humanas.

Importa fomentar uma Cultura de Paz, a esperança para um viver em sociedade com toda a potencialidade humana onde as energias podem ser canalizadas para ações que vêm beneficiar a todos. São necessárias novas descobertas em prol do bem, da saúde, da educação, da moradia digna, do lazer saudável. Importa combater o egoísmo, a injustiça, a ganância, e em contrapartida presentear o mundo com amor, bondade, misericórdia e no desejo de contribuir com a promoção da dignidade, da ética e da felicidade. Finalizo com as palavras de Charles Chaplin com a seguinte ressalva: há uma parte de um viver em paz que realmente depende de cada pessoa escolher como quer viver mas, se torna muito difícil ou quase impossível de não partir de uma transformação interior que por nós mesmos fica impraticável. Quando adota-se uma genuína conversão aos ensinamentos de Cristo, a paz encarnada, vivenciada entre os seres humanos enquanto aqui viveu, aí sim podemos ter esperanças de que a parte que compete a cada um de nós alcançará o êxito que tantos sonhamos, um mundo que dialoga, que enfrenta suas crises e encontra a melhor alternativa na paz para solucioná-las.

Só depende de nós...

(Charles Chaplin)

Hoje levantei cedo pensando no que tenho a fazer antes que o relógio marque meia noite. É minha função escolher que tipo de dia vou ter hoje.

Posso reclamar porque está chovendo ou agradecer às águas por lavarem a poluição. Posso ficar triste por não ter dinheiro ou me sentir encorajado para

administrar minhas finanças, evitando o desperdício. Posso reclamar sobre minha saúde ou dar graças por estar vivo.

Posso me queixar dos meus pais por não terem me dado tudo o que eu queria ou posso ser grato por ter nascido. Posso reclamar por ter que ir trabalhar ou agradecer por ter trabalho. Posso sentir tédio com o trabalho doméstico ou agradecer a Deus por ter um teto para morar.

Posso lamentar decepções com amigos ou me entusiasmar com a possibilidade de fazer novas amizades. Se as coisas não saíram como planejei posso ficar feliz por ter hoje para recomeçar.

O dia está na minha frente esperando para ser o que eu quiser. E aqui estou eu, o escultor que pode dar forma.

Tudo depende só de mim.²¹⁰

²¹⁰ CHAPLIN, Charles. *Só depende de nós.* Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/mensagens_e_pensamentos.htm>. Acesso em: 16 abr. 2014.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA Jerri Roberto. *Filosofia da Convivência*. 2 ed. Porto Alegre: AGE, 2006.
- ALMEIDA, Ana Rita S. *Emoção na Sala de Aula*. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- ARANHA, M^a Lúcia Arruda. *Filosofia da educação*. 2 ed. Revista e ampliada. São Paulo: Moderna, 1996.
- BAGGIO, Ângela M. B. apud BARROS, Célia Silva Guimarães. *Pontos de Psicologia do Desenvolvimento*. 9 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BARROS, Célia Silva Guimarães. *Pontos de Psicologia do Desenvolvimento*. 9 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BARROS, Marcelo. *A Urgência da Paz e o Papel das Religiões*. Texto de 17 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/25947>>. Acesso em: 01 abr. 2014.
- BEAUCHAMP, Tom; CHILDRESS, James Franklin. *Principles of Biomedical Ethics*. 4 ed. New York: Oxford, 1994.
- BÍBLIA de Almeida. Revisada e Atualizada. São Paulo, Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. 2006.
- BIOÉTICA no Brasil. Iniciativas Institucionais. Disponível: <<http://www.bioetica.org.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2013.
- BOCK, Ana Maria B. *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BOCK, Ana Maria; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, M^a de Lourdes Trassi. *Psicologias. Uma introdução ao estudo da psicologia*. 14 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BOFF, Leonardo. *Cultura de Paz*. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/culturapaz.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2014.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *O Ser Humano em Busca da identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulus, 2002.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*.
- BRÍGIDO, Carolina. Censo registra 1 milhão de alunos a menos no país. Globo, 21 de dez. 2010. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/424368/noticia.htm?sequence=1>>. Acesso em: 14 maio. 2014.
- BUTIGAN, Ken. *Da Violência a Integridade*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. *Paulo Freire: sua visão de mundo, de homem e de sociedade*. Caruaru: FAFICA, 2001.

CARTILHA DA PAZ. Elaborada pela Associação projeto Não Violência Brasil. Cedidos ao Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCom), 1999.

CARVALHO, Jailton de. *Experiente repórter do Jornal do Brasil*. Disponível em: <<http://www.linkedin.com/in/jailtoncarvalho>>. Acesso em: 8 nov. 2013.

CAVALCANTE, Anderson; PERISSÉ, Gabriel. *A oração de São Francisco*. Fé, esperança e paz para uma vida feliz. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

CEIP. *Convenção Ecumênica Internacional pela Paz*. Disponível em: <<http://www.overcomingviolence.org>>. Acesso em: 24 jun.2014.

CESCON, Everaldo; NODARI, Paulo Cesar (Org.). *Filosofia, Ética e Educação: Por Uma Cultura de Paz*. São Paulo: Paulinas, 2011.

CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: 2004.

CHAPLIN, Charles. *Só depende de nós*. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/mensagens_e_pensamentos.htm>. Acesso em: 16 abr. 2014.

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: Um trabalhador na contradição. *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, Salvador, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, v. 1, n. 1, p. 18-31, jan./jun, 1992.

COMITE Paulista para a Década da Cultura da Paz. 201-2010. Disponível em: <<http://www.comitepaz.org.br/>>. Acesso: 10 ago. 2013.

BIOPSIKOSSOCIAL: *modelo seguido pela área de saúde*. Uma visão integral do ser e do adoecer que compreende as dimensões física, psicológica e social. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/biopsicossocial>>. Acesso em 11 nov. 2013.

FRASES Sobre a Paz. Disponível em <<http://www.amigodecristo.com/>>. Acesso em: 10 set. 2013.

CRUZ, Elaine Patrícia. Todos os dias, cerca de 360 crianças e adolescentes são vítimas de violência no país. *Agência Brasil*. Notícia de 28 de dezembro de 2010, 08h05. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-12-28/todos-os-dias>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. *Educação para uma sociedade em transição*. Campinas, SP: Papirus. 1999.

DELORS, Jacques. *Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI*. Brasília: UNESCO, 1998.

DEMO, Pedro. *Professor do futuro e reconstrução do conhecimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. Revista Profissão Mestre. Curitiba, Paraná, ano 6. n. 61. p. 18- 26. out. 2004.

DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.dicionarioaurelio.com>>. Acesso em: 18 out. 2013.

DICIONÁRIO Houaiss. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/houaiss>>. Acesso em: 29 out. 2013.

DICKSON, John. *Humilidas. Voltando ao Caminho para vida, amor e liderança*. São Paulo: Editora Vida, 2012.

DINIZ, Maria Helena. *O estado atual do biodireito*. 2 ed. aum. e atual., de acordo com o novo Código Civil (Lei n. 10.406, de 10.01.2002). São Paulo: Saraiva, 2002.

DISKIN, Lia; GORRESIO, Roizman Laura. *Paz como se faz*. Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro; UNESCO; Associação Palas Athena, 2002.

ENGELMANN, Wilson. *Para entender o princípio de igualdade*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

ESCOLAS Difundem Cultura de Paz. *Diário do Nordeste*. Disponível em: <http://www.diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/escolas>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

FAMÍLIA. Disponível em: <<https://www.portalvital.com/sua-vida/familia/familia-convivencia-harmonica-e-feliz>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

FOSTER, George. *Paz Interior em tempos de Crise*. Belo Horizonte: Betânea. 2004.

FREIRE, Paulo. Escola cidadã, Palestra. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zc1ruqunx7i>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

_____. *Frases sobre Educação*. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/paulo_freire_frases_educacao/>. Acesso em: 20 jun. 2014.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GADOTTI, Moacir. *A escola e o Professor*. Paulo Freire e a Paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GOIÁS. Ministério Público. *Violência Contra Idosos*. Disponível em: <http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/violencia_contra_idosos.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2014.

GOLDIM José Roberto. Bioética e Interdisciplinaridade. *Educação, Subjetividade & Poder*, Ijuí, vol. 4, n. 1, p. 24-28, 1997. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/biosubj.htm>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

_____. Bioética como nova ciência ética que combina humildade, responsabilidade e uma competência interdisciplinar, intercultural e que potencializa o senso de

humanidade. *Revista do Hospital das Clínicas Porto Alegre (HCPA)*, Porto Alegre, vol. 26, n. 2, p. 86-92, 2006.

GOMES, Júlio César Meirelles. Saúde e violência, uma contradição bioética. *Bioética*, Brasília, Conselho Federal de Medicina, vol. 12, n. 2, p. 55-62, 2004.

GRAGLIA, J. Emílio. *Em busca do bem comum*. Manual de Políticas Públicas. Buenos Aires: Associação Civil de Estudos Popular e a Fundação Konrad Adenauer, 2012.

CARTILHA da Paz. Associação Projeto não Violência Brasil. Curitiba: Grupo Paranaense de Comunicação, 2002.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. O futuro não será de caos e miséria: fortalecendo uma cultura de paz, *Cadernos da ESTEF*, Porto Alegre, ano 29, n. 2, p. 05-23, 2002.

HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HICKS, David. *Educación para la paz: cuestiones, principios y práctica en el aula*. Madrid: Ministerio da Educación y Ciencia, 1993, *apud* RABBANli, 2003.

HUMILDADE. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/humildade/>>. Acesso: 29 out. 2013.

IPEA Revela dados inéditos sobre violência contra a mulher. Notícia de 19 de setembro de 2013, 9h55. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=19873>. Acesso em: 15 jan. 2014.

JACOBSEN, Eneida. Modelos de Teologia Pública. In: CAVALCANTE Ronaldo; SINNER, Rudolf von (Orgs.). *Teologia Pública em Debate*. São Leopoldo: Sinodal/EST, p. 53-70, 2011.

KILPP, Nelson. *Espiritualidade e compromisso*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

LIGON, Ernest M. *Psychology of Christian Personality*. Nova York: Macmillan, 1961.

LÜCK, Heloísa. *Escola participativa*. O trabalho do gestor escolar. Petrópolis: Vozes, 2005.

LUZURIAGA, Lorenzo. *História da educação e da pedagogia*. 13 ed. São Paulo: Nacional, 1981. p. 20-22. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/pedagogia/historia-da-educacao>>. Acesso em: 9 jul. 2013.

MILANI, Feizi Masrour. Cultura de paz x violências: papel e desafios da escola. In: MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de Cássia Dias P. (Orgs.). *Cultura de Paz: Estratégias, Mapas e Bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003.

MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de Cássia Dias P. (Orgs.). *Cultura de Paz: Estratégias, Mapas e Bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003.

NOLETO Marlova Jovchelovitch; CASTRO, Mary Garcia; AMABROVAY, Miriam. *Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz*. 3 ed. Brasília: UNESCO, 2004.

O CASO da Escola de Realengo-Rio e a Cultura da Paz. 2011. Disponível em: <http://educapazjairtes.blogspot.com.br/2011_04_01_archive.html>. Acesso em: 10 jun. 2014.

OLIVEIRA, Ivone Boechat. *Nós da educação*. Rio de Janeiro: Reproarte, 2002.

_____. *Por uma escola humana*. 3. ed. Brasília/DF, 1997.

_____. *Uma Escola que Ensina a Amar*. Brasília: CNEC Edições, 1997.

OLIVEIRA, Ivone Brandão de. *Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PERRENOUD, Philippe. *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. 2 ed. São Paulo: Artmed, 2001.

PILAR, Maria. *Evasão Escolar*. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2011/10/indice-de-evasao>>. Acesso: 10 ago. 2013.

POZZAGNOLO, Inês. *Bem-Aventuranças. Didaqué: querigma e ensino transformador*. São Leopoldo: Oikos, 2013.

PROJETO “Cultuando a Cultura da Paz”. Escola Municipal Marianne Eckes. Disponível em: <<http://escolamarianneeckes.blogspot.com.br/2012/04/projeto-cultuando-paz-na-escola.html>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

RABBANI, Martha Jadali. Educação para a paz. In: MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de Cássia Dias P. (Orgs). *Cultura de Paz, Estratégias, Mapas e Bússolas*. Salvador: INPAZ, p. 63-94, 2003.

REVISTA Escola. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formador-criancas-pequenas-422947.shtml?page=all>>. Acesso em: 15. maio. 2014.

RODRIGUES, David. *A escola face à diversidade*. Disponível em: <<http://www.piblico.pt/sociedade/noticia/a-escola-face-a-diversidade-1610537>>. Acesso em: 28 out. 2013.

ROSS, William David. *The right and the Good*. Oxford: Clarendon, 1930.

SALES, Antônia de Jesus. *A Escola Através dos Tempos*. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-escola-atraves-dos-tempos.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

SCAZZERO, Petter. *Espiritualidade Emocionalmente Saudável: desencadeie uma revolução em sua vida com Cristo*. São Paulo: Hagnos, 2013.

SINNER, Rudolf von. *Confiança e Convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

_____. Religião e paz: teses a partir de uma visão cristã em perspectiva evangélico-luterana. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 17-30, jun. 2006.

STOTT, John. *Contra Cultura Cristã*. São Paulo: ABU, 1981.

TOULMIN, Stephan *apud* CASCAIS, Antônio Fernando. *Genealogia, âmbito e objeto da bioética*. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=cascais-antonio-genealogia>. Acesso em: 10 ago. 2013.

TRIBUNAL De Nuremberg. História do mundo. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/ldadeContemporânea>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

UNESCO. *A Unesco e a Cultura de Paz*. Comitê Paulista para a década da Cultura da Paz. 2001-2010. Disponível em: http://www.comitepaz.org.br/a_unesco_e_a_c.htm. Acesso em: 29 out. 2013.

_____. *Declaração Universal de Diversidade Cultural*. Brasília: EDITORA?, 2001.

_____. *Guia Prático Para Abrir Escolas Nos Finais De Semana*. Programa Abrindo Espaços: Educação E Cultura Para A Paz. 2000. p. 05. Disponível em: <http://portal.unesco.org/culture/en/files/29922/11392194311guia_para_abrir_escolas_nos_finais_de_semana.htm>. Acesso em: 4 abr. 2014.

VARELA, Dráuzio. *Adoecer Nunca Mais*. Disponível em: <<http://www.sitedopastor.com.br/artigos/naoadoecer.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

WACHHOLZ, Wilhelm. Lutero: legados pedagógicos e comunitários. In: BRANDENBURG, Laude Erandi; WACHHOLZ, Wilhelm (Orgs.). *Contribuições do luteranismo para a educação*. São Leopoldo: Sinodal-EST, p. 9-27, 2010.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência no Brasil*, Jovens do Brasil. Instituto Sangrali e Ministério da Justiça, 2011. p. 18. Disponível em: <<http://www.observatorioseguranca.org/estatisticas>>. Acesso em: 18 out. 2013.

_____. *Mapa da violência de 2013*. Mortes matadas por arma de fogo. Rio de Janeiro: CEBELA - Centro Brasileiro de Estudos Latino-americanos; FLACSO Brasil, 2013.

WEIL, Pierre. *A arte de viver em paz: por uma nova consciência e educação*. 8 ed. São Paulo: Gente, 2002.

WESLEY, John. *O Sermão do Monte*. [traduzido por Lucy Yamakami]. São Paulo: Editora Vida, 2012.

WESTPHAL, Euler Renato; FONTANA Volmir. Teologia Pública e Bioética. In JACOBSEN, Eneida; SINNER, Rudolf von; ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.). *Teologia Pública: Desafios Éticos e Teológicos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, p. 69-88, 2012.